



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL
(PROFLETRAS-UFPA)

HELENA DO SOCORRO DAMASCENO PALHETA BORGES

**CONSTRUÇÃO DE GLOSSÁRIO COMO MEDIAÇÃO
DA ESCRITA DE ALUNOS DO CAMPO**

BELÉM
2019

HELENA DO SOCORRO DAMASCENO PALHETA BORGES

**CONSTRUÇÃO DE GLOSSÁRIO COMO MEDIAÇÃO
DA ESCRITA DE ALUNOS DO CAMPO**

Dissertação submetida ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos. Linha de pesquisa: Teorias da linguagem e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima

BELÉM
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

B732c Borges, Helena do Socorro Damasceno Palheta
Construção de glossário como mediação da escrita de
alunos do campo / Helena do Socorro Damasceno Palheta
Borges. — 2019.
196 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima
Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Letras
em Rede Nacional, Instituto de Letras e Comunicação,
Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Educação do campo e ensino de língua. 2. Léxico
especializado. 3. Sociolinguística educacional. I. Título.

CDD 418.0071

HELENA DO SOCORRO DAMASCENO PALHETA BORGES

**CONSTRUÇÃO DE GLOSSÁRIO COMO MEDIAÇÃO
DA ESCRITA DE ALUNOS DO CAMPO**

A presente Dissertação de Mestrado, orientada pelo Professor Doutor Alcides Fernandes de Lima, foi submetida à Banca Examinadora, designada pelo colegiado do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS/UFGA).

Data de aprovação: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima – Presidente (UFGA)

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão – Membro Externo (UFGA)

Profa. Dra. Marilucia Barros de Oliveira – Membro Interno (UFGA)

Prof. Dr. Marcos André Dantas da Cunha – Suplente (UFGA)

Com amor,
aos meus filhos Klaus e Kaimon.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela dádiva da vida e por sempre me conduzir pelos caminhos certos e me acalmar nos momentos mais difíceis.

A meu marido Claudio Gonçalves Borges, pela paciência, companheirismo e café. Seu apoio e sua presença foram importantes para mim.

A meus filhos Klaus Borges e Kaimon Borges, pela força, pela ajuda, pelo apoio com gestos simples como um abraço, um beijo ou um sorriso.

A todos os meus familiares, em especial aos meus pais, por sempre me apoiarem e entenderem minha ausência em certos encontros.

A Pedro, meu amado neto, pelas brincadeiras, sorrisos e declaração “eu te amo”, que me ajudaram a relaxar.

A meu orientador, professor Alcides Fernandes de Lima, pelos valiosos ensinamentos, pela paciência e por acreditar na construção desta pesquisa.

A meus alunos do sexto e sétimo ano, que foram meus colaboradores participantes da pesquisa, que se dedicaram e se esforçaram para fazer o melhor. Serei eternamente grata a cada um e a Lucas (+) que se foi tão cedo.

Ao professor Jorge Luís Conceição Ferreira, pela honrosa colaboração das técnicas agrícolas, dos livros e materiais disponibilizados para a pesquisa.

A todos os professores do curso, pelas excelentes aulas, incentivos e confiança em nossas práticas em sala de aula, que fortaleceram em mim o desejo de lutar pela educação pública de qualidade. A vocês, Alcides Fernandes, Isabel Rodrigues, Thomas Fairchild, Marcos André, Márcia Ohuschi, Iaci Abdon, Fernando Maués, Fátima do Nascimento, Sílvio Holanda e Francisca Carvalho, minha eterna gratidão.

À Cláudia Mancebo, secretária do Profletras, amiga de todos os mestrandos, pessoa e profissional exemplar, sempre disposta a ajudar.

À amiga Josiane Dias de Azevedo, pela amizade, apoio nos trabalhos em equipe e pelo companheirismo durante a dissertação. Admiração e orgulho por você e pelo desempenho em seu trabalho.

A João Batista Poça da Silva, pelo apoio, orientações e empréstimo de importantes livros, os quais contribuíram para minha pesquisa.

À amiga Jaqueline de Andrade Reis e sua família, pela amizade, incentivo e por ser companheira de grandes momentos, acadêmicos e pessoais.

A todos os meus colegas da turma do Profletras, pelas interações, troca de experiências, apoio nas apresentações dos trabalhos e pelo companheirismo, que permitiu superar as dificuldades.

Aos professores Carmen Lúcia Reis Rodrigues e Marcos André Dantas da Cunha, que participaram de minha Banca de Qualificação e contribuíram de forma significativa para o aprimoramento deste trabalho.

À CAPES, pela bolsa de estudo concedida, que possibilitou o percurso da realização desta pesquisa e, conseqüentemente, da contribuição para o ensino.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta etapa de formação acadêmica fosse concretizada.

“A língua não é apenas o meio pelo qual descrevemos e dizemos o mundo, mas o meio pelo qual adquirimos, organizamos e socializamos toda forma de conhecimento”

(LIMA, 2017, p. 311)

RESUMO

O presente trabalho trata das dificuldades de leitura e escrita de textos de alunos da Escola do Campo. O objetivo geral da pesquisa consiste em descrever os principais problemas de escrita dos alunos e construir uma proposta didático-pedagógica para se enfrentar essa realidade. Como se sabe, as atividades de leitura e escrita envolvem processos sociocognitivos complexos e exigem domínios de habilidades (igualmente complexas) que se adquirem e se desenvolvem por meio de práticas linguísticas que favoreçam a conceptualização e a verbalização do mundo. Tais práticas linguísticas envolvem, por exemplo, a observação e a reflexão sobre as coisas do mundo, a produção de texto (oral e escrito), a reescrita e a reelaboração discursiva, a sintetização e o desenvolvimento de tópicos temáticos, a reflexão metalinguística. Neste presente trabalho, portanto, apresentamos uma proposta de intervenção, embasada (dentre outros) na Pesquisa-ação (cf. THIOLENT, 2008) e na Sociolinguística Educacional (cf. BORTONI-RICARDO, 2004, 2008, 2014), que usa como estratégia a elaboração de um glossário especializado dos termos das atividades agrícolas da Escola do Campo. A pesquisa e a intervenção foram desenvolvidas juntamente com os alunos do sexto/sétimo ano, na Escola Municipal Agrícola de Barcarena-PA, e compreendem as seguintes etapas metodológicas: (i) Observação diagnóstica; (ii) Identificação e análise dos problemas de escrita; (iii) Apresentação dos resultados; (iv) Processo de produção de textos a partir do gênero verbete; (v) Elaboração de fichas catalográficas; (vi) Coleta e seleção dos dados; e (vii) Organização de um glossário ilustrado contendo 301 termos das atividades agrícolas da Escola, o qual foi a culminância da proposta de intervenção e que servirá como material didático na escola.

Palavras-chave: Educação do Campo e ensino de língua. Sociolinguística educacional. Léxico especializado e ensino.

ABSTRACT

This work aims to treat about the reading and writing issues of the students of Escola do Campo. As main objective this research intent to describe the central problems about the write and the reading of this students and also set up an didactic pedagogical proposal to guidance this reality. As it is known, the reading and writing activities involves some socio cognitive complex process and claims some abilities domains (equally complex) which achieve and develop through linguistic practice what increase the conceptualization and verbalization of the world. Those linguistic practices involve, for example, the observation and reflection about the things in the world, the textual production (oral and write), the rewriting and the discursive re-elaboration, the synthetization and development of themed topics, also the metalinguistic reflection. Therefore, this work presents an intervention proposal based on Pesquisa-ação (cf. THIOLENT, 2008) and on Educational Sociolinguistic (cf. BORTONI-RICARDO, 2004, 2008, 2014), which uses as strategy the elaboration of a glossary specialized in agricultural activities terms in the Escola do Campo. This research and intervention were developed along with the sixth and seventh year students of the Brazilian school system organization, in the Escola Municipal Agrícola de Barcarena-PA, and has the following methodological steps: (i) Diagnostic observation; (ii) Identification and analysis of the writing issues; (iii) The results presentation; (iv) Production process of the texts based on the entry genre; (v) Elaboration of the catalog forms; (vi) Gathering and data selection; and (vii) Organization of an illustrated glossary containing 301 terms of the agricultural activities of the Escola, which one was the purpose of this intervention and which will work as didactic material in this same school.

Key-words: Camp Education and language teaching. Educational Sociolinguistic. Specialized lexicon and teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURAS

Figura 1 – Elementos constituintes do Verbete 1.....	43
Figura 2 – Elementos constituintes do Verbete 2.....	43
Figura 3 – Elementos constituintes do Verbete 3.....	43
Figura 4 – Estrutura do Verbete 1.....	44
Figura 5 – Verbete elaborado por Aluno.....	44
Figura 6 - Árvore de Domínio das Atividades Agrícolas.....	53
Figura 7 – Estratificação dos Textos na Observação Diagnóstica.....	53
Figura 8 – Estrutura do Verbete 2.....	70

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Problemas de Escrita em Função da Variável Sexo.....	57
Gráfico 2 – Problemas Ortográficos em Função da Variável Sexo.....	58
Gráfico 3 – Problemas Ortográficos em Função da Variável Sexo por percentual.....	59
Gráfico 4 – Problemas de Escrita em Função da Variável Gênero Textual.....	60

QUADROS

Quadro 1 – Cronograma das Estratégias de Intervenção.....	68
---	----

TABELAS

Tabela 1 – Problemas de Escrita em Função da Variável Sexo.....	57
Tabela 2 – Problemas Ortográficos em Função da Variável Sexo.....	58
Tabela 3 – Problemas de Escrita em Função da Variável Gênero Textual.....	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Estrutura do Trabalho	15
1.2	Justificativa	16
1.3	Objetivos da Pesquisa	19
1.4	Asserções da Pesquisa	20
2	PRESSUPOSTO TEÓRICO	21
2.1	Educação do Campo	21
2.2	Ensino da Escrita	24
2.2.1	Aquisição da escrita.....	24
2.2.2	O trabalho com a escrita.....	26
2.3	A Sociolinguística em Sala de Aula	29
2.3.1	A Sociolinguística Educacional.....	30
2.4	Estudo do Léxico	31
2.4.1	Conceptualização.....	33
2.4.2	Conceito, denominação e definição.....	34
2.4.3	Lexicografia.....	35
2.4.4	Terminologia.....	36
2.4.5	Terminografia.....	37
2.4.6	Termo.....	38
2.5	Verbetes	40
2.5.1	Organização e Estrutura do Verbetes.....	42
3.	METODOLOGIA	45
3.1	Natureza da Pesquisa	45
3.2	Contextualização da Pesquisa	48
3.2.1	Local de realização da pesquisa.....	48
3.2.2	Breve histórico.....	48
3.3	Procedimentos Metodológicos	50
3.3.1	Primeiros contatos e Observação.....	50
3.3.2	Colaboradores.....	51
3.3.3	Árvore de Domínio das atividades agrícolas.....	52

3.3.4	Observação diagnóstica e Coleta de Dados.....	53
3.3.5	Descrição das atividades de Escrita.....	53
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	56
4.1	Problemas de Escrita nos Textos dos Alunos e Resultados.....	56
4.2	Trechos dos Textos dos Alunos e Análise.....	61
5	A INTERVENÇÃO.....	68
5.1	Descrição das Estratégias Aplicadas.....	69
5.1.1	Elaboração de Verbete.....	69
5.1.2	Atividades que contribuíram para a elaboração de Verbete.....	71
5.1.2.1	Aula Prática no Canteiro.....	71
5.1.2.2	Aula Expositiva e Listas de Termos.....	73
5.1.3	Etapas de Elaboração do Verbete.....	76
5.1.4	Outras Produções de Escrita.....	82
5.1.4.1	Receita de Remédio Caseiro.....	82
5.1.4.2	Reconto de Histórias.....	84
5.2	Glossário.....	86
5.2.1	Estrutura do glossário.....	86
5.2.2	Construção do Glossário dos Termos Agrícolas.....	86
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
	REFERÊNCIAS.....	177
	ANEXOS.....	180
	APÊNDICES.....	191

1 INTRODUÇÃO

As questões ligadas às atividades escolares do ensino da língua portuguesa estão nos círculos de discussão de estudiosos das áreas de língua e linguagem, com intuito de apresentar práticas de ensino apropriadas e condizentes com as concepções de ensino da língua. De maneira que estas práticas orientam para uma abordagem comunicativa e discursiva, em uma interação de uso da língua nos diversos contextos sociais. Ao contrário disso, a maioria dos métodos utilizados nas escolas, ocupa-se em atender ao conteúdo programático, limitado ao ensino da gramática normativa, de forma descontextualizada, além de posturas avaliativas do “certo” e “errado”.

Diante dessa realidade, os discentes demonstram, muitas vezes, desinteresse pelo ensino da língua materna por não conhecerem os reais valores e possibilidades de uso dos recursos da língua portuguesa. Embora os recentes estudos apresentem estratégias para a formação de produtores de textos proficientes no ensino básico, ainda assim, há tradicionais práticas que não atendem às reais necessidades de aprendizagem dos alunos, principalmente, nos primeiros ciclos do ensino fundamental.

Cabe, portanto, à escola, promover a ampliação dos estudos da língua, no processo do ensino fundamental, a fim de que os alunos se apropriem de conhecimentos; sejam capazes de interpretar diferentes textos que circulam socialmente e ainda, saibam produzir textos nas variadas situações de uso. Por essa perspectiva, é de fundamental importância refletir acerca das práticas em sala de aula concernentes ao ensino de língua portuguesa, avaliar e apresentar propostas fundamentadas na formação do processo de aprendizagem dos discentes, em que o percurso de ensino seja uma realidade de interesse do próprio aluno. Assim, transformar esse quadro, pois, um dos desafios em sala de aula é motivar os alunos a realizar as atividades de língua portuguesa que, na maioria das vezes, são de decodificação, de silêncio, de correção dos exercícios, de inúmeras questões enfadonhas, as quais não fazem sentido para o aluno, que cumpre um papel passivo no processo escolar.

Em vista das vigentes carências de ensino e aprendizagem em língua portuguesa, o presente trabalho trata das dificuldades de leitura e escrita de textos de

alunos da Escola do Campo. Ademais, apresenta proposta de intervenção com intuito de mediar o processo de escrita desses alunos por meio de produção de textos e construção de um glossário das atividades agrícolas realizadas no campo.

Dada às concepções vigentes de *linguagem* como atividade discursiva e textualidade, pretende-se ao longo do trabalho considerar o texto como unidade básica de ensino, assim, a proposta de intervenção desta pesquisa não é um resultado, todavia, uma construção de experiências com textos. Desse modo, a mediação da escrita dos alunos se dá pelo modo processual (etapas de escrita), a fim de alcançar a competência da produção de textos escritos, inicialmente, com aluno do sexto ano e, no seguinte ano, com os mesmos alunos no sétimo ano.

É importante ressaltar que, embora haja muitos trabalhos voltados para o ensino da escrita e, certamente, significativas contribuições para estas práticas, os desafios em sala de aula são recorrentes quanto aos problemas de escrita. A escola precisa refletir e agir a respeito da formação dos professores, dos programas e práticas didáticas, a fim de que os alunos se apropriem dos conhecimentos do sistema de escrita e saibam operar significativamente em seus textos, desde o início da escolarização, bem como pelas outras etapas de formação.

À vista disso, é essencial a formação do professor das séries iniciais e posteriores do ensino básico, tanto referente ao conhecimento do ensino da língua materna, quanto da postura do professor em ser perceptível às dificuldades por quais o aluno passa no processo de aprendizagem, pois trata-se de diferentes métodos e procedimentos no que diz respeito às práticas de ensino em sala de aula e demais ambientes do contexto escolar, os quais são espaços de aprendizagens.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como preocupação principal, o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa na escola de campo, de modo que este ensino seja significativo, proficiente para as situações de uso dos alunos, que são indivíduos sociais e necessitam compreender a língua e saber como utilizá-la nos diferentes contextos sociais. Pois, o aluno é o sujeito da ação de aprender e deve agir sobre o objeto de conhecimento. É necessário que a escola promova um ambiente com uma prática educacional, a qual organiza a mediação do ensino, com intuito de garantir ao aluno que ele tenha liberdade de contribuir com o próprio processo do conhecimento.

1.1 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente pesquisa foi organizada por meio de cinco seções e subseções, a fim de especificar as etapas que foram desenvolvidas em consonância com os propósitos traçados. Assim sendo, a primeira seção, a **Introdução**, em que apresenta-se o percurso da pesquisa; sua importância nas práticas pedagógicas em sala de aula; os objetos de conhecimento; e as subseções: (i) Estrutura do Trabalho; (ii) Justificativa; (iii) Objetivos da Pesquisa; e (v) Asserções da Pesquisa.

Posteriormente, a segunda seção equivalente ao **Pressuposto teórico**, em que foram discutidas as abordagens teóricas que contribuíram para a pesquisa; as experiências e estudos em torno de: (i) Educação do Campo; (ii) Ensino da Escrita; (iii) Sociolinguística em Sala de Aula; (iv) Estudo do Léxico; (v) Verbete.

Em seguida, apresenta-se a terceira seção, a qual corresponde à **Metodologia**, a qual descreveu os métodos utilizados para realização das etapas da pesquisa como: (i) Natureza da Pesquisa; (ii) Contextualização da Pesquisa; e (iii) Procedimentos Metodológicos, que correspondem à Observação Diagnóstica e Coleta de Dados.

De posse dos materiais coletados, organizou-se a quarta seção com a **Apresentação e Análise dos Resultados**, apresenta os problemas identificados na observação diagnóstica e foi dividida em: (i) Problemas de Escrita nos Textos dos alunos e Resultados; (ii) Trechos dos Textos dos alunos.

A quinta seção corresponde à **Intervenção**, que compete à proposta de intervenção realizada com Produções de Textos, a partir do gênero verbete, e a construção e organização do Glossário dos Termos Agrícolas. As subseções foram divididas em: (i) Descrição das Estratégias Aplicadas, que são às produções de textos realizadas; e (ii) Construção e Organização do Glossário dos Termos Agrícolas.

Posteriormente a estas seções, são apresentadas as **Considerações Finais**; as **Referências**, **Anexos** e **Apêndices**, que registram informações, proposições e imagens, as quais revelam resultados e sugestões de propostas a outros possíveis trabalhos de pesquisa para práticas de ensino e aprendizagem.

1.2 JUSTIFICATIVA

A partir de observações e reflexões das dificuldades encontradas em sala de aula, quanto ao processo de ensino nas aulas de língua portuguesa, bem como dos estudos e trabalhos propostos e desenvolvidos no curso de Mestrado Profissional em Letras, constatou-se a necessidade e interesse em desenvolver um trabalho de pesquisa que auxiliasse na escolarização dos alunos do campo. Sendo o local de pesquisa, a Escola Agrícola, localizada na Zona Rural do município de Barcarena, em que seu funcionamento é de tempo integral; e o programa de ensino é constituído por disciplinas regulares (dez) e disciplinas específicas (oito).

No decorrer do ano letivo, nesta escola, trabalha-se com projetos, atividades extras e avaliações, os quais implicam em produções de escrita e a maioria dos educandos do sexto ano apresenta dificuldades no acompanhamento e realização das atividades do programa curricular. Conseqüentemente, muitos alunos sentem-se desmotivados e sinalizam desinteresse pelos estudos.

Diante da realidade escolar como esta, é necessário pensar em práticas didáticas participativas, pois, ao longo dos anos, a prática de muitas escolas consiste em aplicar atividades, sem considerar o processo de aprendizagem e o nível de letramento dos alunos. Nesse ponto, vale ressaltar o que diz Cagliari (2009, p. 6): “a falta de visão de muitos, associada à ausência de conhecimentos linguísticos, tem atribuído o fracasso escolar ora ao aluno, visto como um ser incapaz, carente, cheio de deficiências, ora ao professor”. Dessa maneira, o aluno é o mais prejudicado, pois, ainda que não compreenda o grau de dificuldade que enfrenta, é aprovado e sente-se satisfeito com o resultado, isto é, não há consciência das perdas de aprendizagem.

À vista disso, esta pesquisa teve como público-alvo os alunos oriundos de escolas do campo, sendo que, a maioria passou os cinco anos do ensino básico (primeiro e segundo ciclos) estudando por meio do processo multisseriado e estes alunos apresentaram, constatado por suas atividades, maiores dificuldades de escrita, o que não comprovou, evidentemente, que o processo multisseriado das escolas de campo, seja o fator para que os alunos apresentem problemas de escrita e leitura, pois há outros fatores, que supostamente implicam para as dificuldades de ensino e aprendizagem, porém, não foram foco desta pesquisa. Mediante a esta realidade, foi construído o trabalho de pesquisa, inicialmente, com 22 alunos do sexto ano do ensino

fundamental (2017), e com 18 alunos do sétimo ano, que foram aprovados (2018), com faixa etária entre 11 a 14 anos; e um aluno com 20 anos.

É importante ressaltar que o interesse pela pesquisa se dá tanto ao fato dos reais problemas e dificuldades que os alunos da Escola do Campo apresentaram, quanto do desafio de buscar novas práticas de ensino de língua portuguesa. Por esse viés, acreditou-se que as dificuldades encontradas pudessem ser transformadas em aulas de língua e linguagem significativas aos discentes, considerando os diferentes contextos (social, cultural, escolar) dos quais estes sujeitos participam.

Ressalta-se, portanto, que se faça o que é legítimo aos alunos no processo de aprendizagem: retomar o processo de alfabetização (se preciso for); reavaliar as práticas de sala de aula; o uso dos métodos e dos manuais didáticos, averiguar se estes correspondem à linguagem apenas institucionalizada ou se podem ser utilizados, de fato, como recurso de apoio. Assim, que a escola cumpra sua função de educar e de dar condições aos alunos, para que diante das várias possibilidades apresentadas, os alunos reconheçam e saibam aplicar a língua conforme as suas necessidades de uso nos diversos contextos sociais.

Cabe à escola e ao docente, portanto, tratar do processo inicial de aprendizagem com tamanha importância que tem a alfabetização, a aquisição do conhecimento dos alunos, desde os primeiros anos na escola. Nesse intuito, a afirmação de Cagliari (2009) corrobora ao dizer:

o processo de alfabetização inclui muitos fatores, e quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem sofrimentos habituais" (CAGLIARI, 2009, p. 6)

Dessa maneira, a reflexão acerca dessa etapa do conhecimento é essencial para a vida do educando e é necessário que o educador esteja ciente disso e proporcione práticas de ensino coerentes às condições do aluno, independente do ano de escolaridade deste aluno. Por esse viés, o autor reitera: "o professor estará mais livre para selecionar os métodos, as técnicas; buscará os rumos e o ritmo que considerar mais adequados a sua turma, colocando sua sensibilidade acima de

qualquer modelo preestabelecido” (CAGLIARI, 2009, p. 6-7). Isso implica, entre outros fatores, que a escola, enquanto instituição educacional, precisa de efetiva formação docente e de práticas que valorizem as atividades espontâneas (criativas) dos alunos, para incentivá-los a produzir textos em geral e os textos escritos de modo proficiente.

Por essas perspectivas, pautou-se estratégias em consonância com as disciplinas específicas da escola de campo, a fim de desenvolver uma proposta de ensino, a partir de experiências práticas, de produção de atividades de escrita interdisciplinares entre Língua Portuguesa, Fitotecnia Rural e Técnicas Agrícolas - disciplinas que viabilizaram os estudos dos termos específicos agrícolas. De modo que a partir de aulas práticas, foi possível melhorar a dinâmica nas aulas de linguagem, tornando-as mais interativas e participativas.

Em vista das observações e das estratégias aplicadas, foi perceptível compreender que, desenvolver este trabalho, permitiria reavaliar as práticas docentes e contribuir com o ensino de língua portuguesa. A esse respeito, as abordagens de Bortoni-Ricardo (2008) permitem reflexão ao dizer que:

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências [...] (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46)

Pela concepção de construir um trabalho pautado em práticas de ensino da língua que correspondam às reais necessidades dos alunos da escola do campo, é que se propôs esta pesquisa. Sabe-se que não é possível resolver todos os problemas, entretanto, a pesquisa contribuiu para permitir que estes alunos pudessem ser auxiliados em suas dificuldades de escrita e, sobretudo, que se sentisse preparados para a construção de seus próprios textos, conscientes das possibilidades dos recursos da língua.

Assim, a reflexão diante das dificuldades de escrita e a prática das estratégias foram essenciais para se alinhar os propósitos deste trabalho de pesquisa.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

O presente trabalho consiste numa pesquisa-ação (cf. THIOLENT, 2011) e tem **dois objetivos gerais**: um objetivo de pesquisa e outro objetivo prático e aplicado. No primeiro caso, objetiva-se descrever os principais problemas de escritas dos alunos de sexto/sétimo ano da Escola do Campo, e no segundo, e como consequência desse primeiro, objetiva-se construir uma proposta de intervenção didático-pedagógica, para se enfrentar os problemas de escrita dos alunos.

Tanto a pesquisa em si quanto a proposta de intervenção foram desenvolvidas a partir da construção, juntamente com os alunos envolvidos, de pequenos glossários terminológicos dos termos das atividades agrícolas da comunidade. Trata-se, portanto, de uma proposta de intervenção que se desenvolveu a partir do trabalho com o gênero verbete.

Além desses objetivos gerais, o trabalho tem também os seguintes **objetivos específicos**:

- (i) Dar formação aos alunos sobre o léxico comum e o especializado, trabalhando com o gênero verbete, para que eles desenvolvam suas habilidades de leitura e escrita e construam pequenos glossários das atividades da Escola do Campo.;
- (ii) Criar atividades linguísticas e languageiras de leitura e de escrita, aproveitando o conhecimento prático que esses alunos já dispõem sobre as atividades agrícolas, levando-os a conceptualizar os conhecimentos adquiridos e a expressar de forma elaborada esses mesmos conhecimentos;
- (iii) Propiciar a interação entre os alunos e os especialistas agrícolas, professor técnico e produtor rural, como também com idosos das comunidades pelas experiências da agricultura familiar;
- (iv) Possibilitar aos alunos o conhecimento das linguagens verbal e não verbal por meio de imagens e ilustrações (expressões concretas e abstratas);
- (v) Promover o acesso dos alunos ao conhecimento dos aspectos ortográficos (divisão silábica, sílaba tônica, uso do hífen, acentuação gráfica etc.), aspectos morfológicos (palavras derivadas, palavras compostas, morfemas (lexemas, morfemas flexionais e derivacionais), singular, plural etc.);

- (vi) Desenvolver propostas para trabalhar os aspectos sintáticos (organização sintáticas dos enunciados definitórios, concordância, regência; e semânticos (identificação das formas variantes (formas de sentido semelhante), homônimas (palavras de pronúncia/escrita igual, mas sentido diferente), hiperônimos etc.);

1.4 ASSERÇÕES DA PESQUISA

De acordo com os objetivos e as concepções apresentadas a respeito das dificuldades de escrita dos alunos da escola do campo e considerando o contexto social em que vivem, zona rural, foi preciso reflexão peculiar em torno da elaboração das atividades. À vista disso, a princípio, pensou-se nas seguintes asserções, as quais pudessem nortear os caminhos da pesquisa e avaliar os resultados.

1.4.1 **Asserção geral e Subasserções**

Tendo em vista a proposta do ensino da língua por meio de atividades linguísticas de conceptualização do mundo e dos desafios cotidianos enfrentados pelos alunos da escola do campo, propôs-se a estes sujeitos, não apenas a aprendizagem dos recursos normativos da língua portuguesa, mas, sobretudo, o desenvolvimento da competência comunicativa e da autonomia intelectual.

Numa proposta assim, a língua deixa de ser um mero fim em si mesma, passando a ser vista como o meio de aquisição e expressão de toda forma de conhecimento. Por este viés, considerou-se as subasserções: (i) um trabalho de mediação com características interventivas desperta no aluno o interesse pelas práticas de escrita e reflexão sobre o uso da língua; (ii) a análise dos “erros” nas produções escritas dos discentes, monitorada por eles mesmos, individualmente ou em grupo, permite que os alunos adquiram uma metalinguagem mais adequada às suas análises e ao desenvolvimento de sua competência linguística; (iii) atividades com verbetes possibilitam a ampliação vocabular e a funcionalidade do léxico, nos diferentes aspectos e níveis da língua (fonético, ortográfico, sintático, semântico, pragmático, discursivo).

A partir dos objetivos e asserções traçados, a pesquisa foi construída, com flexibilidade para os possíveis eventos que ocorrem ao longo de um trabalho de pesquisa, já que os protagonistas são alunos, construtores do ensino e aprendizagem.

2 PRESSUPOSTO TEÓRICO

Nesta seção, trataremos das abordagens que serviram de bases teóricas para esta pesquisa, além disso, nortearam caminhos pertinentes ao desenvolvimento das etapas e dos procedimentos implicados na proposta. De maneira que as subseções estão dispostas de acordo com os assuntos considerados relevantes para o alcance dos objetivos traçados na pesquisa.

2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO

Para a realização dessa pesquisa, foi necessário, a princípio, compreender as características peculiares da Educação do Campo, os fatores envolvidos e os sujeitos que fazem parte desse contexto educacional. Para tal, o apoio nos estudos de Arroyo, Caldart, Molina (2011) corroboraram para compreender a importância do trabalho no campo; os sujeitos que fazem parte deste espaço; seus valores, cultura e outros.

Assim, o primeiro passo foi saber o significado da adjetivação “*do campo*”, que é utilizada para designar um espaço geográfico e social que possui vida em si e necessidades próprias, como “parte do mundo e não aquilo que sobra além das cidades”, pois o campo é concebido enquanto espaço social com vida, identidade cultural própria e práticas compartilhadas, socializadas por aqueles que ali vivem (cf. Projeto Político Pedagógico, 2009, p. 7).

Nesse sentido, requer reflexão e o entendimento acerca do modo de vida, dos interesses, das necessidades de desenvolvimento e dos valores específicos (sociais e culturais) das comunidades do campo. À vista disso, é necessário desenvolver atividades centradas na formação integral do ser humano, na qualificação profissional e na organização comunitária, valorizando os laços familiares, herança cultural e o resgate da cidadania. Dessa maneira, desenvolver esta pesquisa na educação do campo oportunizou conhecer as dificuldades reais dos alunos, que não se limitam ao espaço de sala de aula, porém se expandem para a realidade comunitária e requerem iniciativas práticas. Nesse sentido, é imprescindível refletir a esse respeito:

A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo, deve ser *educação*, no sentido amplo de *processo de formação humana*, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz. (ARROYO, CALDART, MOLINA 2011, p. 23)

Por essa perspectiva, os especialistas na área são enfáticos quanto ao processo de formação humana dos sujeitos implicados na educação do campo, uma vez que é preciso oportunizar a eles, uma educação a partir dos conhecimentos gerais, os quais abrangem as diversas linguagens, ciências, códigos e tecnologias. Além disso, que correspondam às necessidades de uso desses sujeitos e que os capacitem para a profissionalização, quer seja no campo, quer seja em outro lugar, cientes de seus valores. Nesse sentido, a assertiva dos autores é pertinente quando dizem que:

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo. (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2011, p. 14)

À vista disso, lutar pelas causas da educação do campo, deve partir da sala de aula, isto é, de aulas significativas para os alunos e professores, com o fim de propiciar atividades que envolvam os conhecimentos que as crianças, jovens ou adultos já trazem de suas culturas, identidades. Outrossim, que aprendam diversos conhecimentos e saibam como utilizá-los, reconheçam a importância e o valor do ensino na educação escolar.

De acordo com a legislação educacional atualmente em vigor no Brasil, Arroyo chama a atenção para a questão de que “A escolarização não é toda educação, mas é um direito social fundamental a ser garantido para todo o nosso povo, seja do campo ou da cidade” (ARROYO, 2011, p. 24). Portanto, um dos desafios na educação do campo é estar ciente de que frequentar à escola, é um direito de todo cidadão para aprender, ensinar, construir, participar social e culturalmente nos mais diferentes contextos.

Nesse seguimento, vale citar como concepções e princípios pedagógicos de uma escola do campo, o *papel da escola* em respeitar o compromisso com a cultura do povo do campo, o qual implica a educação de valores, no sentido de escolha de valores; a educação pela memória histórica, no sentido de cada pessoa ou grupo perceber-se como parte de um processo histórico; e a educação para a autonomia cultural, no sentido do povo ser estimulado a produzir sua própria cultura, representações, arte, palavra (cf. ARROYO, CALDART, MOLINA, 2011, p. 54).

Ademais, a escola precisa também avaliar o seu currículo, o qual se organiza o processo educativo na escola. É importante e necessário rever os tempos e os espaços que constituem o cotidiano dos alunos na escola. Nisso, Arroyo (2011) ratifica:

“Não há como imaginar aulas estanques e inanimadas como principais meios pedagógicos para ajudar, por exemplo, na implementação de novos processos produtivos do campo. É preciso pensar em um *ambiente educativo* que combine múltiplas atividades voltadas às diversas dimensões de formação da pessoa”. (ARROYO, 2011, p. 56)

Em vista disso, este trabalho de pesquisa é uma oportunidade para refletir e promover uma educação do campo que preserve os valores, a identidade, a cultura dos sujeitos participantes desse espaço, propiciando atividades correspondentes às reais necessidades de aprendizagem. É preciso, portanto, que o educador perceba e crie um ambiente de ensino que provoque a criatividade, a escuta, a leitura e a escrita, não só como resultado de um processo de atividade, mas também como prática das competências linguísticas.

Arroyo (2011, p. 57) ressalta “a importância da escola como fonte de informações, atualizadas e diversificadas, para as comunidades do campo, como forma concreta de contribuir no seu desenvolvimento”. Indubitavelmente, cabe aos órgãos públicos; escolas; pais e educadores e alunos assumirem seus papéis no cenário da Educação do Campo.

Além do mais, toda escola do campo precisa de um currículo que contemple a relação com o trabalho na terra, isto é, o processo de cultivá-la, como parte da identidade do campo, independente das opções de formação profissional. É importante que a Escola do Campo promova um ensino, com base nas experiências

das atividades específicas do campo para especializar os alunos, a fim de que, estes, no futuro, possam retornar às suas comunidades e contribuir, com os conhecimentos profissionais para o desenvolvimento local, ambiente sustentável, onde as práticas sociais sejam uma realidade em prol de todos. Por essa perspectiva, os autores afirmam que

A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente. (ARROYO, CALDART, MOLINA 2011 p. 157).

Por essas perspectivas, a instituição escolar deve realizar um ensino comprometido, sensível às peculiaridades, competente e inovador, a fim de proporcionar a participação plena dos cidadãos nas diferentes situações sociais por meio de seus conhecimentos.

2.2 ENSINO DA ESCRITA

Em continuidade às reflexões anteriores, esta subseção, aborda os aspectos linguísticos em torno do processo da escrita. Para isso, apresentamos as contribuições de Antunes (2003); Cagliari (2009); Fayol (2014).

2.2.1 Aquisição da Escrita

A preocupação em desenvolver um trabalho de pesquisa voltado para a escrita dos alunos da Escola do Campo demonstra a importância que a escrita tem na sociedade e, mesmo com o surgimento da avançada tecnologia, a escrita não perdeu seu valor, pelo contrário, a escrita se propaga cada vez mais pelas redes de comunicação.

De acordo com a afirmação: “Há mais de 150 anos, o ensino da escrita se difundiu nas sociedades industrializadas, permitindo a quase totalidade dos cidadãos ter acesso às informações disponíveis na imprensa e nos livros” (FAYOL, 2014, p. 7). Por essa razão, pode-se dizer que a maioria da população necessita utilizar a modalidade escrita, portanto, a escrita deveria ser uma prática comum e até realizada

com certo domínio, entretanto, não é isso que acontece. Mediante isso, o autor indaga: “apesar de um ensino precoce prolongado e de um ambiente em que a palavra escrita é abundante, tantos indivíduos não consigam aprender a leitura e, mais ainda, a escrita” (FAYOL, 2014, p. 7). Posto isto, acrescenta ainda que existam determinantes sociais que implicam para esta realidade. É preciso, pois, refletir acerca do que torna tão específica a aprendizagem da escrita, quer seja na compreensão, quer seja na produção de textos. Assim, é necessária uma atenção especial para o ensino da escrita e o acompanhamento desde o primeiro segmento escolar.

Em se tratando desse novo código e suas condições de uso para aqueles que estão aprendendo a escrever, como as crianças, principalmente, não é tarefa fácil e, certamente, elas enfrentam os desafios nessa etapa escolar, sendo esta, a fase mais importante dos primeiros contatos com a escrita.

Para discorrer sobre o assunto, Fayol aponta que aprender a escrita trata-se de um confronto com um triplo problema: (i) aprender um novo código que, no caso dos sistemas alfabéticos, mantém relações sistemáticas mais ou menos regulares com o código oral. O autor explica que, os seres humanos têm uma predisposição biológica que permite apropriar-se das características e de uso da oralidade bem mais fácil do que com a escrita, pois dada às conexões surgidas de restrições biológicas e de condições de aprendizagem, podem surgir dificuldades na aquisição da escrita, assim como as próprias dificuldades dos sistemas ortográficos; (ii) as crianças devem descobrir novas modalidades de utilização da linguagem. Neste ponto, o autor explica que na modalidade oral, as interações cotidianas permitem determinar as reações do interlocutor rapidamente, se entendeu o discurso, se aprecia, se se prepara para escutar a mensagem; já na escrita, isso não ocorre, pois, a compreensão é uma atividade privada, inacessível à percepção direta; (iii) as crianças são confrontadas a condições materiais de processamento da escrita que diferem fortemente das condições da oralidade. Isso ocorre em vista de a leitura e a escrita serem mais lentas e laboriosas, além do reconhecimento das letras ter de seguir uma certa ordem espacial e levar tempo para que a aprendizagem dos traçados se processe (cf. FAYOL, 2014, p. 9-10). Daí a importância e atenção nessa fase de aprendizagem. O tempo não pode ser determinante, mas sim o processo.

Nesse sentido, é fundamental analisar as complexidades da escrita e os inúmeros fatores que os alunos enfrentam para a aquisição da escrita. Isso é

perceptível no comportamento de atividades nas diferentes modalidades: oral e escrita. Em que se sentem mais confortáveis nas interações orais e relutam nas propostas de escrita. Afinal, como reitera o autor: “a produção escrita é uma atividade dispendiosa em atenção e memória para todos”. Por outro lado, aponta os componentes necessários pra que ela seja analisada como: o planejamento; a textualização; a volta ao texto. Dessa maneira, o funcionamento de cada componente é necessário para que o texto seja redigido de forma competente.

2.2.2 O trabalho com a Escrita

Muitos pesquisadores e estudiosos da linguagem preocupam-se com a melhor forma de os professores realizarem na escola a exploração relevante e consistente do fenômeno linguístico. O ensino da língua está deficiente e isso é uma constatação do domínio comum, pois, as aulas de língua portuguesa, na maioria das vezes, conservam a tradicional aula de gramática descontextualizada, pois a escola não estimula a formação de leitores e não torna os alunos capazes de produzir textos por escrito (cf ANTUNES, 2003, p. 15).

Segundo a autora, a demasiada preocupação com as irrelevâncias metalinguísticas faltou tempo “para descobrir as regularidades do funcionamento interativo da língua, *que somente acontece por meio de textos orais e escritos*, em práticas discursivas as mais diversas conforme situações sociais em que se inserem” (ANTUNES, 2003, p. 16). Nesse ponto, conhecer as regularidades do funcionamento da língua, é deveras importante; sem este saber, concorre para as limitações de acesso ao conhecimento. Daí que muitos sujeitos, com pouca escolaridade, apresentam-se, portanto, menos preparados para enfrentar as exigências de um mercado de trabalho. É, pois, essencial motivar e fundamentar as práticas de um ensino da língua concernente às reais necessidades dos alunos; possibilitar o acesso ao conhecimento e ao uso do mesmo.

Por outro lado, é preciso refletir: Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos. Acerca disso, Antunes destaca que:

Se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. O conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais (...) (ANTUNES, 2003, p. 40)

Vale ressaltar que essa é, na maioria das vezes, situação real em sala de aula, e ainda que o reflexo se comprova com o desinteresse do aluno pelos estudos, evasão escolar, repetência, não aprendizado, insucesso escolar, dentre outros efeitos. Nas Escolas do Campo, essa situação, provavelmente, não é distinta, pois, o professor da educação infantil ao quinto ano, assume a responsabilidade dessas etapas e, certamente, se não houver formação e acompanhamento pedagógico, tanto professor quanto aluno encontrarão dificuldades nesse processo de ensino e aprendizagem.

É indubitável, que os professores precisam “estar atentos” e comprometidos com sua missão profissional, embora muitas vezes sentem-se desmotivados dado aos desafios confrontados no cotidiano escolar e as situações exitosas das práticas docentes. Segundo Cagliari, entre as considerações a respeito da escrita e do ato de escrever, uma diz que: “Antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser sua utilidade e, a partir daí programar as atividades adequadamente” (CAGLIARI, 2009, p. 87). Nesse sentido, tratar da escrita em sala de aula é desafiador, entretanto, a atividade a ser realizada, em consonância com as intenções e saberes dos alunos, certamente, não será tarefa árdua, porém participativa e interativa.

Outro fator fundamental que Cagliari (2009, p. 87) chama a atenção explicitamente é que, “Ninguém Escreve Ou Lê Sem Motivo, Sem Motivação”. Tal experiência foi realizada no percurso da proposta de intervenção desta pesquisa. Além do processo de escrita dos pequenos glossários em construção, os alunos começaram a desenhar as atividades e termos agrícolas. Com isso, o processo de escrita tornou-se interessante porque havia duas maneiras de registrar – conceptualizar – os fatos, as situações, os acontecimentos relativos aos contextos dos quais os alunos fazem parte, isto é, motivação ao ensino.

Ao refletir sobre a importância e funcionalidade da escrita, é oportuno o pensamento de Antunes (2003) ao mencionar os jeitos daquele *quefazer* pedagógico, tão preciso nos espaços da escola, não somente a figura do professor, como também de todos que compõem este contexto:

“Tenho em mente um professor de português que é, além de educador, linguista e pesquisador, alguém que, com base em princípios teóricos, científicos e consistentes, observa os fatos da língua, pensa, reflete, levanta problemas e hipóteses sobre eles e reinventa sua forma de abordá-los, de explicitá-los ou explicá-los. Estes fatos da língua somente vêm à tona nas práticas discursivas, das quais o texto é parte constitutiva. Por isso é que *só os textos podem constituir o objeto relevante de estudo da língua*. (ANTUNES, 2003, 44)

Ensinar a escrita começa e vai muito além dos limites registrados nas aplicações dentro da escola, como os textos produzidos em sala de aula, nos cartazes comemorativos, nos trabalhos afixados nos murais, nas identificações de salas, nos documentos e informativos nos quadros de aviso, nos bilhetes aos pais, nas circulares, nos boletins e outros. Pois, são textos cujos significados extrapolam os conteúdos programáticos. São textos escritos todos os dias, nos cadernos dos alunos, nos espaços da escola, os quais servem de contato com a escrita, de desenvolvimento da escrita. Contudo, ainda assim, há muitos obstáculos quanto a aprendizagem da escrita. Nesse sentido, é preciso repensar as práticas de ensino e promover diferentes estratégias de aprendizagem, nos espaços e contextos do cotidiano, a fim de possibilitar aos alunos o uso da língua escrita nas diferentes situações comunicativas.

Em vista disso, buscou-se as orientações feitas por Antunes (2003), aqui elencadas e que serviram como apoio às práticas da proposta de intervenção didática nesta pesquisa. Destaca-se, portanto, as proposições a seguir: (i) a escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas; (ii) a escrita na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes; (iii) a escrita varia na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros, em que se realiza; (iv) a escrita supõe condições de produção e recepção diferentes daquelas atribuídas à fala; (v) a escrita compreende etapas distintas de decisões e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série.

Tais proposições cooperam para as práticas de escrita em projetos e aulas, de modo que, antes de as atividades de escrita, é importante saber para que servirá a tarefa de escrever; qual o propósito; quais os efeitos; e como fazer.

Pelas concepções e propósitos ressaltados acerca da importância da escrita, chama-se atenção nesta pesquisa, a possibilidade de construir, em sala de aula e nos

demais contextos escolares, atividades de escrita significativas ao aluno, a fim de que este perceba o que é possível fazer com a escrita para desenvolver suas competências e habilidades, permitindo-lhes alcançar seus objetivos, quer seja na comunicação, quer seja na aquisição de conhecimentos. Para tal, segue a abordagem da Sociolinguística Educacional e suas contribuições.

2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

No que diz respeito ao termo Sociolinguística, trata-se de uma área da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade em que vivemos, mais especificamente, estuda os casos de variação de uma língua (cf. COELHO et al, 2015, p. 13). A Sociolinguística contribui sobremaneira para as questões educacionais e dentre os princípios abordados por Bortoni-Ricardo (2014, p. 160), destaca-se que

a descrição da variação da Sociolinguística Educacional não deve ser dissociada da análise etnográfica de sala de aula, que permite avaliar o significado que a variação assume para os atores naquele domínio, particularmente a postura do professor diante de regras não padrão à língua” (BORTONI-RICARDO (2014, p. 161)

Posto isto, ressalta-se que a mediação do ensino da leitura e da escrita vai muito além dos compêndios escolares, pois, é preciso considerar o meio etnográfico; os valores culturais e sociais para compreender e encaminhar as práticas de ensino da língua, de modo que as diferenças encontradas em sala de aula sejam respeitadas. Nesse sentido, a autora chama a atenção para as tendências imanente na língua e que, todos envolvidos na educação devem assumir a convicção de que “os chamados ‘erros’ que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 9)

Outrossim, observa-se que a concepção de que “O grau de variação será maior em alguns domínios do que em outros (...). Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25). Portanto, na escola é comum a presença de variantes e é preciso saber lidar com esses registros, isto é, as variações devem ser consideradas e utilizadas como material de estudo e processos da língua.

Por estas asserções, pensou-se nas produções dos alunos da Escola do Campo, as quais apresentam variantes linguísticas peculiares e podem ser descritas sob as contribuições da Sociolinguística Educacional. Além disso, o aluno da zona rural, tem direito ao objeto de conhecimento da norma padrão da língua, pois,

Nas disputas do mercado linguístico, *diferença é deficiência*. Por isso cabe à escola levar os alunos a se apoderar *também* das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma *competência comunicativa* cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquiridas nas relações sociais dentro de sua comunidade (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 9)

Por este viés, é preciso saber conduzir, no contexto de sala de aula, o aluno aos saberes da gramática normativa e que ele saiba usar tais recursos em situações necessárias e intencionais. Ademais, que este sujeito expresse suas variantes linguísticas sem sofrer estigmas; ao contrário, que sejam usadas como objeto de conhecimento. Cabe à escola, por sua vez, propiciar estratégias de aprendizagens a fim de que o educando seja preparado para exercer seus propósitos pessoais e profissionais, isto é, de plena cidadania. Por estas perspectivas, a presente pesquisa, considera tais aspectos na modalidade escrita e trata dos desvios como estratégias de uso na proposta de intervenção.

Com o intuito de desenvolver uma pesquisa, cujos propósito de abrangência seja a mediação do ensino e aprendizagem da escrita para o alcance das competências e habilidades comunicativas, buscou-se a reflexão e práticas sob as perspectivas da Sociolinguística Educacional.

2.3.1 A Sociolinguística Educacional

A Sociolinguística é uma área de suma importância para os estudos de diversos contextos sociais e por essa linha de estudo, Bortoni-Ricardo (2014) apresenta a Sociolinguística Educacional (doravante SE), a qual denominou como “o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas” (BORTONI-

RICARDO, 2014, p. 158). Ademais, trata de um paradigma em que incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos de outras áreas de estudo.

O ensino da língua tem perpassado por diversos desafios, a começar pelo próprio entendimento errôneo acerca do pensamento dos linguistas ao dizerem que “as variantes não padrão presentes na língua não são erros, mas, sim, diferenças, mais produtivas na modalidade oral da língua e em estilos não monitorados”. Mediante a esta declaração, a escola se isentou de monitorar os chamados erros gramaticais e com essa postura deixa de ajudar os alunos e evitar que estes sofram críticas e estigma social. Por estas situações ocorridas nas escolas, a autora enfatiza:

Têm os professores, portanto, de ficar alerta à produção linguística de seus alunos em sala de aula promovendo os ajustes necessários, de forma sempre respeitosa, nos termos de uma pedagogia culturalmente sensível. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 159)

Dentre os princípios para a aplicação da Sociolinguística Educacional, ressalta-se para esta pesquisa que:

(i) os estilos monitorados da língua devem ser reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula; (ii) a descrição da variação da Sociolinguística Educacional não deve ser dissociada da análise etnográfica de sala de aula, que permite avaliar o significado que a variação assume para os atores naquele domínio; (iii) é importante que professores e alunos tenham uma conscientização crítica de que a variação linguística reflete desigualdades sociais. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 160)

Assim, a presente pesquisa se pauta nesta valorosa e pertinente área da educação, como uma “macroárea comprometida com o aperfeiçoamento das práticas linguísticas escolares” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 167); a fim de identificar as dificuldades de escrita nos textos dos alunos e aplicar a intervenção condizente com as peculiaridades do contexto escolar.

2.4 ESTUDO DO LÉXICO

Para o estudo e a aplicação da escrita, que conduz ao objetivo desta pesquisa, é fundamental entender sobre a funcionalidade de alguns termos, sobretudo quando

se trata de vocabulário específico, portanto, é necessário conhecer as definições acerca do léxico. Segundo Pontes (2009),

O léxico de uma língua se define como um conjunto de palavras, vistas em suas propriedades tais como: as categorias sintáticas, as categorias morfossintáticas, aspectos pragmáticos diversos, informações etimológicas. (PONTES, 2009, p.18)

À vista disso, por meio do estudo do léxico, é possível entender não somente as palavras e seus significados, mas também as unidades menores, as quais servem para formar novas palavras, como o autor ressalta “Os radicais, os prefixos, os sufixos são alguns dos tipos de unidades menores que a uma dada base lexical juntam-se para formar, por exemplo, neologismos” (PONTES, 2009, p.18). Isso acontece porque os falantes interpretam as partes constituintes da palavra.

Nesse sentido, há diversas disciplinas linguísticas têm-se debruçado sobre questões a respeito do léxico, pois conforme Oliveira e Isquierdo (2001),

o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representando a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo. Esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9 *apud* PONTES, 2009, p. 22)

Por esta concepção acerca do léxico, pode-se entender o quão é importante e necessário o trabalho a partir do léxico. As práticas nas aulas de língua portuguesa e de outras disciplinas, provavelmente, tornariam seus estudos mais significativos com base no estudo das palavras relacionadas ao texto e contexto sociocultural e histórico.

Além das abordagens apresentadas, Pontes (2009, p. 18), classifica o léxico em dois tipos: o geral e o de especialidade, sendo: (i) o geral integra as palavras que podem ser utilizadas em qualquer contexto discursivo; enquanto (ii) o de especialidade encontra adequação no âmbito da comunicação socioprofissional e no contexto técnico-científico. A esse respeito, o trabalho com o léxico especializado da área agrícola, por meio do gênero verbetes, foi fundamental para o ensino e aprendizagem das categorias da língua durante a pesquisa. Contudo, para isso, outros estudos e

conhecimentos corroboraram para a construção do processo de intervenção, como compreender o sentido de conceptualização das coisas do mundo.

2.4.1 Conceptualização

Tratar de Conceptualização é referir-se ao processo que corresponde ao ato cognitivo que está na relação entre língua e mundo. Desse modo, conforme recomendam as teorias da referência defendidas por ciências como a Semântica Formal, a Semântica Lógica, a Semântica Referencial ou ainda a Semântica de Valor de Verdade (cf. CANÇADO, 2013), a significação do que existe pode ser concretizado pela língua. Assim, trabalhar com o léxico em sala de aula supõe conceptualizar as coisas do mundo; instigar, categorizar os elementos existentes. Pois, segundo Ferrari (2011, p. 21), cabe à linguagem “descrever estados de coisas no mundo”. À vista dessas concepções, o estudo com o léxico permite o conhecimento mais aprofundado, específico em seus significados, de modo a possibilitar sentido acerca do objeto de estudo.

Biderman (2001) denota que o léxico de uma língua resulta do ato de conceituar. Assim, a autora resume a relação do processo de conceptualizar com a formação dos repertórios lexicais:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e inversamente discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas. (cf. BIDERMAN, 2001, p. 13)

Por estas concepções sobre os elementos do mundo, a conceptualização é, pois, a ação de compreender o modo como algo pertence ao mundo; é categorizar esse algo no mundo. Portanto, trata-se da identificação com o próprio ato de construir o conhecimento, porque é movimento de ordenação desse conhecimento sobre o mundo. As práticas de ensino devem proporcionar significação daquilo que está em pauta de estudo; o aluno precisa relacionar o objeto de estudo ao contexto social,

cultural, histórico em suas diversas dimensões, isto é, fazer sentido para o indivíduo em relação ao mundo.

2.4.2 Conceito, denominação e definição

Para desenvolver um trabalho com o gênero verbete requer a compreensão de determinado léxico/termo que é apresentado como palavra-entrada. Para tal, é preciso compreender a respeito de *conceito, definição e denominação*.

A fim de esclarecer tais nomenclaturas, considerou-se o trabalho lexicográfico em Silva (2018, p. 23), o qual ressaltou que só após esse movimento inicial de conceituar é que tem vez a ação de dar nome ao conceito obtido, a essa categoria do mundo ordenado, a essa unidade do conhecimento ainda pertencente ao plano do pensamento. A partir do momento em que se codifica esse conceito num nome, tem-se a denominação. “Triângulo”, por exemplo, é a denominação da entidade do mundo referente a uma figura geométrica estudada na disciplina de Matemática. Por meio da denominação “triângulo”, podemos verbalizar o conceito de triângulo. Enquanto a denominação codifica, nomeia o conceito, a definição, por sua vez, é frase que o decodifica. Definir é parafrasear a denominação e, por meio disso, descrever verbalmente o conceito. Assim, a definição “Triângulo é um polígono de três lados” toma a denominação “triângulo” como sujeito e lhe atribui predicados (cf. LIMA, 2010).

Além destes esclarecimentos, Barros (2004) apresenta concepções acerca de definição ao afirmar que:

“O enunciado que descreve o conteúdo semântico-conceitual de uma unidade lexical ou terminológica em posição de entrada de um verbete é chamado *definição* ou enunciado definicional. Consiste em uma paráfrase sinônímica que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades linguísticas”. (BARROS, 2004, p. 158-159)

Segundo Barros (2004, p. 159), há três tipos fundamentais de definição, os quais condizem com os tipos de obras terminográficas (o dicionário de língua, a enciclopédia e o dicionário terminológico:

(i) definições lexicográficas caracterizam-se pela predominância de informações linguísticas, tratando mais de 'palavra'; (ii) definições enciclopédicas se ocupam mais de referente e de descrição de 'coisas'; (iii) definições terminológicas trazem predominantemente conhecimentos formais sobre 'coisas' e fenômenos. (FINATTO, 2001, p. 120 *apud* BARROS, 2004, p. 159)

Outrossim, Krieger e Finatto (2016) reiteram acerca dos tipos de definição:

“A definição terminológica é reconhecida como aquela que mais se ocupa de termos técnico-científicos. A definição lexicográfica, por sua vez, é compreendida como aquela que mais se ocupa de palavras. A definição lógica, de um outro modo, estabelece um valor proposicional de verdade, enquanto as definições explicativas ou enciclopédicas contêm informações variadas sobre um dado objeto da realidade”. (KRIEGER; FINATTO, 2016 p. 92)

Por essas abordagens teóricas, a pesquisa foi desenvolvida, de maneira que se buscou não somente cumprir as etapas metodológicas, mas, sobretudo, mediar o processo de construção do conhecimento; da aplicabilidade da escrita nos textos desenvolvidos, em que os alunos, cientes das ações de estudos, participaram das práticas de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, vale ressaltar Silva (2018):

A aplicação, em sala de aula, das contribuições advindas dessa reflexão procura ser o contributo desse circuito de pesquisa e ação em prol do processo ensino-aprendizagem. Afinal de contas, conceituar (categorizando os elementos do mundo), denominar (expressando verbalmente o conceito) e definir (parafrazeando a denominação e ao mesmo tempo descrevendo verbalmente o conceito) são ações indispensáveis tanto na apreensão dos assuntos acessados nas disciplinas curriculares, quanto na expressão daquilo que se aprendeu. (SILVA, 2018, p. 23)

2.4.3 Lexicografia

Em se tratando de estudo do léxico, outra área da linguística que se ocupa com a construção desse material específico é a lexicografia, a qual é definida por Hernández (1989) como “disciplina do âmbito da Linguística Aplicada, que se preocupa com os problemas teóricos e práticos e que dão suporte à elaboração de dicionários” (*apud* PONTES 2009, p. 19-20). A Lexicografia corresponde, portanto, com o fazer lexicográfico e discussões a respeito da Lexicografia Aplicada, que, segundo autor: “Este ramo abrange os estudos do dicionário em sala de aula. Os

assuntos mais estudados nesta área são as atitudes e as crenças dos alunos diante dos dicionários, as dificuldades de uso, as estratégias de leitura etc.” (PONTES, 2009, p. 20)

Há outros ramos da Lexicografia que se ocupam com o fazer lexicográfico (Lexicografia Aplicada) ou com o produto como objeto de estudo (Lexicografia Teórica), as quais apresentam desdobramentos específicos tais como: discursiva, computacional e pedagógica ou didática. Desse modo, pode-se embasar na Lexicografia experiências de estudos e práticas com o léxico de determinada área, redescobrando novas formas de significação da língua e do fazer linguagem. Por esse viés, ao tomar o dicionário como discurso, Orlandi (2002) afirma:

[...] podemos ver como se projeta nele uma representação concreta da língua, em que encontramos indícios do modo como os sujeitos – como seres histórico-sociais, afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo do funcionamento da ideologia – produzem linguagem. (ORLANDI, 2002, p. 105 apud PONTES, 2009, p. 21)

Assim, observou-se, sob a luz dos estudos do léxico: a escrita e a significação das palavras de campo específicos, como também os discursos produzidos no processo de construção do glossário, isto é, os sujeitos da educação do campo produzindo os seus discursos cotidianos, portanto, linguagem. À vista disso, a Lexicografia, indubitavelmente, trouxe contribuições para a intervenção desta pesquisa, a qual foi desenvolvida ao longo do percurso do trabalho.

2.4.4 Terminologia

Ademais às disciplinas referidas acerca do estudo do léxico, há outra área de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa que é a Terminologia, cujo interesse são os itens léxicos (termos) que representam os sentidos produzidos em diferentes domínios específicos.

De maneira geral, a Terminologia é uma disciplina científica que estuda os termos; teve sua contribuição do especialista Eugen Wüster, engenheiro austríaco, que em 1930, estabeleceu as bases da Escola Terminológica de Viena, posteriormente elaborou sua Teoria Geral da Terminologia (TGT). Os estudos

terminológicos têm ultrapassado fronteiras, sobretudo, com o desenvolvimento da Informática (cf. BARROS, 2004, p. 32).

Já os estudos da Terminologia aqui no Brasil, emergiram a partir de 1980, cujos poucos registros são confirmados no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Segundo Barros (2004), encontra-se a seguinte definição: “**Terminologia**, s.f. Tratado dos termos técnicos de uma arte ou ciência; conjunto desses termos; nomenclatura; emprego de palavras peculiares a um escritor (Ferreira, 1972, p. 1169 *apud* BARROS, 2004, p. 34)”.

O termo *terminologia* apresenta duas acepções: (i) designa o estudo científico dos conceitos e dos termos em uso nas línguas de especialidade (ISO 1087, 1990, p. 12); (ii) significa também o conjunto de termos próprios de um domínio, de um grupo de pessoas ou de um indivíduo (Boutin-Quesnel, 1985, p. 1). Daí que a terminologia também é chamada de *conjunto terminológico*. Outra informação a se considerar é que o emprego deste termo com “T” maiúsculo serve para designar o estudo científico; enquanto com “t” minúsculo para designar o conjunto de termos de uma língua de especialidade (BARROS, 2004, p. 34).

Além das definições arroladas, para Krieger & Finatto (2016, p. 16) a Terminologia é o “conjunto de termos específicos de uma área científica e/ou técnica”; como também “disciplina ou campo de estudos teórico e aplicado dedicado aos termos técnico-científicos”. Isto é, as autoras consideram que *terminologia* é um termo polissêmico. Em vista disso, acrescentam que a “Terminologia compreende também uma face aplicada relativa, sobretudo, à produção de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos”. Desse modo, esta área de estudo de termos específicos foi fundamental para compreender e desenvolver o trabalho com glossário, portanto, a pesquisa-ação em pauta trata do estudo dos conceitos dos termos das atividades agrícolas em uso de uma língua de especialidade. Vale ressaltar algumas definições que envolvem esta pesquisa.

2.4.5 Terminografia

Segundo Krieger e Finatto (2016, p. 50), embora essa denominação reflita a tentativa de estabelecer um paralelismo com a Lexicografia que se ocupa com a palavra; a terminografia, por sua vez, toma o termo como objeto de estudo. Portanto,

ambas as áreas possuem objetos específicos e metodologias que as diferem. Assim, para fundamentar, a Terminografia é definida por Boulanger (2001) como:

Trabalho e técnica que consiste em recensear e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais (onomasiológicas), assim como em suas relações com o meio social. (BOULANGER, 2001, p. 13 *apud* KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 50)

Por esta concepção, o objetivo da terminografia requer observação e dimensionamento dos fundamentos teóricos; reconhecimento da variedade de suas formas e dos princípios de análise do funcionamento dos termos com vistas a seu registro em instrumentos de referência especializada (KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 50). Compreender a terminografia, as autoras ressaltam ainda que,

os estudos terminográficos, privilegiadamente, oferecem subsídios para o estabelecimento de princípios metodológicos e diretrizes para o fazer aplicado. Soma-se a esse quadro um conjunto de reflexões e proposições que, visando à funcionalidade da obra produzida, abordam a problemática de adequação das definições terminológicas, a pertinência de informações gramaticais entre outros componentes que integram as obras de referência temática. (KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 50-51)

Nesta pesquisa, os estudos terminográficos corroboraram a compreensão e organização dos termos especializados, os quais foram utilizados para a mediação da escrita dos alunos e a construção do glossário terminográfico, como culminância da intervenção desta pesquisa. Em se tratando de *Glossário*, este é um tipo de obra com características peculiares, assim, o Glossário é definido como: “repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos. É composto sem pretensão de exaustividade” (KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 51).

Alinhado à terminografia, é pertinente ressaltar a respeito do *termo*, como objeto de estudo dessa pesquisa-ação.

2.4.6 Termo

O termo é o objeto de estudo da Terminologia. Vale ressaltar algumas definições em torno do *termo*, a iniciar por quem estabeleceu os princípios da Teoria Geral da Terminologia:

Uma unidade terminológica consiste em uma *palavra* à qual se atribui um conceito como seu significado (...), ao passo que, para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo. (WÜSTER, 1998, p. 21 *apud* KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 76)

Outrossim, a identificação de características das unidades terminológicas, lê-se também que:

Um termo é uma unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo. O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Ele raramente se confunde com a palavra ortográfica. (GOUADEC, 1990, 1990, p. 3 *apud* KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 76)

Barros (2004) assim definiu o termo como: “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido de uma língua de especialidade” (ISSO 1087, 1990, p. 5 *apud* BARROS, 2004, p. 40). A autora descreve ainda que, “O termo é, portanto, uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico” (BARROS, 2004, p. 40). Em muitos estudos se faz uso de termos específicos, nesse sentido, a Terminologia corrobora nas diversas áreas e contextos, pois permite os estudos com o léxico, suas peculiaridades e funcionalidades, além das representações que expressam. Por esse viés, as unidades especializadas lexicais sofrem processos de sinonímia e comportam variações das mais diferentes naturezas. Assim, Cabré (1993) afirma:

[...] os termos não formam parte de um sistema independente das palavras, mas que conformam com elas o léxico do falante, mas ao mesmo tempo, pelo fato de serem multidimensionais, podem ser analisados de outras perspectivas e compartilham com outros signos de sistemas não linguísticos o espaço da comunicação especializada. (CABRÉ, 1993, p. 119 *apud* KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 76)

Por estas concepções a respeito do termo, compreende-se que mais do que elementos naturais dos sistemas linguísticos, um termo é elemento da linguagem em funcionamento, dada a sua presença em textos e em discursos especializados (KRIEGER & FINATTO, 2016, p. 76). Na pesquisa em pauta, utilizou-se o termo agrícola como representação de um elemento específico que envolve o campo de estudo. De maneira que, para a construção do glossário das atividades e processos agrícolas, os alunos coletaram os termos e os definiram de acordo com as especificidades. Para tal, foi necessário desenvolver estratégias de leituras e escritas a partir de gêneros discursivos, contudo, o principal deles foi o *Verbete*, o qual possibilitou aos alunos os estudos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos; bem como a conceptualização e definição de termos específicos da área agrícola.

A vista disso, trabalhar com o *Verbete* em sala de aula, proporcionou experiências lexicais e construções de conhecimentos dos alunos da Escola do Campo.

2.5 VERBETE

Nesta subseção tratamos do gênero *Verbete* a fim de esclarecer e demonstrar a importância e possibilidades de ensino e aprendizagem por meio deste gênero. De maneira que, primeiramente, é preciso entender suas particularidades, seus traços característicos, sua estrutura e significados de cada parte constituinte. Posteriormente, é possível aplicar em sala de aula a elaboração de verbetes, a partir das informações adequadas a respeito do léxico/termo de interesse.

Uma proposta de abordagem do processo de conceptualização em sala de aula se consubstancia por meio do gênero discursivo *verbete*. Na perspectiva da proposta de didatização apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), esse gênero pertence ao domínio social de comunicação referente à transmissão e construção de saberes; em relação às capacidades de linguagem dominantes, pertence ao domínio do expor, por configurar apresentação textual de diferentes formas dos saberes. (*apud* SILVA, 2018, p. 24-25)

Retomando os postulados de Bakhtin, Schneuwly (2004) distingue gêneros primários de gêneros secundários, sendo os primeiros associados às situações sociocomunicativas mais básicas. Assim, o *verbete* se configura como um gênero

secundário, pois só em condições de comunicação cultural mais complexa é que se atesta sua circulação social, sobretudo escrita, por meio da consulta aos seus suportes mais característicos – o dicionário, a enciclopédia e o glossário. É relevante no dicionário o enfoque nos aspectos metalinguísticos que podem ser acionados nas aulas de Língua Portuguesa, como a noção de classes gramaticais, os processos morfossintáticos de formação de palavras, a separação silábica ou a ortografia, sem contar que as informações semânticas sobre os vocábulos consultados são, por sua vez, capazes de promover articulação interdisciplinar. (cf. CARDOSO, 2015 *apud* SILVA, 2018, p. 25)

Já o glossário, compreendido como suporte textual, obra bibliográfica, equivale ao dicionário. Ambos, no mais das vezes, são tomados um pelo outro, sendo que as obras que listam o léxico geral da língua são mais comumente chamadas de dicionários, enquanto que as publicações voltadas para os léxicos especializados – e que, portanto, contêm repertórios de termos, e não de palavras – são conhecidas tanto por glossários quanto por dicionários. (SILVA, 2018, p. 25-26). Outro entendimento de glossário se depreende da tipologia proposta por Barros (2004, p. 144), segundo a qual “sua principal característica é não apresentar definições, mas tão-somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas”.

Para entender acerca do gênero *Verbete*, apresentam-se algumas concepções: Inicialmente, Barbosa (1996, p. 266 *apud* PONTES, 2009, p. 100), define o verbete lexicográfico como um conjunto de **entrada** e **enunciado** lexicográfico”, referindo-se ao último segmento como a definição e os outros paradigmas que explicam o definido, como entrada. Essas duas categorias também são reconhecidas e consideradas fundamentais na formação do verbete, entretanto, são denominadas, respectivamente, como **parte remissiva** e **parte informativa**, segundo Porto Dapena (2002, p. 183 *apud* PONTES, 2009, p. 100). Por estas definições, Pontes (2009), reitera: “o verbete constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada”. (PONTES, 2009, p. 100).

Escribano (2003) também ressalta que “muitos verbetes lexicográficos são compostos por mais de uma acepção, as quais, vêm, em geral, numeradas e

funcionam autonomamente”. Isso quer dizer que *“além de sua definição, podem estar categorizadas, ter suas marcas de uso, seus exemplos, seus sinônimos e antônimos etc”* (ESCRIBANO, 2003, p. 107 *apud* PONTES, 2009, p. 100-101)

Além das concepções apresentadas, o gênero verbete tem sua organização e estrutura, cuja finalidade é promover o entendimento composicional do gênero; a explicação definitiva do léxico/termo; como também outras informações pertinentes, e, assim, possibilitar a construção da linguagem por meio do léxico.

2.5.1 Organização e Estrutura do Verbetes

Segundo Pontes (2009, p. 101), o verbete possui uma microestrutura que se refere às informações sobre a entrada, as quais se dispõem em cada dicionário, de forma diferenciada, em ordem fixa, previamente estabelecida. O verbete pode ser classificado em: número de acepções, tipo de unidade léxica e tipo de informação. Esta classificação, de acordo com Pontes (2009), é esclarecida da seguinte maneira:

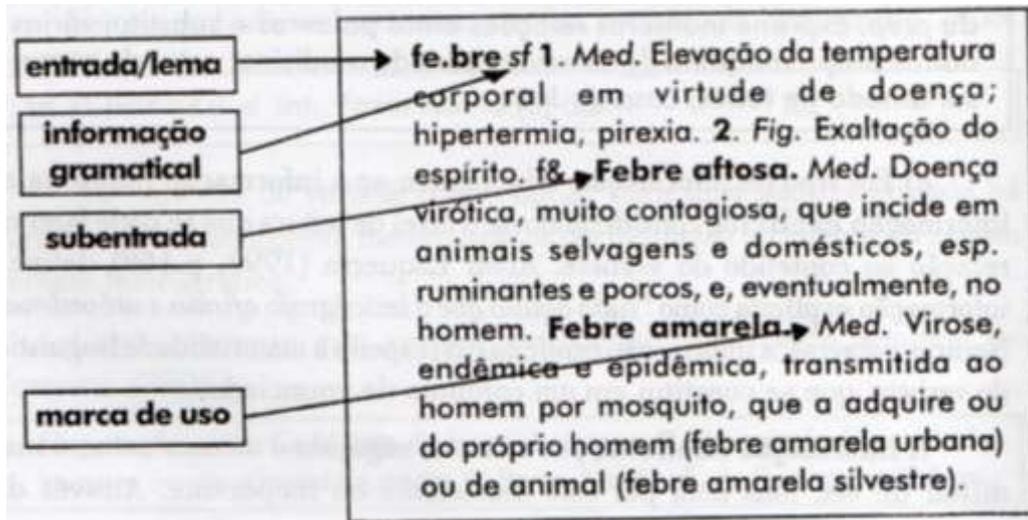
(i) A acepção é então o sentido que, em determinados contextos, adquirem as palavras, isto é, não se catalogam todos os sentidos possíveis ou imagináveis, mas unicamente os fixados pelo uso; (ii) Por tipo de unidade léxica, podem-se distinguir dois tipos de verbete: o léxico e o gramatical. O verbete léxico define uma palavra léxica (substantivo, verbo, adjetivo e alguns advérbios); o gramatical, se explica uma palavra gramatical (artigo, pronome, conjunção e alguns advérbios), a qual proporciona informação gramatical; (iii) Por tipo de informação, distinguem-se a implícita e a explícita; esta, diz respeito à materialidade linguística do verbete, que se constitui em um conjunto de enunciados; aquela, é mais difícil de ver, mas nem por isso inexistente, através dos exemplos se mostram as estruturas sintáticas em que pode ser utilizado um elemento e, inclusive sua extensão semântica. (PONTES, 2009, p. 103-104)

Ressalta-se, portanto, que pelas abordagens a respeito da organização do verbete, que este gênero apresenta recursos, os quais possibilitam o acesso aos conhecimentos linguísticos, que, de acordo com as estratégias de ensino, os alunos podem construir experiências com o universo lexical da língua portuguesa, ampliar seu repertório linguístico nas diversas situações de uso de linguagem.

Pontes (2009, p. 104) diz que em um verbete de dicionário escolar, explicitamente, podem aparecer as seguintes informações: palavra-entrada; pronúncia; informação fônica; informação gramatical; marca lexicográfica; definição; família de palavra; parte

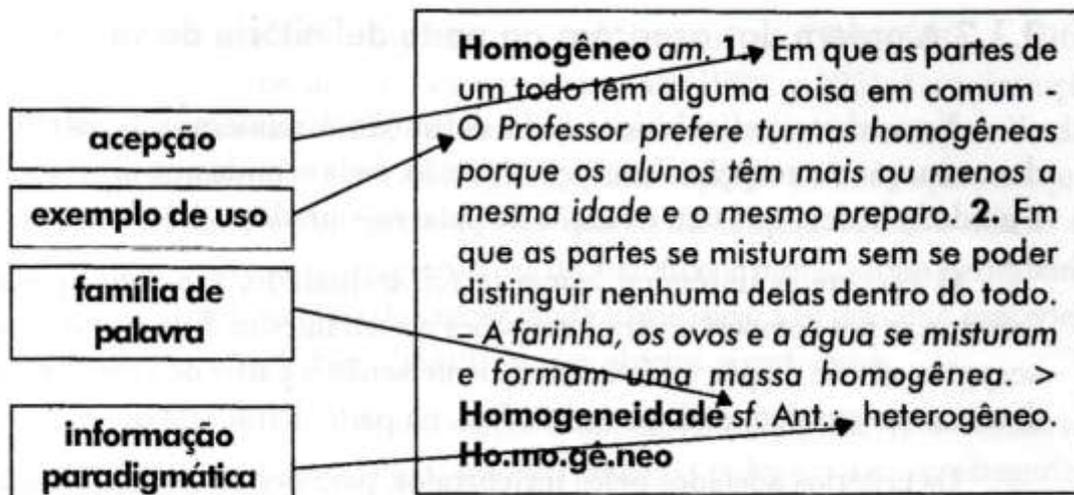
sintagmática; parte paradigmática. Para demonstrar alguns paradigmas, o autor apresenta os seguintes exemplos.

Figura 1 – Elementos constituintes do Verbetes 1



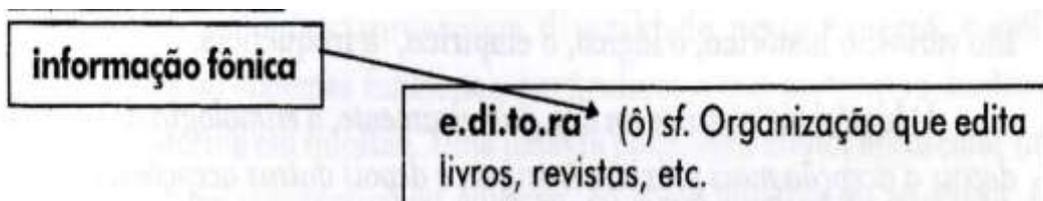
Fonte: FERREIRA (2005)

Figura 2 – Elementos constituintes do Verbetes 2



Fonte: MATTOS (2005)

Figura 3 – Elemento constituinte do Verbetes 3



Fonte: FERREIRA (2005)

Ademais à organização apresentada por Pontes (2009), há a proposta estrutural em Lima (2010), a qual tomou-se como referência para a elaboração dos verbetes construídos pelos alunos no percurso da pesquisa.

Figura 4 – Estrutura do Verbetes 1

VERBETE = TERMO-ENTRADA + CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + CONTEXTO (Referência) ± IMAGEM/ILUSTRAÇÃO ± NOTA ± VARIANTE + REMISSIVA

Fonte: LIMA (2010)

A construção de verbetes se desenvolveu ao longo das atividades práticas de coleta de dados e registros, inclusive dos desenhos ilustrativos (ver glossário), os quais não foram previamente planejados, porém, foi uma ação autônoma dos alunos. Com efeito, a experiência com o gênero verbete permitiu ao aluno desenvolver seus conhecimentos e conceptualizações do contexto local e do mundo.

Figura 5 – Verbetes elaborado por Aluno

Classe gramatical

Enunciados prefixo tônico sílaba tônica ?
 divisão silábica ?

Palavra-entrada

ni. de acepção

SUSTENTABILIDADE (sus-ten-ta-bi-li-da-de)_{n.f.}

1. Qualidade ou condição de sustentável; 2. Ecol. Econ. Modelo de desenvolvimento que busca conciliar as necessidades econômicas, sociais e ambientais de modo a garantir seu atendimento por tempo indeterminado e a promover a inclusão social, o bem-estar econômico e a preservação dos recursos naturais; 3. **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL** [F: sustentável + (-i)dade, segundo o modelo emude].
 pl: sustentabilidades.

↳ plural da palavra-entrada.

3. METODOLOGIA

Nesta seção apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa-ação. Pois, em consideração com a prática pedagógica motivada pelo Mestrado Profissional em Letras, a pesquisa iniciou por meio da observação diagnóstica da (i) escrita de textos dos alunos do sexto ano do ensino fundamental; com a finalidade de (ii) identificar e descrever os problemas de escrita nos textos dos alunos; em seguida da (iii) apresentação dos resultados dos problemas de escrita; a qual deu sequência à (iv) aplicação da Intervenção e coleta de dados, que resultaram na (v) construção de glossário dos termos agrícolas.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

A elaboração deste trabalho pautou-se nos pressupostos de uma pesquisa-ação qualitativa e quantitativa, de natureza etnográfica da educação do campo, baseada nos postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Educacional. Assim, a partir da observação e diagnose realizadas com base em atividades de leitura e escrita, constatou-se a necessidade de um trabalho de mediação da escrita, seguindo procedimentos específicos, para alcançar os objetivos propostos. Assim, serviram de orientação teórica os estudos e trabalhos de Thiollent (2011); Bortoni-Ricardo (2004, 2008, 2014), Fayol (2014); Lima (2010 e 2017); Menegassi (2010, 2016); Pontes (2009).

Para desenvolver este trabalho de pesquisa em contexto escolar, baseou-se na pesquisa-ação devido ao caráter de envolvimento ativo dos alunos quanto à criação e elaboração dos próprios textos, além da interação entre alunos, professores e comunidade nos espaços de conhecimentos. Já que, compreende-se que pesquisa-ação em uma concepção do conhecimento deve ser considerada como ação. Segundo Thiollent (2011, p. 85): “No contexto de construção ou da reconstrução do sistema de ensino, não basta descrever e avaliar. Precisamos produzir ideias que antecipem o real ou que delineiem um ideal”.

Por esse viés, a pesquisa em pauta apresentou tal finalidade, pois, diante das dificuldades de escrita dos alunos, a descrição e a avaliação em sala de aula não resolviam os problemas; era necessário criar estratégias de ensino envolvendo os

protagonistas da situação, a fim de que, estes, se apropriassem de recursos e de conhecimentos para a construção de seus próprios textos - interação e integração.

Como ressalta Thiollent (2011):

[...] os pesquisadores precisam definir novos tipos de exigências e de utilização do conhecimento para contribuir para a transformação da situação. Isso exige que as funções sociais do conhecimento sejam adequadamente controladas para favorecer as condições do seu uso efetivo. Dentro de um equacionamento realista dos problemas educacionais, tal controle visa minimizar os usos meramente burocráticos ou simbólicos e maximizar os usos realmente transformadores. (THIOLLENT, 2011, p. 85)

Além dessas assertivas, as especificidades da pesquisa qualitativa são abordadas por Bortoni-Ricardo (2008) como sendo aquela em que se “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Nessa perspectiva acrescenta que “o pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Nesse sentido, as aulas de língua portuguesa e de técnicas agrícolas oportunizaram aos alunos o espaço empírico de escuta, de registros, de interação e, sobretudo, de produções escritas.

Desse modo, esta pesquisa desenvolveu estratégias e métodos de ensino da leitura e da escrita (especificamente da escrita), os quais propiciaram interesse dos alunos pelo ensino da língua, dos valores do saber ler e escrever as diversas linguagens, tanto por meio da variedade coloquial quanto da variedade de prestígio na sociedade. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 35), a pesquisa qualitativa “se voltará para um micrososmo, uma sala de aula (...). O problema toma corpo e forma a cada minuto da ação educativa em sala de aula”. Assim, em um contexto de sala de aula da escola de campo, foram observados desvios da norma padrão e diferentes tipos de problemas de escrita, tais como: (i) problemas de interferência da fala na escrita e (ii) dificuldades inerentes à escrita; (iii) problemas de pontuação e paragrafação; (iv) escrita ilegível, dentre outros. Para enfrentar esses problemas de escrita dos alunos, foi importante a utilização de estratégias que estimulassem a leitura, a escrita, a revisão e a reescrita de textos. Desse maneira, tornando a sala de

aula em um espaço de aprendizagem mais interessante ao aluno, este, enquanto protagonista do processo de educação.

Nesse ponto de vista, o trabalho de pesquisa teve seu percurso considerando que o aluno da escola do campo apresenta diversas dificuldades no processo escolar, as quais, provavelmente, estejam associadas a diferentes fatores socioculturais, conforme relato das famílias em reuniões escolares e comunitárias, É possível que, pelas dificuldades enfrentadas, os alunos não se sentissem motivados ao estudo, não viam a escola e a aprendizagem da leitura e da escrita, como meio de informação, de comunicação e formação profissional. Conseqüentemente, é comum a desistência escolar e para aqueles que estão na escola, os obstáculos são claros e o esforço em frequentar a escola é bem expressivo.

Como nos afirma Bortoni-Ricardo (2008, p. 35),

Uma pesquisa qualitativa no microcosmo da sala de aula, que se volte para a observação do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, vai registrar sistematicamente cada sequência de evento relacionados a essa aprendizagem. Dessa forma, poderá mostrar **como e por que** algumas crianças avançam no processo, enquanto outras são negligenciadas ou se desinteressam do trabalho conduzido pelo professor; ou ainda, veem-se frustradas porque fracassam na tarefa de ler e entender os textos que lhes são apresentados.

Dada essa situação desafiadora, a sala de aula deve tornar-se um espaço de autonomia e transformação. É preciso oferecer aos alunos um ambiente em que eles percebam as possibilidades de criação e interação com os professores e demais alunos, e que eles se sintam confiantes para contribuir, a partir dos desafios que lhes são propostos, para o seu próprio crescimento e para o crescimento dos seus colegas. Assim, os educandos deixarão de ser meros observadores passivos do processo educacional e, passarão a fazer parte da própria construção de sua aprendizagem.

À vista disso, a proposta dessa pesquisa se concretizou pelas estratégias de leitura, escrita e reescrita de textos, levando-se em conta o contexto escolar e social dos educandos. O processo da pesquisa, portanto, foi realizado por meio dessa proposta de intervenção; obtendo-se como resultado um trabalho coletivo a partir da interação e do contexto da escola de campo, especificamente, de termos e processos agrícolas. As etapas percorridas durante a pesquisa foram cuidadosamente

desenvolvidas por meio de experiências do uso da língua para a construção de textos significativos para a comunidade escolar e social tanto da zona rural quanto da urbana.

3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

3.2.1 Local de Realização da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Agrícola de Barcarena, localizada no ramal São João, Aicaraú, Km 3, zona rural do município de Barcarena/PA, inicialmente, com a permissão dos pais (realizada em reunião de pais); e da direção escolar, no início do ano letivo 2017. Na ocasião, foi elaborado um Plano de Ação Pedagógico para fazer mudanças no programa letivo e curricular da escola, em que este trabalho de pesquisa foi inserido.

A Escola Agrícola recebe alunos de várias localidades periféricas desta zona rural de Barcarena, como: Santa Maria, CDI, Araticu, Ama, Tucumandeuá, Bacuri, Pedreira, Zita Cunha e Canaã; e esses alunos pertencem a famílias de colonos, pescadores, agricultores e artesãos. Em meio a esse contexto, a escola atende às comunidades como espaço de ensino e aprendizagem, com intuito de possibilitar o saber ler e escrever.

3.2.2 Breve histórico da Escola Municipal Agrícola de Barcarena

A contextualização da escola resulta de informações adquiridas por meio de documentos internos da escola disponibilizados para este trabalho de pesquisa. A escola foi, a princípio, uma idealização do Vereador Alírio Cezar Magno, que construiu a escola naquela localidade, a fim de atender as comunidades periféricas, pois, a Secretaria de Agricultura atuava com seus trabalhos nesse perímetro. Assim, foram construídas quatro salas para dar início ao funcionamento de uma pequena escola rural, que em 1996, foi intitulada como Escola Agrícola de Barcarena.

Em relação ao atendimento e funcionamento, a escola Agrícola atende e forma cerca de 70 alunos, os quais frequentam as atividades escolares, cumprindo os 200 dias letivos exigidos em lei. Conforme o Regime Unificado das Escolas Municipais de Barcarena, art. 58 – “O curso de ensino fundamental, oferecido pela Escola Municipal Agrícola de Barcarena, funciona em regime de seriação com semi-internato, voltado

à comunidade rural, visando à preparação de agentes (auxiliares-técnicos) comunitários de Extensão Rural” (2015, art. 58), de maneira que, o horário de funcionamento é de 7:30 às 17:00h.

No que diz respeito aos alunos e suas famílias, a maioria é nativa do município de Barcarena, cuja ocupação de trabalho é com lavoura (mandioca, milho, feijão da colônia, hortaliças, legumes); extrativismo (açai) e funcionalismo público (agente de serviço geral, portaria, vigilância e saúde; professores com magistério). Segundo informações dos familiares em reunião escolar, eles possuem pouca ou nenhuma escolaridade e, por isso, os pais ou responsáveis têm dificuldades em acompanhar seus filhos nas atividades escolares; pois, desde cedo começaram a trabalhar. Assim também acontece com muitos alunos, que ajudam seus pais na roça. Outro aspecto importante é o acesso dos alunos à escola, pois as comunidades são distantes da escola e da estrada principal (PA) e é preciso o apoio do ônibus escolar, que percorre pelos ramais mais próximos para conduzir os alunos até a escola. Vale ressaltar que esta realidade da zona rural (acesso à escola) pode ser um dos fatores que muitos jovens deixam de estudar nesta ou em outra escola.

Quanto à estrutura física da escola, até 2017, era composta de um bloco com quatro salas e dois banheiros. Não havia espaço apropriado à direção, à secretaria e outros, pois o funcionamento desses ambientes era uma precária estrutura. À vista disso, no dia 16 de fevereiro de 2018, iniciou-se a reconstrução da escola e as aulas foram suspensas por três meses. Assim, a Secretaria de Educação encaminhou a comunidade escolar para o cumprimento das atividades pedagógicas em outras escolas rurais, onde foi cumprido o ano letivo de 2018, e ao término da reconstrução, em 2019, o cumprimento das atividades escolares foi realizado na nova escola.

Em se tratando do programa curricular da Escola Agrícola, este abrange as seguintes disciplinas da Base Comum Curricular: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Inglês, Estudos Amazônicos, Ensino Religioso, Ensino das Artes, Educação Física. Além destas, há as disciplinas específicas que são: Sociologia Rural, Administração Rural, Extensão Rural, Desenvolvimento Rural, Técnicas Agrícolas, Fitotecnia, Zootecnia e Ecologia.

A Escola Agrícola, além de seu programa interno, o qual busca cumprir o Plano de Ação coerente às características e filosofia da escola, cumpre também outras atividades e programas pedagógicos orientados pela Semed como: Projeto “Educação

pra gente”; “Meio Ambiente e ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”; “Olimpíada de Língua Portuguesa”; “Olimpíada de Matemática”; Exames de Avaliação Nacional: Provinha Brasil; Prova Brasil; Sispae; Saeb. Além destes, a escola apoia os alunos que têm interesse pelos exames da Escola Técnica de Castanhal/PA.

Mediante a este currículo, a escola cumpre sua filosofia que, conforme o Regime Unificado das Escolas Municipais de Barcarena, art. 57: A escola baseia-se na formação integral do homem, preparando-o para atuar conscientemente na sociedade desenvolvendo suas potencialidades intelectuais, emocionais e sociais, enquanto ser livre e criativo, capaz de transformar a realidade em que vive. Intenciona também a promoção por uma educação humanizadora, alicerçada nos princípios da democratização. Assim, há 21 anos, por entre lutas e desafios, a escola busca alcançar uma formação digna para os adolescentes e jovens que constroem experiências e registram suas histórias.

A escola está fundamentada sob a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996 de 20/12/1996, a qual em seu art. 205 garante “a educação como dever da família e do estado, cuja finalidade é o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ademais, apresenta em seu Projeto Político Pedagógico o direcionamento para desempenhar o compromisso de escola como ambiente de aprendizagem a fim de formar e qualificar os alunos para a cidadania plena.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.3.1 Primeiros Contatos e Observação

O primeiro contato com os alunos foi no dia 24 de abril de 2017, início do ano letivo, recepção aos alunos, diálogo interativo, passeio pelo ambiente escolar e atividades escolares. Em seguida, o contato com a direção escolar e coordenação pedagógica acerca da proposta de pesquisa e da valorização no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A proposta foi autorizada pela direção para o cumprimento das atividades e registros necessários, obedecendo aos princípios de ética, preservando os colaboradores (os alunos; a escola e especialistas).

Inicialmente, a pesquisa foi realizada com os alunos do sexto ano (2017) e seguidamente com esses mesmos alunos, aprovados para sétimo ano (2018), com a finalidade foi evidenciar novos registros do desempenho desses alunos no processo de escrita e concluir o desenvolvimento da pesquisa. Quanto aos alunos novos, matriculados no sétimo ano, foram incluídos nas atividades da pesquisa, com os devidos esclarecimentos, objetivos, acompanhamento do professor mediador.

Desde de maio/2017, foi observado o comportamento dos alunos quanto ao desempenho de leitura e de escrita nas aulas iniciais. Para tanto foi adotado o caderno de caligrafia, como incentivo à produção escrita e outros. Os alunos escolheram textos (poemas, mensagens, receitas, trechos bíblicos, fábulas, pequenos contos, músicas) e fizeram a reprodução escrita em seus cadernos. Além deste material, todos os alunos receberam livro didático¹. Portanto, de posse do livro didático e cadernos, foram realizadas as atividades de leitura e escrita; com tipologia e gênero textuais, linguagem verbal e não verbal e os recursos gramaticais. Assim, esses contatos iniciais serviram para observar a situação do aluno em relação ao conhecimento e experiência com as modalidades de leitura e de escrita.

3.3.2. Colaboradores

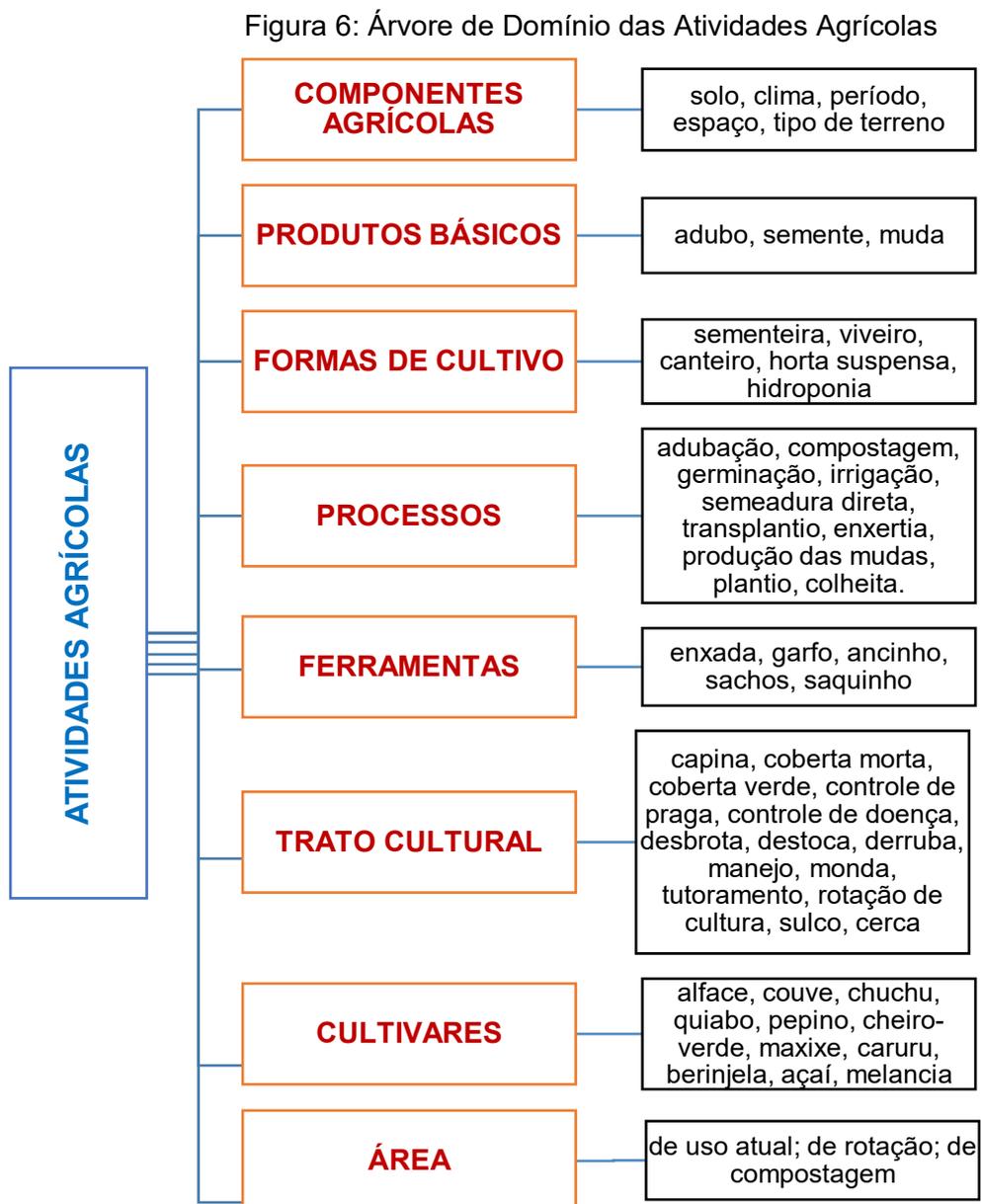
Para a realização da pesquisa, contou-se com a contribuição do professor das disciplinas específicas que compõem o programa curricular, Prof^o Técnico Jorge Luís Conceição Ferreira (Fitotecnia, Zootecnia, Extensão Rural; Técnicas Agrícolas, Ecologia, Sociologia Rural, Administração Rural, Desenvolvimento Rural), além deste especialista, o produtor rural, funcionário da Semagri, Sr. Osvaldo Moraes do Carmo. Estes profissionais contribuíram exitosamente, com as aulas teóricas e práticas das disciplinas específicas; disponibilizaram as informações dos procedimentos e definições dos termos utilizados nas atividades agrícolas. No caso do servidor rural, durante suas tarefas funcionais, ensinou os alunos, demonstrando suas experiências e práticas agrícolas. Ressalta-se também que nas entrevistas com os especialistas, esclareceram acerca dos processos e termos realizados e empregados nos plantios. Portanto, eles contribuíram, consideravelmente, para a realização de atividades

¹ CEREJA, William & COCHAR, Thereza. Português linguagens 6º ano. 9ª ed. Reformulada. São Paulo: Saraiva, 2015.

aplicadas em sala de aula e nas áreas de plantio, as quais a escola tem acesso e os alunos recebem orientações e realizam práticas agrícolas. É importante, pois, antes de iniciar as etapas metodológicas, conhecer e compreender os processos e termos utilizados na área específica de estudo. À vista disso, elaborou-se a árvore de domínio das atividades agrícolas a partir das informações dos especialistas.

3.3.3 Árvore de Domínio das Atividades Agrícolas

A árvore de domínio elaborada pelos especialistas organiza os termos e seus respectivos campos, bem como contribui para compreender as definições e funções dos processos de plantio em situação de uso.



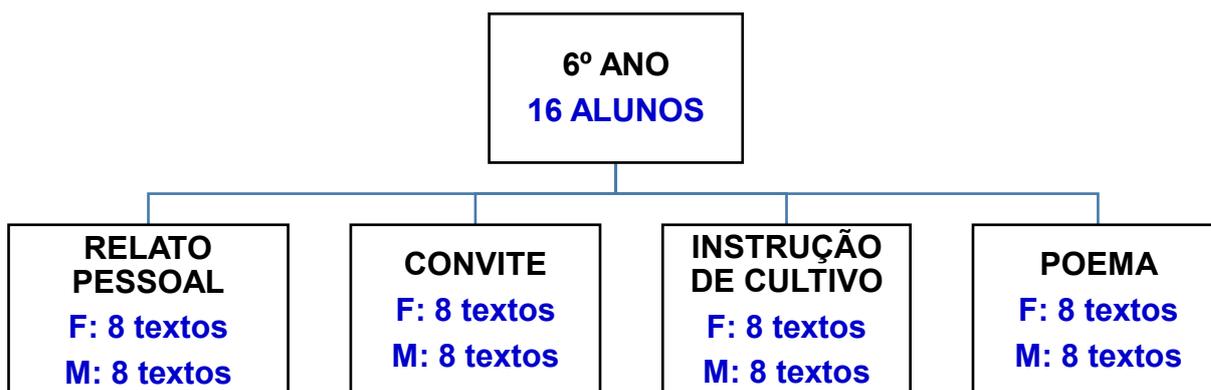
3.3.4. Observação Diagnóstica e Coleta de Dados

Esta foi a etapa inicial da pesquisa, a qual teve a intenção de observar os conhecimentos prévios dos alunos; identificar e controlar (com registros) as dificuldades de escrita apresentadas em seus textos. Durante este processo diagnóstico, considerou-se tanto os desvios gramaticais da língua, quanto a construção dos textos, a coesão e coerência.

A realização desta etapa diagnóstica ocorreu no período de agosto a setembro de 2017, com a turma de sexto ano do ensino fundamental, composta por 22 alunos. Sendo que, deste número de alunos, somente 16 (8 alunas e 8 alunos) foram controlados na pesquisa, embora nas atividades e produções de textos, todos os discentes participaram e receberam acompanhamento.

Para a execução desta etapa aplicaram-se quatro gêneros textuais (relato pessoal, convite, instrução de cultivo e poema) discriminados a seguir.

Figura 7: Estratificação dos Textos na Observação Diagnóstica



F – Feminino / M - Masculino

3.3.5 Descrição das atividades de Escrita

- a) **Relato Pessoal:** Inicialmente, por meio do livro didático, o professor² explicou o que é *relato* pessoal. Para isso foi mostrada uma página de diário, a qual relatava experiências vivenciadas e também foram disponibilizados outros textos de relatos e memórias – retirados dos cadernos da Olimpíadas de Língua

² Professor – referente ao professor pesquisador/mediador

Portuguesa (OLP). Assim, os alunos fizeram a leitura dos textos, observaram a composição e, em seguida, escreveram um esboço de diário expressando suas experiências, pois a ideia era a de que os alunos escrevessem um pouco de sua própria vivência. Posteriormente, foi apresentado o poema “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade, foi feita leitura individual e coletiva; releitura compartilhada; roda de conversa com incentivo à oralidade e, posteriormente, a produção escrita. Nesta etapa de produção escrita, os alunos registraram suas histórias fazendo cotejo com o poema. (cf. Anexo A)

b) Convite: Antes da produção do texto, os alunos foram conhecer a trilha ecológica da escola. Lá foi possível presenciar os elementos naturais; a beleza do lugar e extensão da escola como espaço de interação e aprendizagem. Em seguida, em sala de aula, os alunos compartilharam os seus registros por meio do diálogo, complementaram informações uns com os outros. Após esse segundo momento, o professor apresentou a proposta para os alunos escreverem um convite a um(a) amigo(a), com o objetivo de conhecer a trilha ecológica da escola. Para a realização do texto, foi mostrado aos alunos um modelo de convite, explicando a eles a estrutura textual de um convite, a sua função comunicativa (convidar, convencer, agradecer), o tratamento ao destinatário e a descrição do conteúdo da mensagem. A partir daí, os alunos se sentiram mais seguros para fazer os seus próprios convites (cf. Anexo B)

c) Instrução de Cultivo: Esta proposta foi realizada após aulas práticas de Técnicas Agrícolas, com professor especialista³, em que os alunos participaram diretamente no cultivo de hortaliças (legumes e verduras) e frutos. De maneira que, em consonância com as orientações das disciplinas específicas, foi possível propor e acompanhar tal atividade. Em seguida, os alunos descreveram um dos processos dos quais participaram em aula prática ou visitação em hortas. Para tal, foi apresentado exemplo de instrução de cultivo de plantio (retirada da cartilha do produtor rural), que mostra a

³ Jorge Luís Conceição Ferreira – Prof. Técnico em Agropecuária/Licenciado Pleno em Educação do Campo.

organização estrutural do gênero. De modo que, os alunos foram orientados para descreverem o que sabiam ou lembravam acerca dos cultivos. Tal estratégia intencionou propiciar ao aluno a descrição do processo de instrução de cultivo de plantio, a fim de instigar seus saberes e modo de registrá-los. (cf. Anexo C)

d) Poema: Em aulas de língua portuguesa, foi trabalhado o gênero poema e utilizados vários exemplos de textos poéticos dispostos no livro didático. As aulas com poemas foram bastante proveitosas, tanto no ensino da versificação e formas, quanto no sentido e significado da poesia. Além do livro didático, outros livros foram disponibilizados para que os alunos pudessem escolher, ler, recitar, comentar e até copiar qualquer poema. Após o envolvimento com o gênero, foi proposto que os alunos construíssem sacolas poéticas (atividade dinâmica), que culminariam para o estudo do poema. Assim, de posse de materiais, orientações e contato com esse gênero, os alunos escreveram seus próprios poemas, com temas livres. (cf. Anexo D)

É importante ressaltar que, todas as produções dos textos escritos por meio dos gêneros discursivos, foram desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa e aulas específicas. Dessa maneira, proporcionou-se a experiência de participar nas aulas de linguagens, sem que estas se resumissem em ensino de gramática, com regras e classificações. Ao contrário, as atividades envolveram os alunos no contexto escolar agrícola – sala de aula, canteiros, trilha ecológica – no intuito de incentivar a participação dos educandos e a interação entre os próprios alunos, e entre alunos e professores. Pois, é preciso criar um ambiente de integração e interação, para que o processo de ensino e aprendizagem seja exitoso.

Após a realização das atividades e das produções de textos dos alunos, estas foram devidamente selecionadas e analisadas, bem como, identificados e quantificados os problemas de escrita, apresentados na seção a seguir.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção refere-se à apresentação dos resultados dos problemas de escrita identificados nos textos produzidos pelos alunos. Tais ocorrências foram organizadas conforme discriminação nas tabelas e comparação nos gráficos. Ademais, fez-se a análise dos resultados, com o propósito de refletir e de buscar meios para melhorar as práticas referentes ao ensino da língua.

4.1. PROBLEMAS DE ESCRITA NOS TEXTOS DOS ALUNOS E RESULTADOS

Após as atividades de produção textual realizadas pelos alunos na observação diagnóstica, foram identificados os problemas de escrita e classificados em dois grupos a saber:

- (i) *Problemas de Escrita* – referente aos casos de desvios de ortografia, pontuação, morfossintaxe; coesão e coerência. Nesta classificação além dos casos ortográficos (especificados no próximo grupo); foram considerados os desvios que envolvem estrutura, organização das frases, orações, períodos, bem como, de encadeamento e sentido textual.
- (ii) *Problemas Ortográficos* - referentes aos casos de: acentuação, apagamento, desnasalização, dificuldades inerentes à escrita, hipossegmentação, hipersegmentação, uso de maiúscula e minúscula, monotongação e nasalização. Esta classificação foi considerada conforme os desvios apresentados nos textos escritos dos alunos, pois, a oralidade não foi analisada na pesquisa. Outrossim, tais problemas ortográficos foram classificados para efeito de observação dos casos mais ou menos recorrentes nos textos escritos dos alunos.

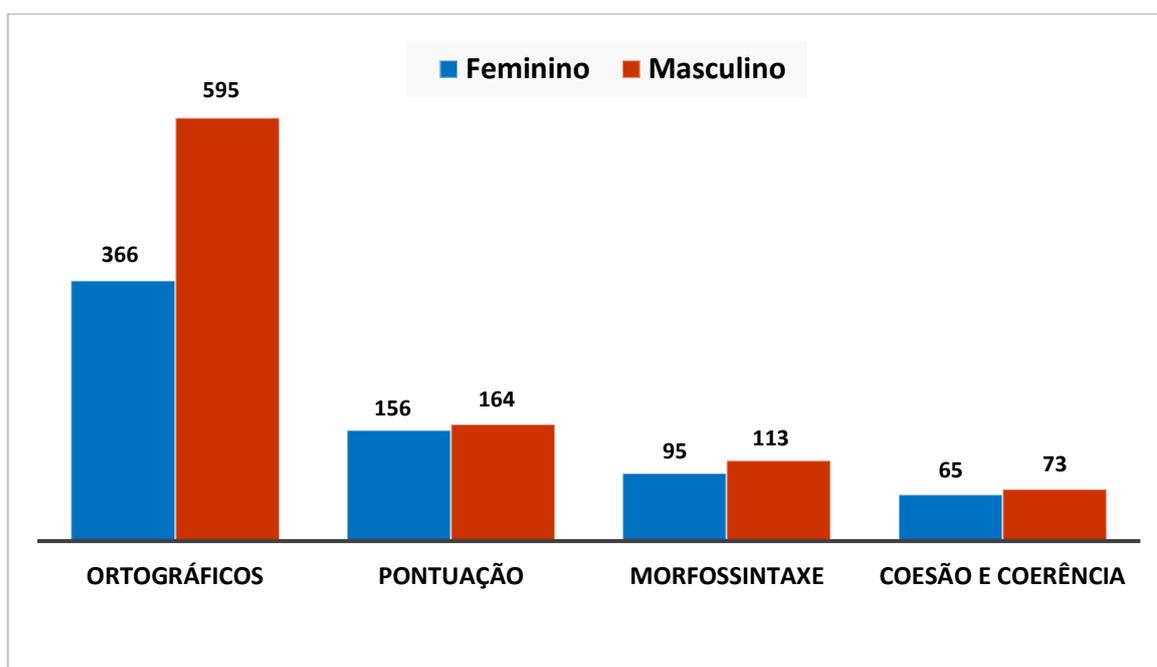
Dessa maneira, os textos dos alunos foram estratificados e demonstrados nas tabelas e nos respectivos gráficos, em um total de 16 textos (8 de alunas e 8 de alunos) para cada gênero textual.

A tabela 1 e o gráfico 1 comparam as ocorrências dos problemas de escrita estratificados nos textos dos alunos e das alunas.

Tabela 1 – Problemas de Escrita em função da variável Sexo

Fatores	Feminino	Masculino	Ocorrências
Ortográficos	366	595	961
Pontuação	156	164	320
Morfossintaxe	95	113	208
Coesão e Coerência	65	73	138
TOTAL	682	945	1.627

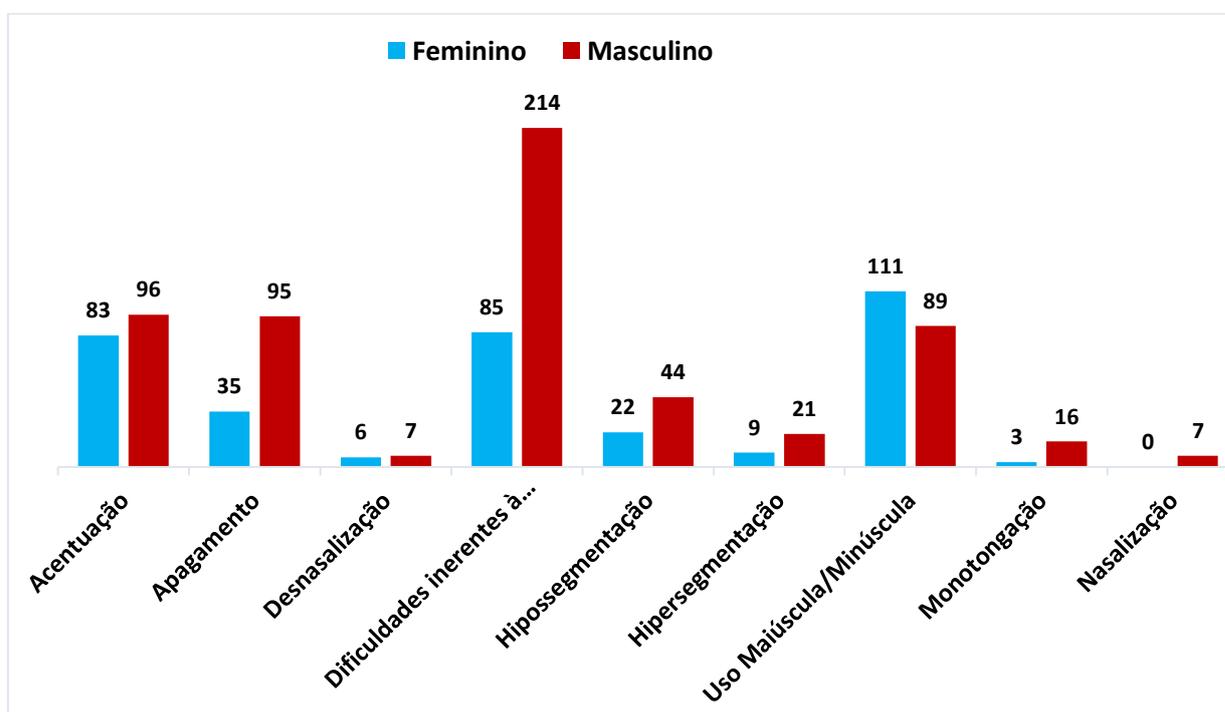
Gráfico 1 – Problemas de Escrita em função da variável Sexo



Observa-se que o número de problemas ortográficos são os mais recorrentes nos textos, sobretudo nos textos dos alunos (595) em comparação aos das alunas (366). Vale ressaltar que os resultados para os demais problemas também são expressivos.

Tabela 2 – Problemas Ortográficos em função da variável Sexo

Fenômenos Ortográficos	Feminino	Masculino	Ocorrências
Acentuação	83	96	179
Apagamento	35	95	130
Desnasalização	6	7	13
Dificuldades inerentes à Escrita	85	214	299
Hipossegmentação	22	44	66
Hipersegmentação	9	21	30
Maiúscula/Minúscula	111	89	200
Monotongação	3	16	19
Nasalização	0	7	7
TOTAL	354	589	943

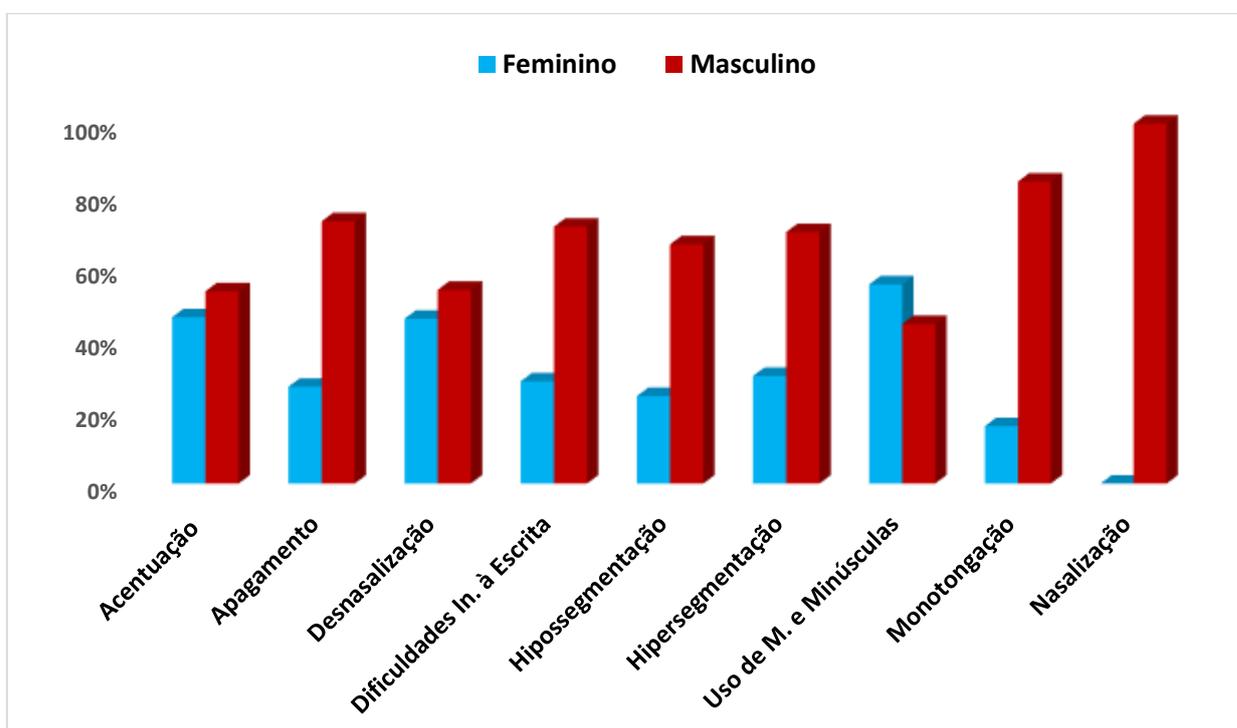
Gráfico 2 – Problemas ortográficos em função da variável Sexo
(por número de ocorrências)

Pelos demonstrativos da tabela 2 e gráfico 2, específicos para os problemas ortográficos, é possível inferir que: (i) os alunos apresentaram mais dificuldades inerentes à escrita; enquanto as alunas a maior incidência referentes ao uso das maiúsculas e/ou minúsculas; (ii) os desvios de acentuação, apagamento e hipossegmentação registraram bastantes ocorrências.

É importante enfatizar que o número de ocorrências dos problemas identificados nos textos, em muitos casos são incidentes para certos alunos, os quais apresentaram mais dificuldades para produzir um texto escrito que outros. Isso significa dizer que, ao fazer a observação diagnóstica, é fundamental a atenção para as diferentes situações em sala de aula. Desse modo, a avaliação não se limita a mera contagem e apontamento de desvios da escrita. É preciso, contudo, a observação para as dificuldades que muitos alunos apresentam; o comportamento dos alunos diante das atividades e as expectativas que manifestam no processo de aprendizagem.

O gráfico 3 apresenta a mesma estratificação dos problemas ortográficos, sendo no modo percentual.

Gráfico 3 – Problemas ortográficos em função da variável Sexo (por percentual)

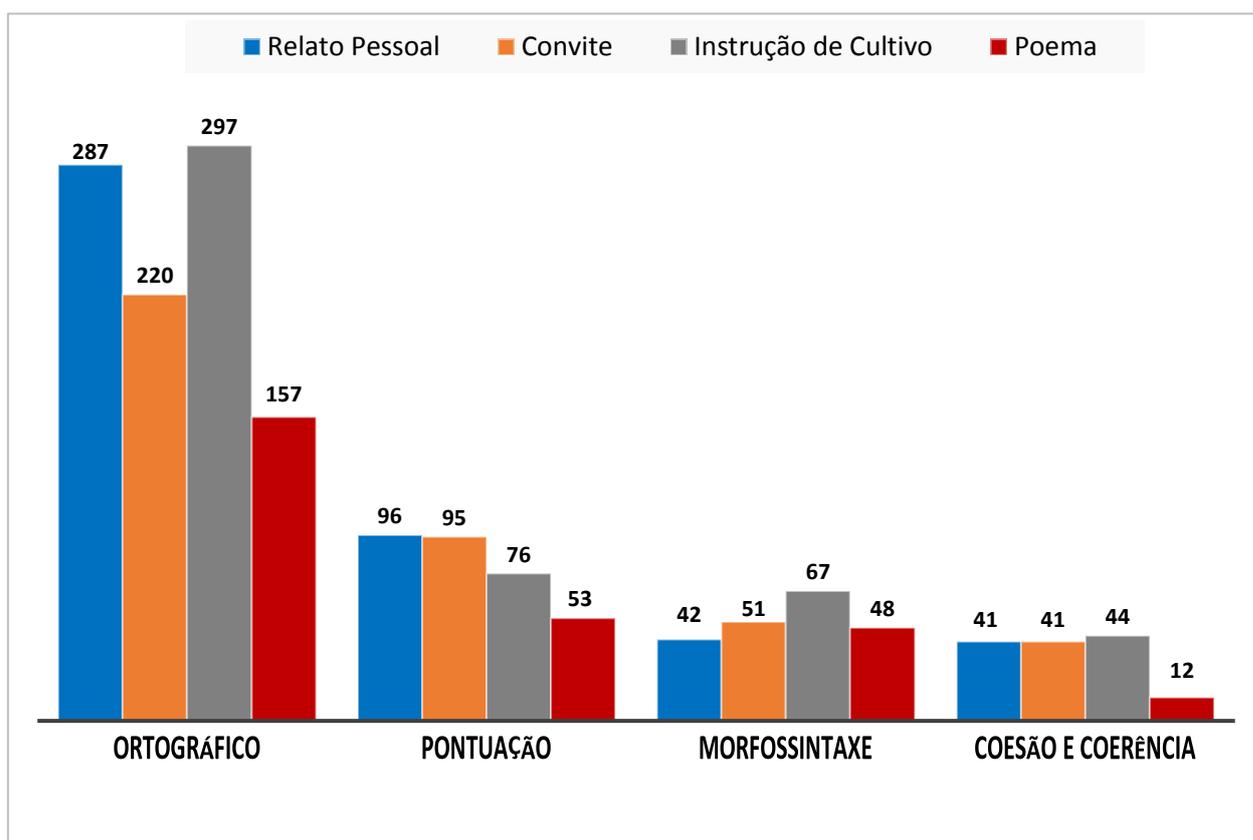


A tabela 3 e o gráfico 4 comparam as ocorrências dos Problemas de Escrita estratificados nos textos dos alunos e das alunas por Gênero Textual.

Tabela 3 – Problemas de Escrita em função da variável Gênero Textual

Fatores	Relato Pessoal	Convite	Instrução de Cultivo	Poema
Ortográficos	287	220	297	157
Pontuação	96	95	76	53
Morfossintaxe	42	51	67	48
Coesão e Coerência	41	41	44	12
TOTAL	466	407	484	270

Gráfico 4 – Problemas de Escrita em função da variável Gênero Textual

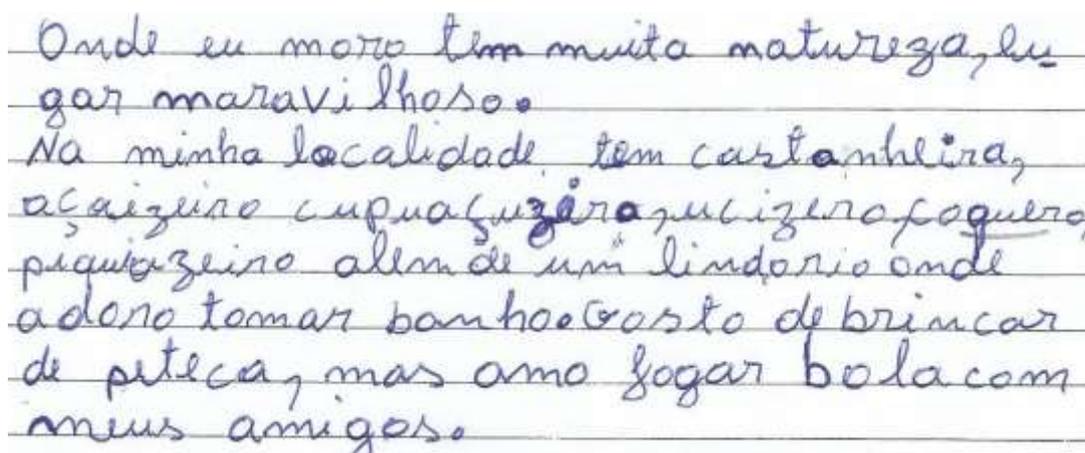


Na tabela 3 e gráfico 4, o comparativo foi estratificado por gênero textual em que se observou que: (i) as ocorrências quanto à ortografia foram mais recorrentes no gênero *Relato Pessoal*; em seguida no gênero *Instrução de Cultivo*; *Convite* e *Poema*; (ii) as ocorrências quanto à pontuação, morfossintaxe e coesão e coerência, embora apresentado menor número, não significa afirmar que os alunos empregaram mais adequadamente esses recursos, provavelmente, conhecem poucas possibilidades de uso e, por isso, não desenvolveram muito em seus textos. Estas questões merecem atenção e estes assuntos devem ser trabalhados nas aulas de linguagem, para permitir aos alunos o acesso aos instrumentos da língua, em todos os seus aspectos e níveis.

4.2 TRECHOS DOS TEXTOS DOS ALUNOS E ANÁLISE

Além dos resultados apresentados, para exemplificar os desvios de escrita, foram selecionados alguns trechos dos textos dos alunos, os quais apresentaram as ocorrências identificadas e quantificadas. Para reiterar os números de textos, foram estratificados 16 textos (8 textos de alunos e 8 textos de alunas), totalizando 64 textos referentes aos quatro gêneros textuais aplicados. (cf. anexo E)

Relato Pessoal



Onde eu moro tem muita maturaça, lugar maravilhoso. Na minha localidade tem castanheira, cacaieiro, cupuaçu, fuzêra, mucizeira, foqueira, pequiizeiro além de um lindorio onde adoro tomar banho e gosto de brincar de peteca, mas amo jogar bola com meus amigos.

(6MR3)⁴

⁴ Os trechos que exemplificam os problemas de escrita nos textos dos alunos foram identificados pelo seguinte código nessa sequência: Ano (6º ano); Sexo (masculino; feminino); Gênero Textual (relato pessoal, convite, instrução de cultivo, poema), Número do texto conforme ordem alfabética dos nomes dos alunos (1,2,3...). Portanto, Lê-se: trecho extraído do texto do aluno do 6º ano; sexo masculino, gênero *relato pessoal*; texto nº 3.

Neste trecho observa-se, por exemplo, casos de monotongação (*coquero*); dificuldades inerentes à escrita (*ucizero*), hipossegmentação (*lindorio*).

eu gostli muito do palma, a parte qui eu mas gostli
 foi quando li falou que a latorie dli era melhor do que
 Robinson Gussol, igual do palma onde eu more tem
 mangueira, caralo, o campo, e eu já ouvi falar sobre Robinson
 Gussol, eu gosto de jogar bola temo banco de garapi e ando
 de bicicleta e jogos eletronicos, minha vida aqui no araticu
 e simples more com minha mãe e meu pai e meu tio
 ful pramin e com um irmão e alguns primos com meus
 primos e com meus amigos e vou sempre a barcarena
 lais e festa comera

(6MR5)

O trecho apresenta desvios do uso de letra maiúscula no início do texto (*eu* gostei, *araticu*, *barcarena*); nasalização (*muinto*), falta de pontuação, coesão, dentre outros.

meu nome e Lucas e no palma O besever que
 na historio tem algumas coisa que na minha
 casa tem tipos mangueiras e mosquito e outras
 coisas inguais mais onde eu more e na colônia
 de C.O.T e tem muitas coisa eu trabalho e brato
 com meus irmãos e no sintios de Acai e muitas
 das coisa mais eu gosto de ir a iguarapi e brico
 de pira mãe eu gosto de ouvir musica e ir na
 praia e meu passatempo e no casa dos avós
 e na casa de meu colega

(6MR8)

Já neste trecho, há ausência de acentuação (*e Lucas*, *historia*), casos de apagamento (*otras*, *imãos*), de nasalização (*inguais*, *sintios*) e outros.

Convite

Eu teconvido para ir natriilha ecológica
é muito Bom tem Avore de Castanhera
um Garapé de Ávore arcaizero de Sororoca
rangozero escada de Jabuti casa de Urah
ha de Tucumozero turinica é artigo espinho
emuito Bom

(6FC6)

O trecho da aluna apresenta casos de hipossegmentação (*teconvido, natriilha, emuito*), uso inadequado de maiúscula (*Avore, Garapé, Sororoca*), casos que também podem ser considerados como dificuldades inerentes à escrita ou pagamento (*Ávore, Garapé*), além da falta de pontuações.

Na nossa trilha ecológica tem irgarapês e
muitas avores Como açazeiro, uriqueiro, miridi-
zero, pacabeira, irgazeiro, cogumelo, ordiga, diririca
e castanheira a nossa trilha é muito bonita
eu convito você para ir lá na nossa trilha eco-
lógica tanto você vir ver a nossa trilha você
vai gostar muito de ver a nossa trilha eu
gostei de ver e eu acho que você vai gostar.

(6MC7)

Neste trecho, o aluno apresentou dificuldades inerentes à escrita (*nossa, irgarapês, avores, ordiga, bonita, castanheira* e outros), monotongação (*açazeiro, miridizero*), pontuação e coesão.

a) **Instrução de Cultivo**

O plantio do au pce ase mete e Coloca-
 da na sementeira Com os 25 dias podi-
 tina a gora o preparo do cantero
 Com os terco de galinzi entorço de Boi
 rústico de vegetal o cantero é prepar-
 ado por tira sementel para o cantero.

(6MI3)

No trecho acima, o aluno apresentou caso de hipersegmentação (*au face, ase mete, a gora, es terco*) e de hipossegmentação (*japrepado*), além de uso inadequado de maiúscula (*Dias, Boi, JapreparAdo*) e/ou dificuldades inerentes à escrita, apagamento (*pode tira, cantero*), dentre outros.

Li gasti muitos das aulas eu lembro de professor da
 daí tem que pega um cabo de vassora para bota a terra
 (o aqui) praímbis tem que tira o pldo aqui de almentlira
 i (depois) depois tem que pata no cantero i temos que sobal
 a punda do bura para bota a pt do aqui i aduba a terra
 i depois se i bota cabal a pl do aqui

(6MI4)

Neste trecho há ocorrências de nasalização (*muitos*), apagamento (*tem que pega, vassora, tem que tira, para bota, aduba a terra, espera crese*), falta de pontuação e coesão. Observa-se que o aluno empregou (*"i depois"; "i temos que"*), provavelmente, ele fez o registro da escrita com interferência da fala.

Eu gostei muito das aulas do professor Jorge por que eu não sabia planta uma muda mais agora eu sei adubar, planta açaí, alface, chירו-verde, quiabo, Culpalsu, couve e agora eu sei planta tudo isso por que a escola: Agricultura veidiesina como eu aprendi todos estas técnicas de agricultura is a matéria do professor Jorge sobre as hortaliças você aprende muito ari como eu aprendi sobre as hortaliças você também vai a pride eu tenho sedesa.

(6MI6)

No trecho acima, há casos de dificuldades inerentes à escrita (*por que, muda, agora, culpalsu, isso, veidiesina, técnicas, asi, apride, tenho sedesa*); também casos de apagamento (*eu não sabia planta, você aprende, eu aprendi*), hipossegmentação (*veidiesina, euapredi*). Embora, o texto do aluno apresente problemas de escrita, o seu texto é coerente com a proposta.

b) Poema

As férias e muito legal
 porque agente éia alegre
 e vai pra praia e vai
 pra varios lugares

i nos pra visitar
 os nosos parentes e
 nos vamos viajar pra
 casa dos nosos parentes

(6MT5)

Neste poema, há desvios de acentuação (*férias, e muito legal, pra varios lugares*); casos de hipossegmentação (*agente*); dificuldades inerentes na escrita (*i nos pra visitar, nosos parentes*).

A VERDADE alegria não
 não é aquela
 que seu ROSTO mostra,,
 mais sim é que
 veze no seu coração
 e faz VOCÊ contagia
 tomundo o sua volta o
 e remeça e do veno do mundo
 do coração e e anos cuidas
 tes amigos Bricar lembra o
 colega

(6FP6)

Neste trecho de poema, a aluna apresentou dificuldades inerentes à escrita (a *verdade* alegria, *mais* sim, *veze* no seu coração, *tomundo*); de apagamento (faz você *contagia*, *lembra* o colega); também uso inadequado de maiúscula (*VerDADE*, *Rosto*, *Bricar*), hipossegmentação (*tomundo*)

Durante esse processo de identificação os problemas de escrita nos textos dos alunos, outras observações foram evidenciadas tais como: (i) alguns alunos apresentaram mais dificuldades do que outros; (ii) os desvios de escrita foram mais recorrentes nos textos dos alunos do que das alunas; (iii) os alunos demoraram mais para produzir seus textos do que as alunas; (iv) os textos dos alunos são mais curtos do que das alunas, conforme gênero textual.

Além destas situações observadas pelo acompanhamento durante as produções de escrita, possivelmente, as alunas apresentaram mais cuidado e monitoramento com a escrita de seus textos do que os alunos. Por outro lado, os alunos não solicitaram ajuda dos colegas. Percebeu-se também que, embora os textos apresentaram problemas na escrita, a maioria demonstrou sentido com a proposta, isto é, seus discursos foram registrados nos textos. Vale ressaltar que, estas situações foram observadas e notificadas em caderno de acompanhamento da

pesquisa. Vê-se, então, que o comportamento e as atitudes dos alunos durante as atividades também revelam informações para o professor traçar os próximos passos.

Diante dos resultados e apontamentos, foi necessário buscar meios para acompanhar e mediar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, mais precisamente na modalidade escrita. Pois, segundo Bortoni-Ricardo (2004), “os chamados ‘erros’ que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica” (2004, p. 9). Assim, é preciso considerar as diferentes formas de uso dos recursos da própria língua; trabalhar em sala de aula com diferentes estratégias, sem incorrer no tratamento estigmatizado das variedades linguísticas.

Nesse sentido, é preciso observar que os textos dos alunos apresentam diferentes formas de uso dos recursos da língua, as quais podem ser descritas e analisadas sob as contribuições da Sociolinguística Educacional, a fim de possibilitar ao educando compreender, apreender e escrever textos proficientes em conformidade com as intenções comunicativas. Em vista disso, é preciso que o aluno tenha acesso e conheça, dentre os saberes que a escola é responsável, os recursos da gramática normativa, considerados em diversos contextos sociais como formas de prestígios da língua, e estes recursos da língua, os alunos do campo ou da cidade necessitam para exercerem seus propósitos pessoais e profissionais, como plenos cidadãos.

Desse modo, após os resultados, foi elaborado o processo de intervenção para que o aluno exercitasse a oralidade, a leitura e, principalmente, a escrita, a partir de diferentes gêneros discursivos, sobretudo, o *Verbete*. Para tal, em sala de aula e em outro espaço escolar de interação, foi propiciado aos alunos, diferentes formas de concretizar seus atos de comunicação para desenvolver seus próprios textos, e assim, oportunizar aos discentes uma educação que se ocupasse com o processo de aprendizagem para o desempenho da escrita e da competência comunicativa.

A seguinte seção, portanto, ocupa-se da etapa de intervenção para os problemas evidenciados nos textos escritos dos alunos, pois, as produções textuais foram elaboradas a partir das experiências de aulas práticas e discursivas acerca dos processos e termos empregados nas atividades agrícolas, além dos textos construídos por meio de conversação local (familiares e comunidade) e leitura de textos em sala de aula. Portanto, a intervenção foi uma experiência desenvolvida que culminou na construção de um glossário terminográfico.

5 A INTERVENÇÃO

Nesta etapa, foi realizado o processo de intervenção com produção de textos escritos, a fim de mediar as dificuldades apresentadas na observação diagnóstica. Assim, com a realização das estratégias para coleta de dados (de outubro/2017 a junho/2018) foi possível, concomitantemente, acompanhar os estágios da escrita nas produções de textos dos alunos, isto é, a intervenção da pesquisa, como também organizar os dados que contribuíram para a construção do glossário dos termos agrícolas.

Esta etapa de intervenção/ação didática foi realizada a partir do gênero Verbete, como principal estratégia de escrita, seguida de outras produções conforme quadro.

Quadro 1 – Cronograma das Estratégias de Intervenção

Período de execução	Estratégia	Gênero textual	Nº de Alunos/Alunas
2017 (a partir de Outubro)	Consulta de Dicionários; demonstração de verbetes	Verbetes de Termos Agrícolas	16 (8 alunos e 8 alunas)
2017 (outubro a dezembro)	Aula prática em canteiro	Entrevista com produtor rural	16 (8 alunos e 8 alunas)
	Aula expositiva com lista de termos	Pequenos glossários	
2018 (maio junho)	Conversa com familiares, idosos da comunidade	Receita de remédio caseiro	16 (8 alunos e 8 alunas)
	Contação de lendas em sala de aula	Reconto de Histórias	
2018 (outubro a novembro) 2019 (janeiro a fevereiro)	Fichas catalográficas e desenhos dos Termos Agrícolas	Glossário (construção e organização)	16 (8 alunos e 8 alunas)

5.1. DESCRIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS APLICADAS

5.1.1. Elaboração de Verbetes

O gênero textual *Verbetes* foi a principal estratégia de intervenção aplicada como mediação da escrita dos alunos, pois, este gênero possibilitou aos alunos: (i) o conhecimento da estrutura: palavra-entrada; definição; recursos gramaticais; exemplo de uso, disposição; (ii) dos recursos morfosintáticos: organização das orações e períodos; relações sintáticas de concordância, regência e outros; (iii) da semântica a partir das acepções e sentido do léxico; (iv) do uso das pontuações e suas funções; (v) do conhecimento e uso das classes gramaticais, acentuações, siglas, dentre outros recursos da língua; (vi) das possibilidades de variação do léxico, remissiva; (vii) do uso do termo entrada por meio de exemplo de frases ou orações.

Diante desses recursos do uso da língua, o gênero *Verbetes* foi trabalhado em sala de aula e considerado como principal estratégia de intervenção didático-pedagógica, pois contemplou diversas possibilidades de aprendizagem de leitura e escrita. Para ilustrar, inicialmente, destacou-se alguns exemplos de verbetes.

debulhar (de.bu.lhar) *v.td.* 1Tirar os grãos, os bagos ou as sementes de (fruta, cereal etc.). 2]”debulhar o trigo, recolher cada bago do trigo...” (Milton Nascimento, “O cio da terra”).

Dicionário da Língua Portuguesa
Evanildo Bechara,
Nova Fronteira, 2011

colher co.lher (é) *s.f.* É um objeto que tem cabo e uma concha rasa e que serve para pôr a comida no prato, para comer e mexer coisas líquidas ou pastosas.

- **Dar uma colher de chá** gíria. É fazer com que as coisas fiquem mais fáceis para alguém. **Meter a colher.** É dar palpites na conversa dos outros.

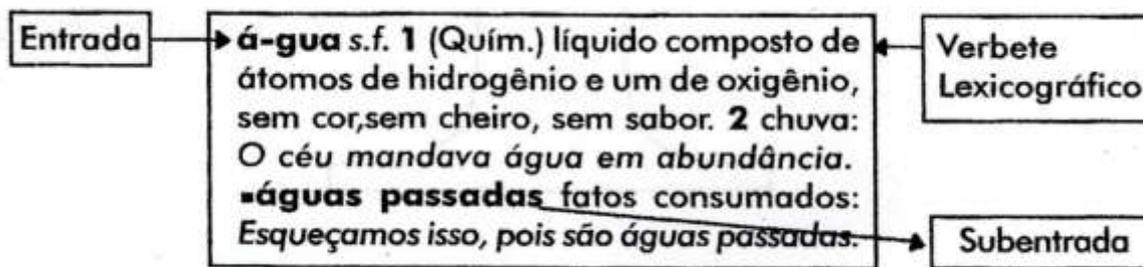
Caldas Aulete: dicionário escolar da língua portuguesa: ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, Globo, 2011

mangueira¹ *s.fem.* man-guei-ra. Árvore frutífera de porte alto, copa e folhas grandes que produz a manga. *As crianças se sentaram embaixo da mangueira para chupar manga.*

mangueira² *s.fem.* man-guei-ra. Tubo de vários tipos de material, usado para deixar passar água ou gás.

Maria Teresa Camargo Biderman
Dicionário ilustrado de
Português, Ática, 2009

Figura 8 – Estrutura de Verbetes 2



Fonte: Cegalla (2005)

Nestes exemplos, é possível perceber as diferentes informações dispostas nos verbetes e como afirma Pontes (2009, p. 100), “o verbete constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada”. Com base nesta concepção, o trabalho com *verbetes* foi realizado a partir de atividades preliminares conforme descritas a seguir:

- (1) Apresentação de dicionário aos alunos. Para tanto, foi aplicada atividade a partir do material didático⁵ (dicionários) recebido na escola; o qual propiciou aos alunos o contato com o dicionário, para conhecer como o livro é estruturado e como são organizadas as informações lexicais.
- (2) No segundo momento, foi sugerida a pesquisa de algumas palavras, para que os alunos observassem as definições, significados dos termos; recursos gramaticais e exemplos de uso e outras informações dispostas;
- (3) Por meio de fichas catalográficas disponibilizadas, os alunos iniciaram a descrição de determinados termos e/ou processos agrícolas. Foram elaboradas em sala de aula listas de palavras para pesquisas nas aulas das disciplinas específicas;
- (4) As fichas catalográficas também foram usadas quando os alunos foram para as aulas práticas, em canteiros, trilha ecológica e outros locais, onde registraram as informações adquiridas com os colaboradores especializados;
- (5) Essas fichas foram revisadas, reescritas e organizadas em pasta própria. (cf. Anexo F).

⁵ Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica PNLD 2012 – Dicionários. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Brasília, 2012.

5.1.2 Atividades que contribuíram para elaboração do Verbetes

5.1.2.1 Aula Prática no Canteiro

Para realizar esta atividade de escrita, os alunos participaram de uma aula prática no canteiro de açaí, e durante o processo do plantio, fizeram perguntas ao produtor rural, anotaram as informações e, em sala de aula, reproduziram os dados coletados sob a orientação e mediação do professor. Esta estratégia demonstrou que as atividades de escrita não se limitam em copiar meramente do quadro, porém trata-se da construção de conhecimentos, da interação aluno/texto/professor.

Seguem alguns trechos dos registros feitos pelos alunos.

“O Sr. Osvaldo disse que para fazer o plantio do açaí é pre(sic)iso seguir as etapas e cuidados: fazer o adubo – primeiro coar a terra, misturar com calcáreo e esterco”.

“Depois fazer o semeiro com o adubo e coloca-se as mudas na sementeira deve-ser molhadas todos os dias (3xaudia)”.

“Passar as mudas para o saco e molhar todus dias (processo de irrigação) e adubo (processo de adubo) adubação). Tempo as mudas devan ficar de 5 a 6 meses na sementeira”.

“Depois as mudas são retiradas da sementeira e são planta das naterra (chão) obs Irigausem sempre!”

08/11/14

Entrevistando nossos especialistas

O que é ?

1. Canteiro: * Tipos
2. Sementeira ou "repiqueira"
3. Adubação:
 - * Tipos
4. Irrigação:
 - * Tipos
5. Germinação:
6. Semeadura:
7. Colheita:
8. Manejo:
9. Cobertura:
 - * Tipos
10. Semente:
11. Muda:
12. Bruto:

Nesta produção de texto, os alunos compartilharam as informações e escreveram as etapas do processo de plantio e ainda, comentaram sobre o *açaí*. Seguem alguns exemplos, que também serviram como material para a mediação da escrita dos alunos.

“o açai é uma fruto que seve para comere e vemde tira o palmito e vende e tirar acemente para dubo as planta”

“o Açai é uma fruta muito boua costoso e crescer e dar fruto, e é muito bom é 7 Reais e de 5 Reais e de 10 Reais pra apanha tem que subi na ávre mais é muito bom.”

“e uma fruta pequena preta queda umsumo preto que gostamos dela e para venda e o valor e a te duzentos reas quando t abo m para vender.”

“É um fruto típico do Brasil e serve para comer e vende e tem gente que planta e faz sorvete”

“É uma fruta muito consumida no Brasil e tem pessoas que vendem o açai e o açai e muito valorizado no Pará. O açai tem a cor preta o sabor e muito bom tem pessoas que fazem picolé de açai nos comemos com farinha tem gente que come com farinha de tapioca.”

“é uma fruta que é muito bom com peixe seve para veta seve para consumo seve para plantaro caroso o caroso seve para adubar as outras plantas”

“é um pretinho muito bom pra come com peixe e com carne ASAda é muito importante para oparaense e não tem como nem um paraense não come”

Para dar continuidade às estratégias de intervenção, além do livro didático, foram utilizados os textos dos próprios alunos como material de ensino e aprendizagem. De maneira que, foram realizados: (i) leituras; (ii) listas de palavras no quadro e no caderno; (iii) escrita de textos em cadernos de caligrafia; (iv) estudo dos recursos da língua como: classes de palavras, pontuação, acentuação, paragrafação, construção de frases e orações, concordância, divisão silábica e ortografia; (v) uso da oralidade por meio de entrevista, diálogo, contação de história, troca de experiências e conhecimentos.

Na perspectiva de atender às dificuldades de escrita dos alunos, o trabalho de leitura foi fundamental para que os discentes observassem o uso da linguagem; o emprego das palavras conforme situação, ideias, informações e outros. As aulas de língua portuguesa, portanto, passaram a ser de interação, interdisciplinaridade, prática do uso da língua. Desse modo, as práticas de ensino foram realizadas tanto em sala de aula, quanto no canteiro, viveiro e trilha ecológica do contexto escolar. Além destes espaços, foi realizada visitação em feira do agricultor e canteiros de outras localidades

da zona rural nas proximidades da escola, inclusive para conhecer o processo de hidroponia⁶. Portanto, as práticas de ensino tornaram-se mais significativas a partir de experiências adquiridas nos diferentes contextos de aprendizagens.

5.1.2.2 Aula expositiva e Listas de Termos

Nesta segunda atividade de produção textual, mais uma vez foi realizada uma aula interdisciplinar, em que o professor das técnicas agrícolas foi convidado a dialogar com os alunos acerca de alguns processos agrícolas e termos específicos durante a aula de língua portuguesa. Na ocasião, a interação entre alunos e professores foram fundamentais para a aprendizagem, pois os questionamentos e respostas demonstraram interesse pelo assunto em discussão.

Durante a aula, os alunos enumeraram uma lista de termos agrícolas, em ordem alfabética, para construírem, posteriormente, pequenos glossários. Essa atividade foi realizada por diversas vezes, ao longo do percurso da pesquisa. Além do mais, outras estratégias foram realizadas para que o aluno escrevesse listas maiores e, assim, construísse partes do glossário dos termos agrícolas. Isto é, à proporção que os alunos executavam suas atividades de escrita, esse material foi selecionado, catalogado e organizado como parte do *corpus* da pesquisa. Para exemplificar, seguem trechos das listas.

1. A-du-bo

2. A-du-ba-ção

3. a-gua

4. a-gri-cul-tu-ra

5. a-li-men-to

6. Ambiental
6. An-bi-en-tal

7. Açucares
7. Açúcares

8. Acides
8. Áci-des

9. Ataque
9. A-ta-que

⁶ Hidroponia – sistema de cultivo suspenso em tubo PVC, pelo qual a planta não precisa do solo para se desenvolver, pois é alimentada pelo líquido nutritivo – água corrente.

10. P. bi-a-rio

11. P. be

12. P. bi-mul

13. P. fo-fo-da

14. P. M. me-o. xi-ob

15. P. me-o

16. P. go-fo-xi-Cos

17. P. go-co-fo

18. P. fo-co

19. A-coi

19. A-ca-i

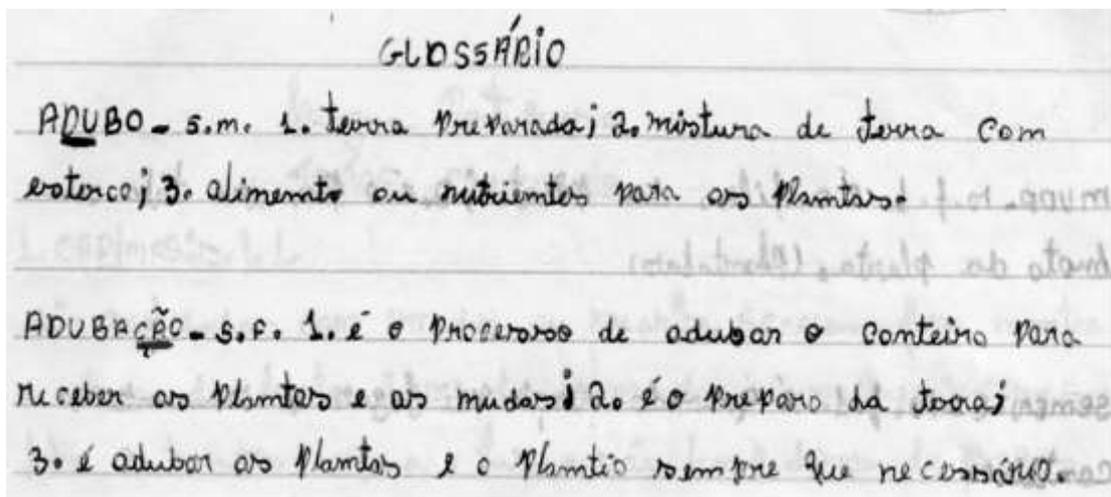
20. A-b-o-r-a

20. A-b-o-b-o-p-a

21. A-ca-i-z-e-i-n-o

21. A-ca-i-z-e-i-n-o

Os pequenos glossários foram desenvolvidos a partir de informações e conhecimentos obtidos durante as aulas práticas, interdisciplinaridades e mediação da escrita, autocorreção e reescrita dos textos. (cf. Anexo G)



glossário

ADUBO - s.m. 1. terra preparada, 2. mistura de terra com esterco; 3. alimento ou nutriente para as plantas.

ADUBAÇÃO - s.f. 1. é o processo de adubação o contêiner para receber as mudas, 2. é o preparo da terra, 3. é adubar o plantio sempre que necessário.

À proporção que os alunos produziram os textos escritos e com acompanhamento nas aulas de língua portuguesa, eles começaram a monitorar seus textos. Tal procedimento observou-se quando isolaram as palavras incorretas entre parênteses e reescreveram corretamente; começaram a organizar os verbetes; identificando a palavra-entrada; as classes gramaticais; as acepções e outros conforme estrutura do gênero. Além do mais, interagiram com os colegas para fazer a autocorreção, ou seja, passaram a cooperar uns com os outros, com respeito e interesse, que contribuiu sobremaneira para a pesquisa.

Assim, constatou-se a maior participação do aluno na construção de seus próprios textos e no monitoramento individual e coletivo.

COBERTURA

(da) 1. b. f. 1. é uma espécie de proteção das plantas contra o sol e a chuva; 2. é também chamado de "bombrite" de pente do tipo de planta.

GERMINAÇÃO - b. f. 1. é quando a planta nasce; 2. é quando a semente brota.

IRRIGAÇÃO - b. f. 1. é molhar a terra; 2. deixar a terra bem molhada para receber a semente ou muda.

9. SEMEADURA DIRETA: b. f. / adj

Em algumas culturas não se faz necessário o preparo das mudas em recipientes, e estas são feitas diretamente nas covas (quiabo), abobora, melancia, melão, etc.) ou aquelas semeadas em sulcos (coentro, salsa, agrião,

5.1.3 Etapas de Elaboração do Verbetes

O gênero discursivo *Verbetes* foi a aplicação principal de intervenção, além de pertinente para o desenvolvimento da pesquisa, pois envolveu pesquisa, leitura, escrita e reescrita de textos, que além dos conhecimentos de composição do gênero, os alunos puderam desenvolver seu repertório linguístico e perceber a funcionalidade da língua em situação de uso. Outrossim, construíram verbetes de termos agrícolas em fichas catalográficas, os quais, posteriormente, constituíram a organização do glossário, como uma das estratégias de proposta de intervenção da pesquisa.

Para a etapa de mediação de escrita com o gênero *verbete*, foi realizado um processo de intervenção mais elaborado, no sentido de acompanhar o desenvolvimento textual quanto à competência e habilidade de escrita dos alunos e, portanto, a proficiência no uso dos conhecimentos adquiridos nas aulas. Desse modo, as atividades de escrita produzidas pelos alunos foram mediadas com base nas abordagens de Menegassi (2010) e Menegassi & Gasparotto (2016) acerca do processo de produção textual, o qual sugere os seguintes passos: planejamento, execução, revisão, reescrita e avaliação do texto escrito. Por este método, os textos escritos pelos alunos percorreram estas etapas, as quais propiciaram, por parte do professor mediador e, possivelmente, por parte do aluno, mais monitoramento durante as produções; interesse pelos conhecimentos; aquisição de informações e, sobretudo, habilidade e competência no processo de ensino e aprendizagem.

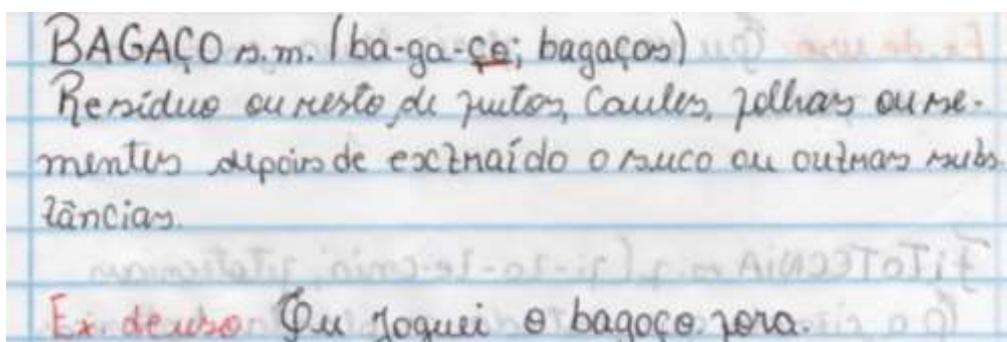
Com base nas perspectivas do processo de produção textual mais elaborado, foram realizadas as seguintes etapas:

- **Planejamento:** (i) primeiramente, foi feito o levantamento de diferentes dicionários, a fim de conhecer a composição de verbete, (ii) em seguida, reuniram todas as informações adquiridas dos termos e processos agrícolas; (iii) aula expositiva acerca dos verbetes, definição, acepção, exemplos de uso, dentre outros; (iv) dinâmica envolvendo os recursos da língua: classes de palavras, pontuação, acentuação, ortografia, separação silábica (soletrando). Estas estratégias foram realizadas durante as aulas de língua portuguesa.
- **Execução:** (i) A produção de texto *Verbetes* foi desenvolvida primeiro nos cadernos dos alunos; em seguida, em fichas catalográficas; (ii) os alunos

utilizaram a coleta de dados reunidos nas atividades de escrita realizadas anteriormente; das anotações feitas nas aulas práticas com os especialistas das áreas agrícolas; das informações adquiridas durante as aulas, leituras, visitas etc; (iii) as listas de termos e os pequenos glossários escritos serviram de material para a construção dos verbetes.

- **Revisão:** das atividades anteriores foi feita a (i) revisão individual e depois em dupla; (ii) posteriormente, realizada a mediação do professor com orientação individual e coletiva – listas de palavras; leitura de pequenos textos; ditados, escrita de placas para canteiro e trilha ecológica. Tais estratégias foram utilizadas para não incorrer na prática de apenas apontar os “erros” e escrever o “correto”, porém, a intenção foi mediar a escrita, provocando no aluno a sua capacidade de compreender e reescrever; saber o significado das palavras.
- **Reescrita:** (i) os alunos reescreveram por diversas vezes seus verbetes, utilizaram as fichas catalográficas; (ii) com maior monitoramento na reescrita; interagiram acerca das informações dos verbetes.
- **Avaliação:** (i) os alunos monitoraram mais seus textos e dos colegas; (ii) observou-se maior cuidado com a escrita e apresentação do texto escrito nas fichas catalográficas; (iii) identificaram suas fichas com iniciais de seus nomes e ano; (iv) apresentaram bom desempenho nas disciplinas específicas devido à interdisciplinaridade.

Para ilustrar, seguem alguns exemplos dos textos escritos. Primeiramente os registros nos cadernos dos alunos, depois em fichas catalográficas. Tais trechos demonstraram o avanço gradativo nas produções dos verbetes, à medida que os alunos receberam orientações, informações dos processos e termos agrícolas; os quais produziram outros textos e passaram pelas etapas do processo de produção textual com mediação do professor (cf. Anexo H)



1. Classe gramatical:
Substantivo Feminino (s.f)

2. nome do termo: Erotocagem / Ero-to-ca-gem

3. Definição:
1. Erotocagem é o armazenamento de frutos ou vegetais principalmente de grãos como o arroz e o milho para ser plantado no próximo ano; 2. é o armazenamento do produto em local seco; 3. é guardar vegetais e grãos.

4. Oração / exemplo:
Ex:
Eu vou fazer a erotocagem amanhã.

CLASSE GRAMATICAL

→ N.º DE ACEPÇÕES

→ ENUNCIADO DEFINITÓRIO

→ DIVISÃO SILÁBICA

PARA LRA ENTRADA ← SAPIENTE (sa-pi-en-te) s.f.

1. Ref. A sapiência (atitude sapiente); SABIO; 2. Que denota sapiência, que demonstra grande sabedoria (super sapientíssimo) 3. Indivíduo que demonstra saber, que se mostra conhecedor das coisas divinas e humanas.

Pl: sapientes.

Seguem os registros feitos em Fichas Catalográficas, as quais foram escritas e reescritas, para modificação ou acréscimos de informações; definições; exemplos de uso; variação linguística; letra mais legível, revisão ortográfica e para melhorar a apresentação e compreensão dos verbetes.

AÇAÍ (A-ÇÁ-Í) s.m.

É um fruto muito macio da região Amazônica. É um fruto extraído de uma palmeira chamada Açazeiro. É um pequeno caroado fruto.

Ex: O açaí é uma fruta consumida e gostosa.
É muito bom e gostoso.

FRUTO (FRU-TO) s.m.

É o caroado fruto que serve para extrair o suco de. É com um caroado ou caroado. É preciso uma pedra de caroado para esmagar.

Ex: O fruto serve para fazer bolo mais outras coisas.

Ex: Eu gosto de fruto porque significa açaí.

PALMITO (PA-L-mi-TO) s.m.

É a parte da planta localizada na copa da palmeira. O palmito serve para cozinhar como legumes e usar, cozido na salsa.

Ex: palmeira é uma planta gostosa.

Ex: palmito significa palmeira é muito bom pra mim.

FOLHA (FO-LHA) s.f.

É a parte da palmeira que serve de adubo orgânico.

Ficha catalográfica

CANTEIRO/~~cont~~-teiros (s.m).

Classe de palavra.

Substantivo masculino. (s.m).

Definição

1. É uma área preparada sob o solo para o plantio de verduras com a altura de 10 a 20 cm.
2. Canteiro é o local preparado para plantar hortaliças e outras

Ficha catalográfica

nome do termo: Erostocagem / Ero-to-ca-gem

Classe gramatical:
Substantivo Feminino (s.f)

Definições:

- 1- erostocagem é o armazenamento de frutos ou sementes principalmente de grãos como o arroz e o milho para ser plantado no próximo ano.
- 2- é o armazenamento do produto em local seco.
- 3- é guardar sementes e grãos.

Ficha Catalográfica V.S.M

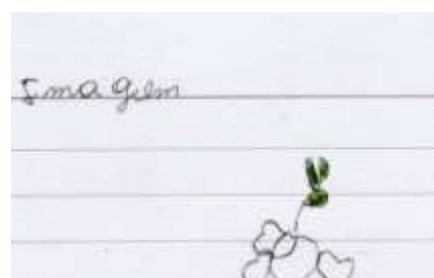
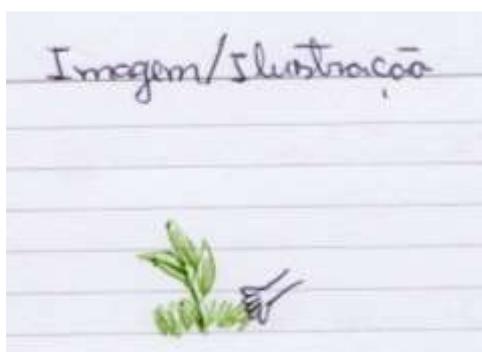
~~SEMENTE~~ ~~SE-MEN~~ ~~TEI~~-RA

Classe de Palavra: Substantivo feminino

Definição:

1. Sementeira: É o local onde é colocada as sementes para germinar.
2. Sementeira: a semente para prepara-las para ir para a cantina.

Estas ilustrações foram feitas, inicialmente, pelos alunos em suas fichas catalográficas, que motivaram outros desenhos para o glossário.



Para exemplificar, estas são fichas catalográficas finais que foram escritas pelos alunos, dentre as quais constituíram o Glossário.

BURITI m.m. (bu-mi-ti; bunitis)

1. Fruto do bunitizeiro, uma das maiores palmeiras da Amazônia; 2. Fruto nutritivo importante para pessoas e animais da região; 3. O buniti também é conhecido no Brasil como muniti, muniti e buniti-do-brejo; 4. A palmeira do buniti é típica de áreas alagadas, igapós, beira de igapós e rios, onde é encontrada em grandes concentrações; 5. O bunitizeiro oferece os frutos, folhas, óleo, peciolo e tronco para utilização alimentar, medicamentos, antetoxato e outros.

Ex. de uso: Os brinquedos de muniti são confeccionados e vendidos no mercado.

Variação lexical: muniti, muniti e buniti-do-brejo.

Homônimos: buniti, bunitizeiro, bunitizal.

Informação adicional: Na cidade de Belém, os bunitizeiros têm um grande importância durante o Círio de Nazaré, pois são (conf.) feitos dos para confecção de brinquedos de muniti, mais especificamente os

AGRÍCOLA adj. (a-grí-co-la; agrícolas)

1. Conjunto de operações ou práticas que transformam o solo natural para produção de vegetais úteis ao homem.

EX. de uso: A prática agrícola é uma forma de sustentabilidade para o ser humano.

AGRICULTOR m.m. (a-grí-cul-ton; agricultores)

1. Trabalhador responsável pelo cultivo do solo; pela plantio de frutíferas e hortaliças; 2. Considerado pequeno e médio agricultor familiar.

EX. de uso: O agricultor é muito importante para o trabalho na roça. O agricultor prepara o plantio de hortaliças e vendidas.

Nesse estágio, os alunos começaram a apresentar textos bem mais elaborados, com as informações necessárias de um verbete, a partir das informações adquiridas nas aulas específicas agrícolas e nas aulas de linguagem.

5.1.4. Outras Produções de Escrita

Além do gênero *Verbetes*, também foram trabalhados outros textos (gênero: receita de remédio caseiro e reconto de histórias), os quais também contribuíram para o processo de mediação da escrita dos alunos. Como no verbete, foram realizadas as mesmas etapas do processo de produção de texto.

5.1.4.1 Receita de Remédio Caseiro

Para a produção deste gênero foi primeiramente observado nas comunidades rurais que o uso de plantas é muito comum na utilização de remédios caseiros, isto é, faz parte do contexto da maioria dos alunos que residem na zona rural.

- **Planejamento:** (i) os alunos foram orientados para que fizessem um levantamento de informações, com familiares, vizinhos e conhecidos na comunidade sobre o uso de plantas para remédios; (ii) foi preparada aula sobre o gênero receita; levantamento de receitas; observação para a estrutura e organização textual do gênero receita.
- **Execução:** (i) os alunos escreveram seus textos conforme informações obtidas das pessoas nas comunidades e apresentaram em sala de aula; (ii) comentaram sobre o uso do remédio caseiro.
- **Revisão:** (i) os alunos fizeram, primeiramente, a autocorreção; (ii) em seguida, em dupla interagiram com leitura dos textos (um aluno leu e ajudou com o texto do outro e vice-versa) e revisaram seus textos. A composição das duplas foi espontânea; (iii) os alunos fizeram uma lista das palavras escritas em desacordo com a norma padrão; (iv) houve a mediação do professor individualmente, com explicação sobre os problemas de escrita identificados, com orientação e incentivo aos alunos para próximo passo.
- **Reescrita:** (i) A partir da revisão e mediação do professor, os alunos fizeram a reescrita de seus textos, com a observação sobre os casos de desvios da escrita;

(ii) outro fator importante foi o monitoramento foi quanto à letra, mais legível e organizada; (iii) apresentaram texto mais elaborado.

- **Avaliação:** alunos e professor avaliaram o processo da produção do texto “receita caseira”. Os comentários iniciais foram acerca dos termos utilizados pelos informantes (familiares, conhecidos, pessoas idosas); a utilização desses remédios em suas casas; e de outras receitas. Além destes comentários, foi questionado acerca da escrita do texto, como organizaram, como fizeram e o que acharam. Eles comentaram que *reescrever é trabalhoso, mas que o resultado é bom*. Além disso, observaram a estrutura textual e o conteúdo bem exposto. Portanto, compararam seus textos e consideraram positivo o processo de escrita.

Seguem exemplo do gênero receitas (cf. Anexo I).

Receita de Remédio Caseiro

Nome: Xarope de Maratuz.

Ingredientes:

1 maçã de maratuz.

2 Copos de água.

1 colher de leite.

Modo de preparo:

① Coloque todos os ingredientes no liquidificador.

② Depois col no crivo.

Modo de consumo:

Se tomar todos os dias, coloque dentro de uma garrafa pet e tome mais açúcar por dia do xarope.

Recomendações:

Este chá não faz mal, ele é recomendado para qualquer pessoa:

crianças, mulheres grávidas e idosos que tenha alguma doença não faz mal.

5.1.4.2. Reconto de Histórias

Esta foi mais uma etapa de produção de texto realizada pelos alunos, cuja finalidade foi trabalhar a escrita a partir da oralidade – contação de história -, incentivando-os à capacidade de assimilação dos fatos para posterior registro. Assim, tal estratégia propiciou a escuta, a oralidade e, principalmente o foco da intervenção, que é o desenvolvimento da escrita desses educandos. Para isso, percorreu-se, os mesmos passos:

- **Planejamento:** (i) pesquisa de lendas, contos, causos locais; (ii) escolha de história para ser lida pelo professor e comentada pelos alunos; (iii) os alunos também pediram aos seus familiares, vizinhos ou conhecidos para que lhes contassem uma história, caso regional ou local; (iv) anotações das informações ou gravação.
- **Execução:** (i) leitura de quatro histórias lendárias feitas pelo professor: Cobra Norato, a lenda do Jurutaí, a lenda da mandioca e a lenda do açai; (ii) comentários sobre as lendas; outras versões locais; (iii) cada aluno recontou por escrito uma das histórias ouvidas; (iv) alguns alunos ainda ouviram de seus familiares outras histórias e recontaram por escrito.
- **Revisão:** (i) individualmente, iniciaram a revisão, com destaque nas palavras que identificaram como incorretas, desconhecidas; (ii) lista dessas palavras que considerou incorreta, fazendo a reescrita adequada, ao lado; (iii) em dupla, foi feita uma segunda revisão do texto, um aluno ajudou no texto do outro; listando as palavras ou expressões com desvio da norma padrão, observaram também casos de pontuação, acentuação, separação silábica, emprego adequado da letra maiúscula/minúscula; (iv) durante a revisão em dupla, o professor acompanhou com a intervenção nos casos de desvios apontados pelos alunos, com explicações e orientações necessárias dos recursos gramaticais da língua e do sentido das palavras empregadas, coesão e coerência textual; (v) além da mediação do professor durante a revisão em dupla, foi realizada a revisão coletiva, no quadro, o professor listou os casos mais recorrentes e utilizou os problemas de escrita como material didático na aula de língua portuguesa.
- **Reescrita:** (i) Após revisão individual, com o colega e com o professor, os alunos reescreveram seus textos, considerando as observações realizadas nas

interações; (ii) alguns alunos reescreveram mais de uma vez, pois encontraram outros desvios, identificaram os mesmos casos e isso ocorreu porque passaram a monitorar seus textos e, portanto, tiveram maior cuidado com a produção escrita e organização textual.

- **Avaliação:** nesta estratégia de intervenção – reconto de história -, foi mais exitosa, pois envolveu escuta, oralidade e escrita do texto, além de ser um texto narrativo, com suas características estruturais definidas, como os elementos narrativos: narrador, personagem, tempo, espaço, enredo. Em vista disso, os alunos demoraram um pouco mais, contudo realizaram todas as etapas e apresentaram uma versão textual bem construída, a qual demonstra maior monitoramento e valorização nas produções textuais. Não se trata de meras cópias, mas construções próprias. (cf. Anexo J)

Para ilustrar, segue exemplo de um reconto de uma das histórias.

Lenda do Açaí.

A lenda conta sobre uma tribo que vivia a muito tempo atrás, que estavam passando um momento muito difícil, um momento de falta de comida, e para diminuir o sofrimento o cacique mandou matar todos os Guaranás da tribo, inclusive a sua filha Taça.

Taça ficou muito triste, e resolveu andar pela mata. O cacique viu a imagem de sua filha em uma palmeira, o cacique achou Taça abraçada em uma planta cheia de frutos pretos, o cacique fez um vinho daquela fruta e levou para a tribo matar a fome.

Para homenagear a palmeira o cacique inventou o nome de sua filha e chamou a palmeira de açaí, que até hoje alimenta sua tribo.

5.2. GLOSSÁRIO

A construção do Glossário dos Termos Agrícolas foi uma das etapas de Intervenção didática, considerada a culminância deste trabalho de pesquisa. O desenvolvimento desta estratégia realizou-se ao longo do percurso das produções textuais dos alunos, das aulas de linguagem e específicas, tanto em sala de aula, quanto em áreas de plantio. Dessa maneira, considerou-se o contexto social, educacional e cultural dos discentes e, portanto, buscou-se realizar um planejamento que desse conta das pretensões, entretanto, houve ocorrências acima das expectativas, como os desenhos que os alunos criaram para representar os termos e processos agrícolas. À vista disso, comprovou-se que além do desenvolvimento e proficiência da escrita observada no percurso de intervenção, esses alunos assimilaram e registraram suas experiências e conhecimentos também por meio de imagens – conceptualização nas práticas de ensino. Assim, foi possível construir como culminância da proposta de intervenção, um glossário ilustrativo.

5.2.1. Estrutura do Glossário

Este glossário terminográfico foi organizado em ordem alfabética dos nomes dos termos específicos e processos de atividades agrícolas. Sua composição totalizou 301 verbetes, distribuídos em sete campos semânticos: (i) processos de plantio; (ii) alimentação (hortaliças, legumes, frutos); (iii) utensílios e objetos; (iv) equipamentos e ferramentas; (v) espécies de árvores e cipós; (vi) produtos utilizados no plantio; (vii) locais de plantio.

Além disso, apresenta na estrutura dos verbetes as seguintes informações: (i) termo-entrada; categoria gramatical (classe de palavra; separação silábica, sílaba tônica, plural); definição (acepções conforme aulas específicas, pesquisa e outros); exemplos de uso; variantes, família, remissiva (se houver), informação adicional; exemplo de uso e imagem representativa de alguns termos.

5.2.2 Construção do Glossário dos Termos Agrícolas

Como resultado das produções textuais por meio dos gêneros discursivos e, principalmente, pela elaboração de verbetes no processo de intervenção, apresenta-se o glossário dos termos e atividades agrícolas.

Verbetes construídos pelos alunos e transferidos para a composição do glossário.

AÇAÍ s.m. (a-ça-i; açais)

1. Fruto extraído de uma palmeira chamada açazeiro; 2. Fruto muito consumido na região amazônica; 3. Fruto em formato de um pequeno caroço preto que se produz em cachos; 4. Os caroços de açaí são amassados ou batidos para se extrair o suco ou vinho.

Ex. de uso: O açaí é um fruto muito gostoso. / No quintal de casa tem muitas palmeiras de açaí. / O fruto açaí serve para fazer sorvete e picolé. / O agricultor apanhou cachos de açaí.

Variação lexical: Açai-do-pará, Luçara, Juçara.



DESBASTE s.m. (des-bas-te; desbastos)

1. Escolha da muda mais vigorosa do plantio entre os ramos plantados; 2. Retirada de plantas indesejáveis ou que não se desenvolveram; 3. Corte parcial feito em povoamento jovens ou imaturos com o objetivo de estimular o crescimento dos árvores remanescentes e aumentar a produção de madeira utilizável.

EX. de uso: O agricultor fez a desbaste do plantio para melhorar o desenvolvimento das plantas.

Informação adicional: Qualquer que seja a tipo de desbaste adotado, são sempre removidas as árvores mortas ou doentes.

DESTOCA s.p. (des-te-ca; destocas)

1. Retirada de tocos da roça ou da meia do plantio; 2. Remoção das restas de tocos de árvores cortada anteriormente.

EX. de uso: O agricultor fez a destoca para fazer a sua roça.



**GLOSSÁRIO
DE TERMOS AGRÍCOLAS**

A

AÇAI s.m. (a-ça-í; açais)

1. Fruto extraído de uma palmeira chamada açazeiro; 2. Fruto muito consumido na região amazônica; 3. Fruto em formato de um pequeno caroço preto que se reproduz em cacho; 4. Os caroços de açai são amassados ou batidos para se extrair o suco ou vinho.

Ex. de uso: O açai é um fruto muito gostoso. / No quintal de casa tem muitas palmeiras de açai. / O fruto açai serve para fazer sorvete e picolé. / O agricultor apanhou cachos de açai.

Varição lexical: açai-do-Pará, iuçara, juçara.



AÇAIZAL s.m. (a-çai-zal; açazais)

1. Plantação de diversas palmeiras de açai; 2. Plantio de pés de açai em grande área.

Ex. de uso: No sítio de meu avô tem açazal. Na região amazônica tem muito açazal.

AÇAIZEIRO s.m. (a-çai-zei-ro; açazeiros)

1. Palmeira de açai; 2. Palmeira de estipe fino e alto com folhagem na copa onde se formam os cachos com os frutos.

Ex. de uso: O agricultor subiu no açazeiro. / Tem muito açazeiro na ilha das onças.



ADUBO s.m. (a-du-bo; adubos)

1. Terra preparada para o plantio; 2. Produto usado para a nutrição da planta; 3. É a mistura de esterco de animais com terra; 4. Substância que favorece o desenvolvimento; 5. resíduos animais ou vegetais, ou substância química, que se misturam à terra para fertiliza-la; 6. Fertilizante.

Ex. de uso: A plantação precisa de *adubo* para melhorar o resultado dos produtos.

O agricultor preparou o *adubo* para adubar o plantio.



ADUBO ORGÂNICO s.m. / adj. (a-du-bo or-gâ-ni-co; adubos orgânicos)

1. Composto de matéria orgânica de restos de vegetais e animais: sobras de alimentos, esterco de galinha, esterco de gado.

Ex. de uso: Na agricultura familiar é usado *adubo orgânico* para plantar as sementes.



ADUBO QUÍMICO *s.m. / adj.* (a-du-bo **quí-mi-co**; **adubos químicos**)

1. Fertilizantes químicos com alta concentração de elementos nutritivos e deve ser usado em pouca quantidade para não matar a planta.

Ex. de uso: O produtor rural usou *adubo químico* na plantação.



ADUBAÇÃO *s.f.* (a-du-ba-**ção**; **adubações**)

1. Processo de adubar o canteiro para receber as mudas; 2. Adubar o plantio sempre que necessário para fornecer os nutrientes para o desenvolvimento da planta.

Ex. de uso: Para que a planta cresça é preciso fazer a adubação correta.



ADUBAÇÃO DA COVA *s.f. / c.n.* (a-du-ba-ção da co-va; adubações das covas)

1. Aplicação de adubo orgânico ou químico que fornecem nutrientes necessários para as mudas que serão colocadas na cova (chão); 2. Preparação das covas com adubo para receberem as mudas.

Ex. de uso: Os agricultores estão fazendo a *adubação das covas* para plantação das mudas.

AFOFAMENTO DA TERRA *s.m. / c.n.* (a-fo-fa-men-to da ter-ra; afofamento das terras)

1. Afofar a terra para facilitar o plantio das culturas; 2. Deixar o solo permeável, com o auxílio de enxada, arado ou grade.

Ex. de uso: O produtor preparou o canteiro fazendo o *afofamento da terra*.

ÁGUA DE IRRIGAÇÃO *s.f. / c.n.* (á-gu-a de ir-ri-ga-ção; águas de irrigações)

1. Água para irrigar as plantas em período de seca; 2. água boa, livre de contaminação e poluição.

Ex. de uso: O agricultor reservou a *água limpa para irrigação*.

AGRÍCOLA *adj.* (a-grí-co-la; agrícolas)

1. Conjunto de operações ou práticas que transformam o solo natural para produção de vegetais úteis ao homem.

Ex. de uso: A prática *agrícola* é uma forma de sustentabilidade para o ser humano.

AGRICULTOR *s.m.* (a-gri-cul-tor; agricultores)

1. Trabalhador responsável pelo cultivo do solo; pelo plantio de frutíferas e hortaliças;
2. Considerado pequeno e médio agricultor familiar.

Ex. de uso: O *agricultor* é muito importante para o trabalho na roça.

O *agricultor* prepara o plantio de hortaliças e verduras.



AGRICULTURA FAMILIAR s.f. / adj. (a-gri-cul-tu-ra fa-mi-li-ar; [agriculturas familiares](#))

1. Trabalho de produção agrícola realizado pela própria família; 2. Organização de pequenos produtores rurais que produzem para o próprio consumo e venda do excedente; 3. Sistema agrícola, normalmente composto por vários cultivos em combinação com atividades pecuária e de criação de aves e suínos, desenvolvidos em pequenas propriedades e tendo como força de trabalho a mão-de-obra familiar.

Ex. de uso: Na zona rural os moradores trabalham com *agricultura familiar*.



AGRICULTURA ORGÂNICA s.f. / adj. (a-gri-cul-tu-ra or-gâ-ni-ca; [agriculturas orgânicas](#))

1. Plantio onde somente se usa matéria orgânica na adubação, por exemplo, restos de vegetais e animais; 2. É uma forma de ambiente sustentável de se utilizar o solo para a produção, ou seja, de forma a garantir a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras; 3. A principal preocupação e objetivo da agricultura orgânica é garantir a saúde no consumo dos alimentos, diminuindo ou eliminando a presença de agrotóxicos e outros produtos químicos durante o cultivo.

Ex. de uso: Os pequenos agricultores geralmente trabalham com *agricultura orgânica* porque é mais saudável.



AGROTÓXICO *adj.* (a-gro-tó-xi-co; agrotóxicos)

1. Produtos ou agentes de processos físicos, químicos ou biológicos destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas; 2. Produto que altera a composição da flora ou da fauna para preservá-las da ação seres vivos considerados nocivos.

Ex. de uso: O produtor rural utilizou *agrotóxico* para proteger o plantio das pragas.

ALGUIDAR *s.m.* (al-gui-dar; alguidares)

1. Vasilha de barro utilizada para guardar o açaí peneirado; 2. Vaso largo de barro que serve para depositar alimento no interior.

Ex. de uso: A amassadeira despejou o açaí no *alguidar*.

ALIMENTO ORGÂNICO *s.m. / adj.* (a-li-men-to or-gâ-ni-co; alimentos orgânicos)

1. São alimentos produzidos livres de agrotóxicos e de adubos químicos; 2. O agricultor orgânico respeita o meio ambiente e pratica ações para preservar o solo, as fontes de água, os animais e os vegetais e, principalmente, os seres humanos, que adquirem e consomem seus produtos.

Ex. de uso: O *alimento orgânico* é saudável às pessoas e ao meio ambiente.

ALQUEIRE *num.* (al-quei-re; alqueires)

1. Sistema de medidas que equivale 25 hectares de terra e pode variar de acordo com a região.

Ex. de uso: A área do plantio foi medida por *alqueire*.

AMARRIO *s.m.* (a-mar-rio; amarrios)

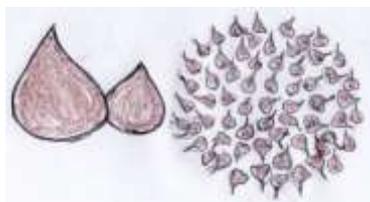
1. Forma de prender o caule da planta para seu sustento na época da produção, pois o fruto torna-se pesado para a estrutura da planta, por exemplo: plantio de tomate, pimentão, feijão de corda, pepino, maracujá; 2. Forma ou modo de ligar, atar ou prender a planta por meio de cordões ou fitas.

Ex. de uso: Na plantação de tomate foi feito o *amarrio*.

AMÊNDOA *s.f.* (a-mên-doa; amêndoas)

1. Célula que tem dentro do caroço do fruto, por exemplo: tucumã, pupunha, inajá.

Ex. de uso: A *amêndoa* do tucumã foi torrada para fazer café.



ANCINHO *s.m.* (an-ci-nho; [ancinhos](#))

1. Ferramenta que serve para limpar o quintal e o canteiro; 2. Instrumento usado pelo agricultor para amontoar o lixo e nivelar o canteiro; 3. Instrumento agrícola, feito de metal, madeira ou plástico resistente, de cabo longo, na ponta uma travessa dentada para juntar palha, folhas secas, retirada de pequenos torrões, pedras, etc.; 4. Muito utilizado em pequenas áreas para aeração do solo e no manejo de viveiros e pequenas hortas.

Ex. de uso: O agricultor comprou um *ancinho* para trabalhar na roça.

O agricultor limpou o canteiro com o *ancinho*.

ANDIROBA *s.f.* (an-di-ro-ba; [andirobas](#))

1. Produto extraído da andirobeira que pode ser usado em forma de óleo, madeira, casca; 2. Óleo mais vendido na Amazônia, usado como repelente contra insetos; remédio utilizado para baques, inchaços, reumatismo, inflamação na garganta, cicatrização do cordão umbilical de recém-nascidos; 3. Óleo utilizado para cicatrização e recuperação da pele e fabricação de sabão; 4. Casca utilizada no combate de verminose; 5. Madeira rústica utilizada na fabricação de casas, móveis etc.

Ex. de uso: Os moradores da zona rural usam óleo de *andiroba* para baque e inchaços.

O óleo de *andiroba* foi extraído e usado como remédio caseiro.

**ANDIROBEIRA** *s.f.* (an-di-ro-bei-ra; [andirobeiras](#))

1. Árvore de uso múltiplo que pode ser aproveitada para extração de óleo, da casca medicinal e da madeira para móveis; 2. Semente de andiroba que fornece um dos óleos medicinais mais utilizados na Amazônia; 3. A casca tem uso medicinal contra febre, vermes, bactérias e tumores; 4. A madeira de andiroba possui um sabor amargo e é oleaginosa, por isso não é atacada pelos cupins e nem pelos turus; 5. Árvore que possui pequeno a médio porte, com tronco reto que atinge cerca de 30m de altura e apresenta raízes em forma de tábuas (sapopemas).

Ex. de uso: A *andirobeira* é uma árvore medicinal e deve ser preservada.

A *andirobeira* é uma *árvore nativa* da região amazônica.

ARAME *s.m.* (a-ra-me; arames)

1. Fio mais ou menos delgado, de metal flexível normalmente feito com a liga de cobre e zinco, ou de outros metais muito utilizado para execução de cercas; 2. Há o tipo chamado de arame farpado, o qual possui cabo formado por dois fios de arame enrolado, que se fixam, de espaço em espaço, farpas do mesmo metal.

Ex. de uso: O agricultor fez uma *cerca* para proteger o plantio no canteiro.

ARAR O SOLO *v.t. / o.d.* (a-rar o so-lo; arar os solos)

1. Corte no solo para afogar a terra com o uso de arado e trator; 2. movimento agrícola que corta, eleva e inverte o solo para melhorar a aeração de água que pode ser do tipo aiveca, fixo ou reversível e composto de disco ou grades.

Ex. de uso: Amanhã é dia de *arar* o solo. / O agricultor *arou* o solo.

ARBUSTO *s.m.* (ar-bus-to; arbustos)

1. Vegetal lenhoso, ramificado, com altura de até 5 metros e lignificado em toda a sua extensão. É diferente das árvores pela altura menor e pelos vários galhos que são bastante ramificados.

Ex. de uso: O *arbusto* é uma árvore de pequeno porte e bastante ramificada.



AREA DE PLANTIO *s.f. / c.n.* (á-rea de plan-tio; áreas de plantios)

1. Área escolhida e apropriada para determinadas culturas (plantio específico).

Ex. de uso: O agricultor conhece a *área* adequada para o *plantio*.

ARMAZENAMENTO *s.m.* (ar-ma-ze-na-men-to; armazenamentos)

1. Forma de guardar as sementes da safra anterior para o próximo plantio; 2. Guardar, armazenar a produção: café, pimenta, algodão etc (alimentos não perecíveis) para

aguardar o melhor momento para agregar valores no mercado; 2. acumular recursos em determinados períodos para usá-los em períodos de carência como, por exemplo, o período de entressafra, das secas etc.

Ex. de uso: Os agricultores fizeram o *armazenamento* de sementes para o próximo plantio. / Os agricultores *armazenaram* os produtos para a venda.

ARRANQUIO DAS PLANTAS *s.m. / c.n.* (ar-ran-**quio** das **plan**-tas; **arranquios** das **plantas**)

1. Seleção de plantas vigorosas para exclusão das plantas menos vigorosas; 2. Eliminação das plantas doentes ou atacadas por pragas no plantio; 2. Ato ou efeito de retirar uma planta do solo.

Ex. de uso: O produtor rural fez o *arranquio das plantas* menos vigorosas.

ARTESÃO *s.m.* (ar-te-**são**; **artesãos**)

1. Criador de objetos a partir de elementos da natureza (barro, cipó, talas etc), dos recursos do solo sem agredir o meio ambiente e o desenvolvimento do plantio, como: açazeiro, buriti (miriti) e outros.

Ex. de uso: Os *artesãos* da zona rural fazem paneiros e abanos com talas de guarumã.

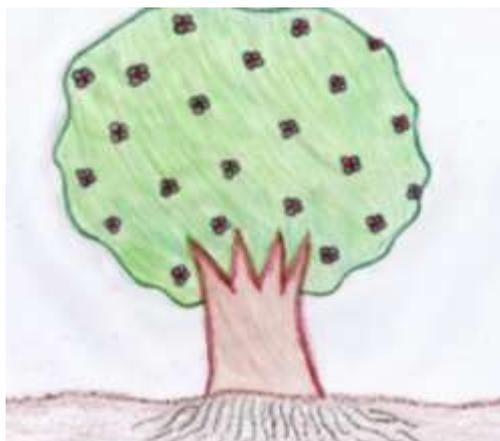
ARTESANATO *s.m.* (ar-te-sa-**na**-to; **artesanatos**)

1. Produtos feitos de materiais da natureza ou reciclados, reaproveitados; cestos, paneiros, peneiras, abanos, brinquedo de miriti, vasilhas de barro, vasos, porta trecos, enfeites, colares etc.

Ex. de uso: Os artesãos produzem seus *artesanatos* com recursos da natureza.

ÁRVORE NATIVA *s.f. / adj.* (**ár**-vo-re na-**ti**-va; **árvores** **nativas**)

1. Planta nativa da região, típica da localidade; 2. Vegetação característica de certa região.



Ex. de uso: A mangueira é uma *árvore nativa* da região norte.

ASPERSOR *s.m.* (as-per-sor; aspersores)

1. Aparelho que, na regra por aspersão, opera em círculos ou em setores, projetando a água sob pressão sobre as plantas através de um orifício.

Ex. de Uso: O agricultor instalou um *aspersor* no processo de irrigação do plantio.

ATIVIDADE AGRÍCOLA *s.f. / adj.* (a-ti-vi-da-de a-grí-co-la; *atividades agrícolas*)

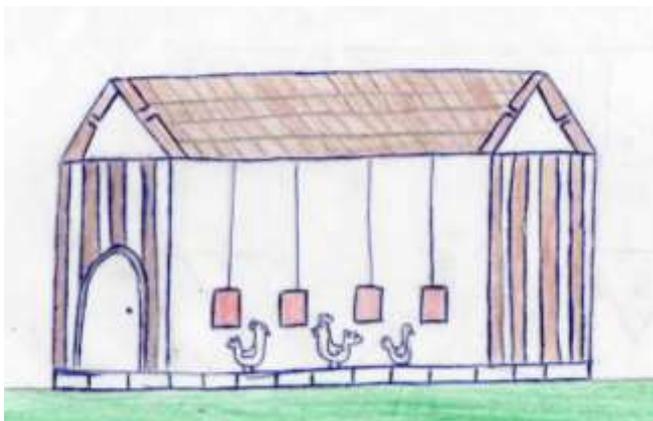
1. Atividades práticas de plantio ou criação realizada no campo, isto é, zona rural; 2. Unidade técnico-econômica que utiliza fatores de produção comuns como: mão de obra, máquinas, instalações, terrenos, entre outros, e que deve satisfazer as seguintes condições: (i) produzir produtos agrícolas ou manter em boas condições agrícolas e ambientais as terras que já não são utilizadas para fins produtivos; (ii) atingir ou ultrapassar uma certa dimensão (área, número de animais); (iii) estar submetida a uma gestão única;

Ex. de uso: A adubação é uma das *atividades agrícolas* realizada pelos produtores rurais.

AVIÁRIO *s.m.* (a-vi-á-rio; *aviários*)

1. Local que serve para alojar as aves como: pinto, frango, galinha, galo; 2. Viveiro de criação de aves.

Ex. de uso: O *aviário* é o local onde se criam aves como pintinhos, galinhas e galo.



AVICULTURA *s.f.* (a-vi-cul-tu-ra; *aviculturas*)

1. Processo de criação de várias espécies de aves.

Ex. de uso: O frango caipira é uma espécie de ave criada por *avicultura*.

B

BACABEIRA s.f. (ba-ca-bei-ra; bacabeiras)

1. Palmeira do fruto conhecido como bacaba; de extrema utilidade para os caboclos da região amazônica, pois seu fruto serve como alimentos; 2. Palmeira nativa da Amazônia, com maior frequência no Amazonas, Pará, Acre, Tocantins e no Sul do Maranhão. Possui como habitat a mata virgem alta de terra firme; 3. Palmeira monocaule de porte alto e estipe liso. Pode atingir até 20 metros de altura e 20 a 25 cm de diâmetro.

Ex. de uso: A *bacabeira* é uma palmeira que dá frutos saborosos.

BACABA s.f. (ba-ca-ba; bacabas)

1. Fruto da bacabeira, como uma drupa subalongado quando jovem, subglobosa quando adulto podendo atingir até 3 gramas; 2. Fruto em forma de caroços amarelados de onde se extrai o vinho de bacaba; 3. Sua propagação é feita por sementes que germinam entre 60 e 120 dias, apresentando crescimento lento; 4. Fruto de forma arredondada, de casca roxa e polpa branco-amarelada, rica em um óleo, de cor amarelo-clara, usado na cozinha.

Ex. de uso: A *bacaba* é um fruto que amassado ou batido dá um vinho saboroso.

Variação lexical: Bacaba-açu; bacaba verdadeira.

BAGAÇO s.m. (ba-ga-ço; bagaços)

1. Resíduo de frutos, caules, folhas ou sementes depois de extraído o suco ou outras substâncias como: laranja, cana-de-açúcar.

Ex. de uso: O agricultor tirou o caldo de cana e deixou só o *bagaço*.

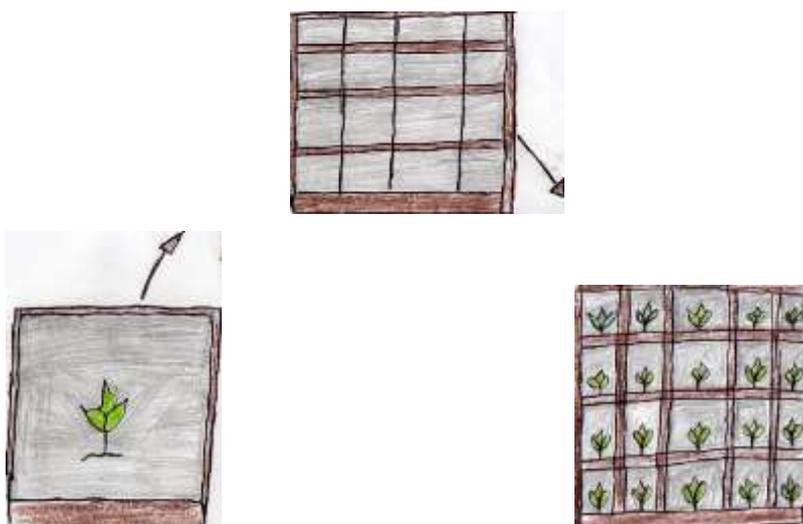
O *bagaço* da laranja foi aproveitado para adubo orgânico.

BANDEJA DE SEMEADURA s.f. / c.n. (ban-de-ja de se-me-a-du-ra; bandejas de semeaduras)

1. Tabuleiro de várias formas, feito de madeira, papelão, isopor, plástico, cuba de ovo, metal ou outro material, utilizado em viveiros e hortos que serve para a plantação de sementes para germinar ou de pequenas mudas; 2. Espaço demarcado em quadrinhos e adubados para receber sementes.

Ex. de uso: O agricultor preparou a *bandeja* para receber as pequenas mudas.

As sementes foram colocadas em *bandeja de semeadura*.



BIOFERTILIZANTE *s.m.* (bio-fer-ti-li-zan-te; [biofertilizantes](#))

1. Fertilizante líquido extraído da decomposição da matéria orgânica como esterco ou restos de vegetais. Tem grande quantidade de microrganismo e nutrientes; 2. Substância natural utilizada para aumentar ou reestabelecer a fertilidade dos solos composta de material orgânico fermentado; 3. Material orgânico dissolvido em água que passou por processo de fermentação.

Ex. de uso: O produtor rural utilizou *biofertilizante* para a nutrição do solo.

BORBULHIA *s.f.* (bor-bu-lhi-a; [borbulhias](#))

1. Método de enxertia mais utilizados, que destaca a gema vegetativa (ou borbulha) da planta matriz, aquela selecionada para propagação e introduz no porta-enxerto, que pode ser de uma espécie próxima, ou a mesma; 2. O primeiro passo para a operação de enxertia é a obtenção das borbulhas ou gemas. Devem-se retirar os ramos do ano, mais vigorosos, de plantas matrizes corretamente identificadas e saudáveis que tenham sido podadas produzirem maior volume vegetativo;

Ver Enxertia.

Ex. de uso: A enxertia por borbulhia utiliza borbulha ou gema única e possibilita a produção da muda em apenas um ciclo vegetativo

BOTA *s.f.* (bo-ta; [botas](#))

1. Equipamento individual de proteção para os pés; 2. Botas de PVC, botinas de couro e perneiras são os EPIs apropriados para a proteção dos membros inferiores.

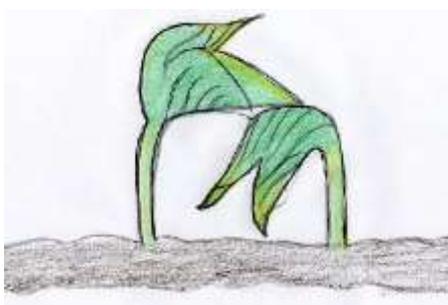
Ex. de uso: O produtor rural usa as *botas* para proteger seus pés nos terrenos encharcados.



BROTAÇÃO s.f. (bro-ta-ção; brotações)

1. A semente entra em processo de germinação; 2. Quando aparecem os primeiros brotos; 3. atividade desenvolvida pelas plantas que consiste na emissão de um broto.

Ex. de uso: As plantas estão em fase de brotação na sementeira.

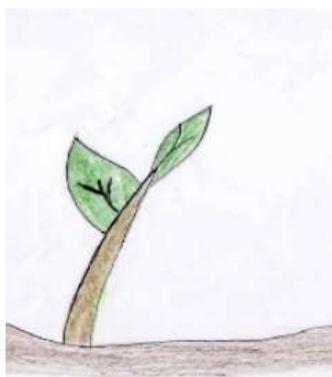


BROTO s.m. (bro-to; brotos)

1. Quando brota o filho da muda; 2. Início da germinação da planta; 3. Caule embrionário, incluindo folhas rudimentares, frequentemente protegidas por escamas especializadas; 4. É a planta proveniente de uma touça.

Ex. de uso: Nasceu o broto da planta. / Já está brotando o açaí.

Derivação: Rebrotar: Ato de rebrotar, brotar novamente.; Plantas e ramos surgidos de gemas dos restos culturais



BURITI *s.m.* (bu-ri-ti; buritis)

1. Fruto do buritizeiro, uma das maiores palmeiras da Amazônia; 2; fruto nutritivo importantes para as pessoas e animais da região; 3. O buriti também é conhecido no Brasil como miriti, muriti e buriti-do-brejo; 4. A palmeira do buriti é típica de área alagadas, igapós, beira de igarapés e rios, onde é encontrada em grandes concentrações; 5. O buritizeiro oferece os frutos, folhas, óleo, pecíolo e tronco para utilização de alimentos, remédios, artesanatos e outros.

Ex. de uso: Os brinquedos de *miriti* são confeccionados e vendidos no mercado.

Variação lexical: miriti, muriti, buriti-do-brejo.

Homônimos: buriti, buritizeiro, buritizal.

Informação adicional: Na cidade de Belém, os buritizeiros têm uma grande importância durante o Círio de Nazaré, pois são retirados para a confecção dos brinquedos de miriti, mais especificamente da parte do pecíolo ou “braço” da palmeira, que é o material leve e macio, parte interna esponjosa, apropriado para o artesão confeccionar barcos, bonecos, animais, réplicas de monumentos etc.

C

CACHO *s.m.* (ca-cho; cachos)

1. Conjunto de flores ou frutos dispostos ao redor de uma palmeira como: cacho de açaí, cacho de pupunha.

Ex. de uso: O agricultor apanhou vários *cachos* de pupunha.

**CAMA DE AVIÁRIO** *s.f. / c.n.* (ca-ma de a-vi-á-rio; camas de aviários)

1. Camada de aproximadamente 7 cm de maravalha, serragem, sabugo de milho picado, casca de arroz, de café ou de qualquer outro resíduo seco proveniente do processamento industrial de produtos agrícolas; 2. Denomina-se também de cama o composto obtido pela mistura destes materiais de cobertura de pisos com as fezes

dos animais, os restos de rações, sangue, penas e outros resíduos; 3. Formação de adubo com esterco de galinha no chão do aviário.

Ex. de uso: O agricultor preparou a *cama de aviário* para adubação do plantio.

CAMPÂNULA s.f. (cam-pâ-nu-la; **campânulas**)

1. Equipamento utilizado dentro do círculo de proteção (no aviário) para aquecer os pintinhos em período de frio.

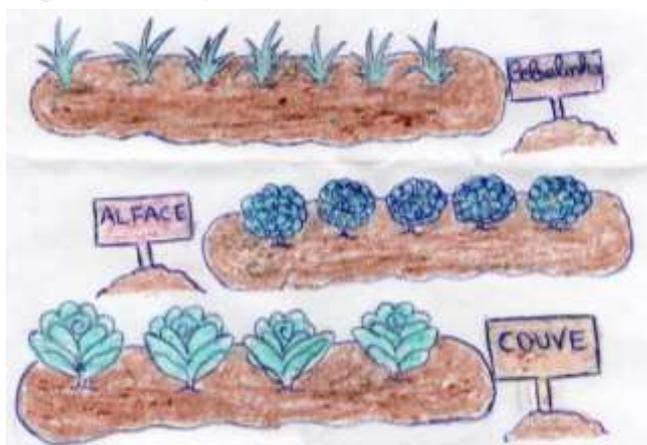
Ex. de uso: Foi instalada uma *campânula* para aquecimento das aves.

CANTEIRO s.m. (can-tei-ro; **canteiros**)

1. Área onde se planta mudas de frutas, hortaliças, leguminosas e outros; 2. Área preparada sobre o solo para o plantio; 3. *Porção de terreno limitado cultivado de plantas, sobretudo de flores ou hortaliças.

Ex. de uso: O *canteiro* foi preparado e adubado pelas famílias.

O agricultor limpou o *canteiro*.



CAMPO s.m. (cam-po; **campos**)

1. Terreno extenso e mais ou menos plano que pode ser destinado às pastagens de animais ou ao cultivo de lavouras agrícolas; 2. Zona fora do perímetro urbano ou suburbano das grandes cidades, na qual geralmente predominam as atividades agrícolas.

Ex. de uso: Eu estudo na escola do *campo*.

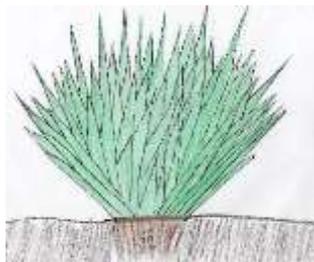
As atividades agrícolas são realizadas no *campo*.

CAPIM s.m. (ca-pim; **capins**)

1. Denominação genérica dada às várias espécies da família das gramíneas e ciperáceas; quase todas usadas como forragem.

Ex. de uso: O *capim* foi usado para forrar o chão.

O agricultor capinou o *capim* do terreiro.



CAPINA s.f. (ca-pi-na; *capinas*)

1. Retirada da vegetação do pé da planta; 2. Retirada do mato pela raiz; 3. *Ato de limpar e preparar o solo para uma cultura que consiste na retirada da vegetação que cobre o local.

Ex. de uso: O agricultor *capinou* o mato para poder fazer o plantio.



CAPOEIRA s.f. (ca-po-ei-ra; *capoeiras*)

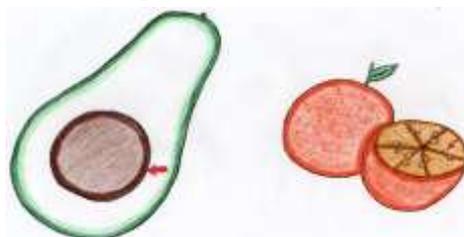
1. Vegetação que nasce após a derrubada de uma mata nativa, trata-se, portanto, de uma vegetação secundária.

Ex. de uso: A *capoeira* é uma vegetação que cresce após o desmatamento.

CAROÇO s.m. (ca-ro-ço; *caroços*)

1. Núcleo lenhoso e muito duro dos frutos do tipo drupa, por exemplo: manga, ameixa, bacaba, tucumã; 2. Semente de vários frutos caracterizada pela dureza do envoltório (casca).

Ex. de uso: O *caroço* de manga é bem duro.



CARURU

1. Tipo de verdura que pertence a plantas alimentares da família das amarantáceas, cujas folhas, verdes, são saborosas e nutritivas, e por isso muito usadas na culinária.

Ex. de mão: O caruru é uma verdura que colocamos na carne, sopa e outros alimentos.

CARRO DE MÃO s.m. / c.n. (car-ro de mão; carros de mão)

1. Ferramenta que serve para transportar adubo, serragem, mudas e outros na área de plantio.

Ex. de uso: As mudas foram levadas no *carro de mão*.

CASCA s.f. (cas-ca; cascas)

1. Parte do vegetal constituída por tecidos fibrosos e células reforçadas que fica por fora do cilindro do lenho, dividida em casca interna (viva) e parte externa (morta).

Ex. de uso: A casca de árvores é muito boa para fazer remédios caseiros como chá, banho.

CASCA DE ÁRVORE s.f. / c.n. (cas-ca de ar-roz; cascas de árvores)

1. Parte da árvore que se forma no caule e se desprende facilmente em pequenas placas; 2. Pode ser utilizada como remédio caseiro: chá contra febre, para combater bactérias e no tratamento de tumores; 3. Pode ser transformada em pó para tratar de feridas, servindo como cicatrizante para afecções da pele.

Ex. de uso: A casca de verônica é recomendável para tratar inflamação uterinas.

CASTANHEIRA s.f. (cas-ta-nha; castanheiras)

1. Espécie de árvore que produz o fruto da castanha dispostos em ouriços (16 castanhas); 2. É a árvore com tronco mais grosso de todas as espécies da Amazônia; 3. Árvore valiosa porque oferece alimento e remédio para as pessoas; 4. Em média uma árvore produz 470 castanhas.

Ex. de uso: Juntamos os ouriços da *castanheira* para retirar as castanhas.

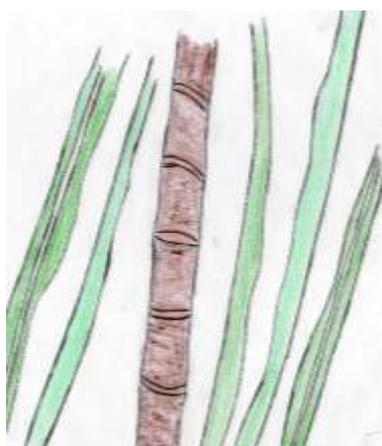


CAULE *s.m.* (**cau**-le; **caules**)

1. Parte da planta, normalmente aérea, compreendida entre a raiz e os ramos; 2. Realiza a integração de raízes e folhas, tanto do ponto de vista estrutural como funcional; 3. Além de constituir a estrutura física onde se inserem raízes e folhas, o caule desempenha as funções de condução de água e sais minerais das raízes para as folhas, e de condução de matéria orgânica das folhas para as raízes.

Ex. de uso: Do caule se extrai a casca, o leite, a seiva e outros benefícios às pessoas.

A cana-de-açúcar possui *caule* do tipo colmo, que é preenchido pelo fruto.

**CERCA VIVA** *s.f. / adj.* (**cer**-ca **vi**-va; **cercas vivas**)

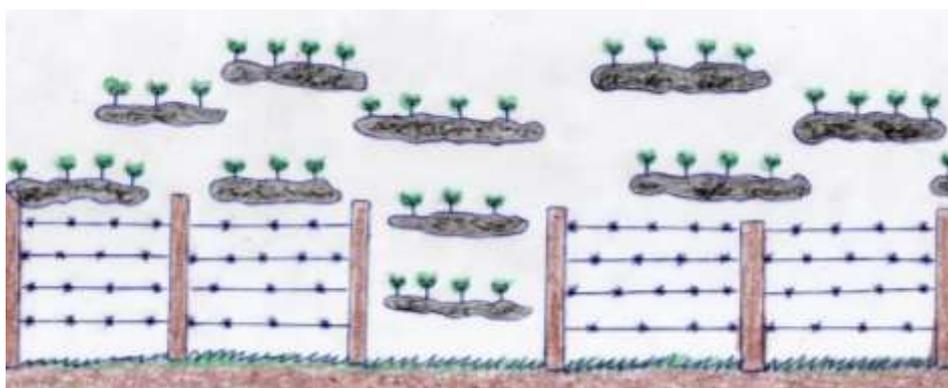
1. Área cercada pela vegetação; 2. Cerca formada por plantas para proteger o canteiro, a horta.

Ex. de uso: A horta da escola é protegida por uma *cerca viva*.

CERCADO *s.m.* (**cer**-ca-do; **cercados**)

1. Área de proteção feita de ripas de madeiras ou arame farpado.

Ex. de uso: O *cercado* foi feito para proteger a plantação.



CHAPÉU *s.m.* (cha-péu; chapéus)

1. Uma espécie de vestuário do produtor rural; típico da zona rural e usado pelos trabalhadores rurais; 2. Confeccionado de palha, com grandes abas que serve para proteger do sol, da vegetação na área agrícola; 3. Usado também como enfeite e parte da vestimenta.

Ex. de uso: O *chapéu* faz parte da vestimenta do agricultor, serve para proteger do sol.

**CIPÓ** *s.m.* (ci-pó; cipós)

1. Denominação genérica dada a espécies vegetais que apresentam hastes delgadas e flexíveis, que servem para atar, amarrar e/ou ligar as espécies vegetais permitindo movimentação da biota.

Ex. de uso: Os *cipós* servem para fazer artesanato e amarrar estruturas.

CIPÓ-ALHO *s.m. / adj.* (ci-pó a-lho; cipós-alho)

1. *É um arbusto de origem amazônica; muito popular entre os ribeirinhos e amplamente usada na medicina popular para alívio de várias doenças; 2. É uma planta trepadeira, de ciclo perene, que produz vasta folhagem e belas flores em tons lilases, que aparecem várias vezes ao ano. Adapta-se a vários tipos de solo, desde que sejam ricos em nutrientes. Prefere solo úmido sem encharcamento e bastante luz solar.

Ex. de uso: O *cipó alho* é usado pelos ribeirinhos para remédio.



CIPÓ-TITICA *s.m. / adj.* (ci-pó ti-ti-ca; cipós-titica)

1. Titica é um cipó hemi-epífita, isto é, germina no chão e sobe para a copa das árvores, onde a planta mãe do cipó se estabelece; 2. Utilizado para fazer peneiras, que ajudam a população rural a produzir farinha de mandioca e caçuá (cesto) para carregar mandioca, caça e frutas; 3. Também serve para fazer chapéu.

Ex. de uso: O artesão extraiu cipó-titica para a confecção de chapéu e peneiras.



CIPÓ ESCADA DE JABUTI *s.m. / adj.* (ci-pó es-ca-da de ja-bu-ti; cipós escada de jabuti)

1. *Cipó lenhoso de caule achatado, encurvado, sulcado longitudinalmente, com aspecto de escada devido a presença de concavidades, ramos velutino-tomentosos, folhas compostas, bilfoliadas, geminadas; 2. Cipó cujo caule e casca servem para o tratamento de reumatismo e sífilis. E a folha sob a forma de chá, serve para o tratamento da barriga de água (ascite), hemorroidas, reumatismo; 3. Os caules são utilizados para a fabricação de objetos de artesanato e ornamentação.

Ex. de uso: Na trilha da escola tem bastante *cipó escada-de-jabuti*.

O *cipó escada-de-jabuti* serve como remédio e ornamentos.



CÍRCULO DE PROTEÇÃO *s.m. / c.n.* (*cír-cu-lo* de *pro-te-ção*; *círculos de proteções*)

1. Espaço de proteção para os pintinhos (no aviário) nos primeiros quinze dias, com fornecimento de água e ração.

Ex. de uso: Os pintinhos estão no *círculo de proteção* para o crescimento sadio.

COBERTURA MORTA *s.f. / adj.* (*co-ber-tu-ra mor-ta*; *coberturas mortas*)

1. Cobrir o canteiro com leve camada de serragem, casca de arroz ou palha triturada, para proteger as sementes e o solo do canteiro da ação da água de chuva ou irrigação; 2. Serve para evitar a erosão do solo e a evaporação da água; 3. Utilizada para cobertura de plantas que não necessitam de tanta luz solar;

Ex. de uso: No plantio de alface foi utilizada a cobertura morta para proteção.

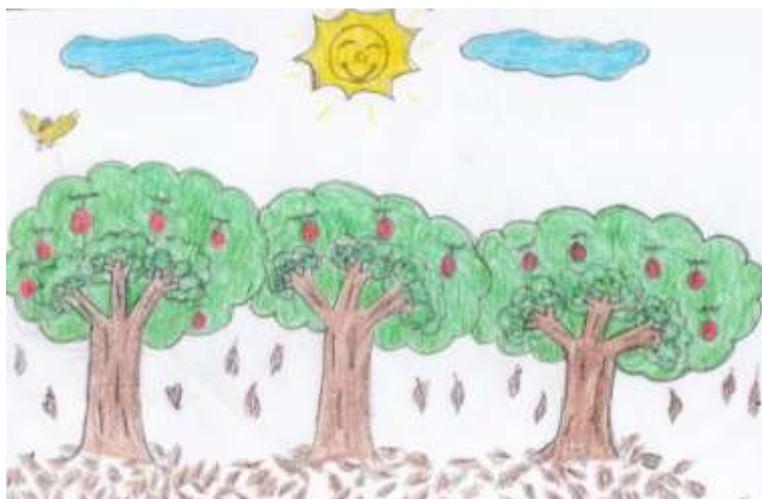
Informação adicional: A cobertura mortal ajuda manter a umidade do solo possibilitando o desenvolvimento de vida microbiana que efetua a decomposição da matéria orgânica liberando o nitrogênio e outros elementos químicos fundamentais ao desenvolvimento das plantas.

COBERTURA VERDE *s.f. / adj.* (*co-ber-tu-ra ver-de*; *coberturas verdes*)

1. Cultivo de vegetais de ciclo curto ou durável numa área antecedendo ao plantio das hortaliças; 2. Folhas secas colocadas ao pé da planta para melhorar a umidade do solo; 3. Serve para recuperar solos degradados, melhorar solos pobres e conservar os que já são produtivos; 4. A cobertura dará proteção ao solo contra erosão, reduzirá a temperatura e a perda de água e dificultará a germinação das sementes de diversas plantas indesejáveis;

Ex. de uso: O produtor rural usou a *cobertura verde* para o melhor desenvolvimento do plantio.

Informação adicional: Através desta decomposição são adicionados nutrientes e matéria orgânica ao solo.



COLHEITA s.f. (co-lhei-ta; colheitas)

1. Retirada dos frutos, hortaliças, legumes que estão prontos para o consumo; 2. Atividade agrícola que recolhe os produtos e que finaliza o ciclo de operações de campo em um sistema de produção; 2. Conjunto dos produtos agrícolas de determinado período também denominado safra.

Ex. de uso: Os produtores fizeram a *colheita* de laranja.

Informação adicional: Colheita manual – atividade agrícola de apanha de produtos efetuada exclusivamente a mão.

**COLHER DE TRANSPLANTE** s.f. / c.n. (co-lher de trans-plan-te; colheres de transplantes)

1. Instrumento utilizado para não danificar a raiz da planta no momento do transplante; 2. Serve para retirar a muda com a raiz.

Ex.de uso: Devemos usar a *colher de transplante* para a retirada da muda.

COMEDOURO s.m. (co-me-dou-ro; comedouros)

1. Local onde se fornece o alimento ao animal; há comedouros automáticos e alternativos.

Ex. de uso: O produtor rural colocou alimento no *comedouro*.

COMPOSTO s.m. (com-pos-to; compostos)

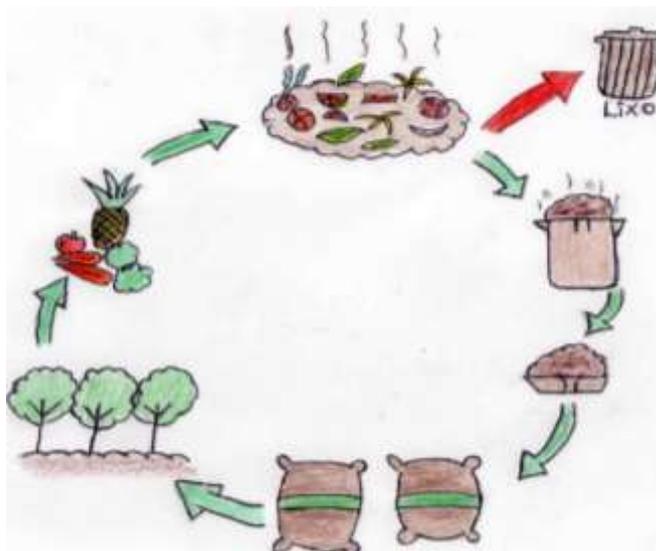
1. Substância fertilizante formada pela mistura, fermentada ou não, de minerais e matéria orgânica, é uma da forma mais comum de reciclagem de resíduos; 2. Mistura de duas ou mais substâncias orgânicas ou inorgânicas, naturais ou sintéticas para formar uma terceira.

Ex. de uso: O agricultor preparou o *composto* para a nutrição do plantio.

COMPOSTAGEM s.f. (com-pos-ta-gem; [compostagens](#))

1. Fermentação de uma mistura de restos orgânicos vegetais, animais e minerais para se obter um produto homogêneo, rico em húmus e microorganismo e quando incorporada ao solo melhora a estrutura e fertilização do mesmo; 2. Resulta em um produto homogêneo chamado de *composto*; 3. Processo de transformação de materiais grosseiros, como palha e estrume, em materiais orgânicos natureza bioquímica, providas por microorganismos do solo que tem na matéria orgânica, fonte de energia, nutrientes minerais e carbono.

Ex. de uso: Para reaproveitamento dos restos de alimentos, foi feita a *compostagem*.



CONSÓRCIO DE HORTALIÇA s.m. (con-sór-cio de hor-ta-li-ça; [consórcios de hortaliças](#))

1. Prática utilizada em cultivo orgânico em que é colocada mais de uma hortaliça na mesma área, por exemplo, cebolinha e coentro; couve e alface, pepino e caruru.

Ex. de uso: No canteiro foi feito o plantio do tipo *consórcio de hortaliças*.

CONTROLE DE DOENÇA s.m. / c.n. (con-tro-le de do-en-ça; [controles de doenças](#))

1. Combate de doenças na planta, que podem ser causadas por falta de nutrição no plantio; 2. Uma das formas de combate das doenças é por fusicida.

Ex. de uso: O fusicida *controla a doença* das plantas.

O agricultor faz o *controle de doença* no plantio.

CONTROLE DE PRAGAS s.m. / c.n. (con-tro-le de pra-gas; [controles de pragas](#))

1. Combate de insetos ou brocas na planta; 2. O controle pode ser manual ou químico com inseticida.

Ex. de uso: Os agricultores usam inseticida para o *controle de pragas* do plantio.

COOPERATIVA AGRÍCOLA *s.f. / adj.* (coo-pe-ra-ti-va a-grí-co-la; **cooperativas agrícolas**)

1. Diversos produtores rurais se juntam para, em grupo, serem capazes de atender mais facilmente ao mercado consumidor, negociar melhores condições para a compra de insumos e dar saída mais facilmente à sua produção; 2. Tem como função aumentar a exposição do produtor rural e também de ajudar o grupo no mercado.

Ex. de uso: Os produtores rurais estão se organizando em *cooperativa agrícola*.

COPA *s.f.* (co-pa; **copas**)

1. Parte superior da árvore ou de outra planta lenhosa, formada pelo conjunto da ramificação e da respectiva folhagem, também chamada de dossel.

Ex. de uso: O brilho do sol resplandece na *copa* da árvore.

Variação lexical: dossel

COPAIBEIRA *s.f.* (co-pai-bei-ra; **copaibeiras**)

1. Árvore da copaíba também conhecida como “pau-de-óleo”, “árvore milagrosa” e “árvore de óleo diesel” porque produz um óleo medicinal que pode ser extraído do tronco; 2. A copaibeira floresce na estação chuvosa, entre janeiro e abril, e frutifica de maio a setembro.

Ex. de uso: Devemos proteger e preservar a *copaibeira*, porque há muito desmatamento. / A *copaibeira* fornece óleo da copaíba que é antibiótico e anti-inflamatório natural.



COROAMENTO *s.m.* (co-ro-a-men-to; **coroamentos**)

1. Limpeza do pé das plantas; 2. Capina ou roçagem na área do plantio; 3. Retirada da vegetação do entorno de uma planta para diminuir a competição por nutrientes e luz.

Ex. de uso: Na roça é preciso fazer o *coroamento* do plantio.



CORTE s.m. (cor-te; cortes)

1. Prática de corte de uma ou mais árvores em uma determinada área; 2. O corte de árvore é ser feito para a extração de madeira ou porque a árvore está ameaçada, oca, infestada de cupim; 3. Operação que consiste em derrubar uma árvore ou o conjunto de árvores em uma área determinada.

Ex. de uso: Foi preciso fazer o *corte* da árvore porque ameaçava cair.

COVA s.f. (co-va; covas)

1. Abertura no solo para facilitar o desenvolvimento da raiz da planta; 2. Buraco feito no solo para receber o adubo e a muda de plantio; 3. Abertura de um buraco feita no solo com o objetivo de plantar uma muda ou para colocação de sementes.

Ex. de uso: O agricultor fez as *covas* para receber as plantas em local definitivo.



COVA DE SEMEADURA s.f. / c.n. (co-va de se-me-a-du-ra; covas de semeaduras)

1. Espaço delimitado para colocar a semente em direção reta.

Ex. de uso: No plantio de hortaliças foram preparadas as *covas de semeaduras* conforme espaço e direção da área.

CRUEIRA s.f. (cru-ei-ra; crueiras)

1. Resíduos da fabricação da farinha de mandioca, que, por serem grossos, não passam na urupema ou peneira; quirera; 2. Fenômeno observado em certos rios onde a maré, depois de reontar, enche durante uns 15 minutos e recomeça a vazar durante igual tempo, para em seguida encher de vez.

Ex. de uso: O agricultor recolheu a *crueira* durante a fabricação da farinha.

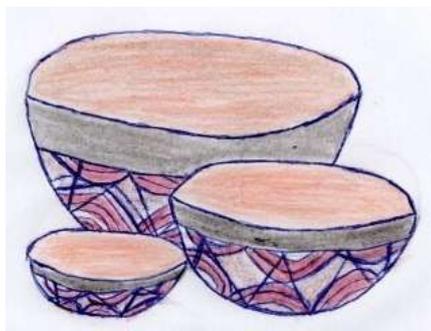
Variação lexical: cuinhira, cuiúira, cunhira

CUIA s.f. (cu-ia; cuias)

1. Vasilha feita com o fruto da cuieira, conhecido como cabaça ou porongo; 2. Vasilha arredondada de qualquer material, em que são colocados grãos, água, etc; 3. A cuia pode ser usada para guardar coisas e também para comer e beber. Esta vasilha tem várias utilidades nas comunidades rurais e ribeirinhas.

Ex. de uso: Eu tomo açaí na *cuia*. / O ribeirinho utiliza a *cuia* para secar a água da canoa. / A mãe dá banho no filho com a *cuia*.

Variação lexical: cumbuca - originária do tupi KuimbuKa (cuia dividida).

**CULTIVAR** s.m. (cul-ti-var; cultivares)

1. Variedade de plantas obtidas por um cultivo resultado de seleção artificial; 2. Denominação usada para designar as variedades híbridas de vegetal obtida mediante cultivo; 3. Atividade agrícola.

Ex. de uso: Os *cultivares* são vegetais produzidos a partir de seleção artificial.

CULTURA s.f. (cul-tu-ra; culturas)

1. Atividade econômica dedicada à criação, desenvolvimento e procriação de plantas ou animais, ou à produção de certos derivados seus; 2. Efeito ou modo de cultivar; cultivo agrícola; 3. Método ou atividade que consiste em promover, em meios artificialmente controlados, o desenvolvimento ou proliferação de matéria viva, como microrganismos, células e tecidos orgânicos, órgãos ou parte de órgãos.

Ex. de uso: A *cultura* de hortaliças foi preparada no viveiro.

CULTURA SAZONAL *s.f. / adj.* (cul-tu-ra sa-zo-nal; culturas sazonais)

1. Período em que cada cultura está melhor adaptada para se desenvolver em uma determinada região; 2. Cada tipo de plantação depende de uma condição climática específica, considerar o período do plantio é importante para alcançar os resultados positivos ao final da safra.

Ex. de uso: A alface é normalmente *cultivada durante o inverno* e a primavera por haver menor umidade do ar.

CULTURA ANUAL *s.f. / adj.* (cul-tu-ra a-nu-al; culturas anuais)

1. São culturas que seu ciclo de vida (plantio e colheita) está compreendido no espaço de até um ano como a soja, feijão etc.

**CUPUAÇU** *s.m.* (cu-pu-a-çu; cupuaçus)

1. Fruto da árvore cupuaçuzeiro, grande ou pequena, que apresenta, cápsula oblonga, tem polpa aromática, doce, comestível, usada em compotas, sucos, sorvetes e outros; 2. As sementes lembram, no sabor, o cacau-verdadeiro, sendo as flores vermelho-purpúreas com as margens alvas, e dispostas em panículas.

Ex. de uso: O *cupuaçu* é uma das frutas mais apreciadas e consumidas na região norte.

D**DEBULHA** *v.* (de-bu-lha; debulhas)

1. Prática de extrair os grãos ou sementes da parte vegetal que os segura, termo também usado para ato de tirar a pele ou casca de um grão ou semente.

Ex. de uso: O agricultor *debulha* os grãos de arroz.

DERRUBA *s.f.* (der-ru-ba; derrubas)

1. Retirada da vegetação maior da área de plantio.

Ex. de uso: Para o plantio é preciso fazer a *derruba* da vegetação maior.

DESBASTE *s.m.* (des-bas-te; **desbastes**)

1. Escolha da muda mais vigorosa do plantio entre as sementes plantadas; 2. Retirada de plantas indesejáveis ou que não se desenvolveram; 3. Corte parcial feito em povoamentos (plantas) jovens ou imaturos com o objetivo de estimular o crescimento das árvores remanescente e aumentar a produção de madeira utilizável;

Ex. de uso: O agricultor fez o *desbaste* do plantio para melhorar o desenvolvimento das plantas.

Informação adicional: Qualquer que seja o tipo de desbaste adotado, são sempre removidas as árvores mortas ou doentes. Esse procedimento proporcionando árvores mais vigorosas.

DESBROTA *s.f.* (des-bro-ta; **desbrotas**)

1. Retirada dos brotos que nascem nas axilas das folhas; 2. É a poda, normalmente feita de forma manual, na qual se retiram os brotos inúteis e os laterais em excesso, deixando apenas os 100 melhores e mais bem distribuídos, permitindo melhor conduzir seu crescimento e não sobrecarregar a planta.

Ex. de uso: É preciso fazer a *desbrota* do plantio de leguminosas.

DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO *s.m./adj.* (de-sen-vol-vi-men-to a-grá-rio; **desenvolvimentos agrários**)

1. Modelo de desenvolvimento não excludente, que busca integrar o rural e o urbano tendo a agricultura familiar como elemento estratégico na promoção do desenvolvimento nacional por intermédio da geração de postos de trabalho e renda através de atividades agrícolas e não-agrícola.

Ex. de uso: A agricultura familiar é um meio de *desenvolvimento agrário*.

DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTAVEL *s.m./adj.* (de-sen-vol-vi-men-to lo-cal sus-ten-tá-vel; **desenvolvimentos locais sustentáveis**)

1. Modo de promover o desenvolvimento que possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas necessidades imediatas; descobrir ou despertar suas vocações locais e desenvolver suas potencialidades específicas.

Ex. de uso: A agricultura familiar é um exemplo de *desenvolvimento local sustentável*.

DESMATAMENTO *s.m.* (des-ma-ta-men-to; **desmatamentos**)

1. Remoção indiscriminada da cobertura vegetal natural de uma região para fins de aproveitamento do material nela contido e/ou usos alternativos da terra como agricultura, pecuária, urbanização, construção de estradas, mineração etc.

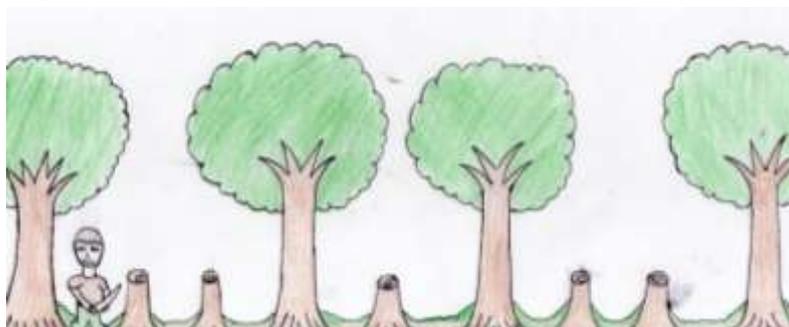
Ex. de uso: Não devemos *desmatar* a floresta. / O *desmatamento* não é permitido!



DESTOCA s.f. (des-to-ca; **destocas**)

1. Retirada de tocos da roça ou do meio do plantio; 2. Remoção dos restos de tocos de árvores cortada anteriormente.

Ex. de uso: O agricultor fez a *destoca* para fazer a sua roça.



E

ENTRESSAFRA s.f. (en-tres-sa-fra; **entressafras**)

1. Refere-se após a época da colheita (safra), o solo permanece em descanso até as condições climáticas se tornem favoráveis e se estabeleçam novamente, para que a cultura possa ser plantada mais uma vez; 2. Período que contempla o fim da colheita até o início do novo plantio;

Ex. de uso: A *entressafra* é o período de descanso para o solo, pois não há plantio.

ENXADA s.f. (en-xa-da; **enxadas**)

1. Instrumento de metal, ferro ou aço, de formato triangular e chato, ligeiramente afiado na base, manuseado por meio de um cabo de madeira colocado no vértice oposto, que serve para capinar ou revolver a terra, cavar sulcos, amontoamento de resíduos, homogeneizam mistura etc.

Ex. de uso: A *enxada* foi usada pelo agricultor para capinar sua roça.

ENXERTIA s.f. (en-xer-tia; enxertias)

1. Processo de enxertagem no caule entre duas plantas, para a melhor produção de uma nova planta; 2. processo acontece entre uma parte da planta denominada enxerto (ou cavaleiro), que é inserida em outra parte de outra planta (ou outro indivíduo de mesma espécie), que pode ser o sistema radicular ou o caule conhecida como porta-enxerto (ou cavalo).

Ver Borbulhia e Garfagem.

Ex. de uso: O agricultor fez a *enxertia* na laranjeira para melhor produção do fruto.

Informações adicionais: O porta-enxerto é responsável por conduzir minerais pela planta, enquanto que o enxerto é a parte de interesse da planta para continuar o desenvolvimento, sendo também responsável pela condução de substâncias orgânicas produzidas pela fotossíntese à planta enxertada.

ÉPOCA DO PLANTIO s.f. / c.n. (é-po-ca do plan-tio; épocas dos plantios)

1. Período recomendável para a germinação e desenvolvimento do plantio.

Ex. de uso: O produtor rural é sabedor da melhor *época do plantio*.

EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO s.m./c.n. (e-qui-pa-men-to de pro-te-ção; equipamentos de proteção)

1. Materiais como roupa, calçado e acessórios que servem de proteção ao agricultor no trabalho agrícola (bota, chapéu, avental, luva etc.); 2. EPI é uma ferramenta de trabalho e o seu uso é muito importante para preservar a saúde do homem no campo. Por isso, ele se tornou obrigatório por lei.

Ex. de uso: O agricultor está usando *equipamento de proteção*, as *botas e luvas* no trabalho do canteiro.



ESCOLHA DA ÁREA s.f. / c.n. (es-co-lha da á-rea; escolhas das áreas)

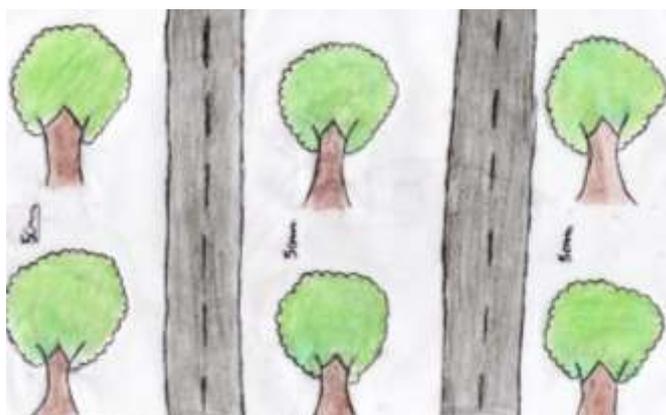
1. Escolher o local apropriado para plantar hortaliças, árvores frutíferas ou criar animais.

Ex. de uso: O agricultor fez a *escolha da área* para o plantio.

ESPAÇAMENTO DO PLANTIO s.s./c.n. (es-pa-ça-men-to do plan-tio; espaçamentos dos plantios)

1. Distância adequada na área do plantio para dar condições para a planta se desenvolver.

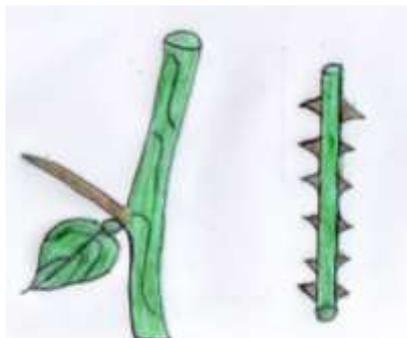
Ex. de uso: O agricultor demarcou o *espaçamento* na área do plantio.



ESPINHO s.m. (es-pi-nho; espinhos)

1. Em diversas plantas, encontramos folhas modificadas em espinhos, conhecidas como espinhos foliares, caracterizam-se por serem secos, resistentes e não realizarem fotossíntese; 2. Há dois tipos diferentes de espinhos: os caulinares e os foliares. Os espinhos caulinares caracterizam-se por serem modificações de ramos que surgem na região da axila das folhas, por exemplo, o limoeiro.

Ex. de uso: A árvore de tucumã é cheia de *espinhos*.



ESTERCO *s.m.* (es-ter-co; esterco)

1. Fezes de animais (gado ou ave) ricas em nutrientes que quando misturadas com terra servem como alimento (adubo) para o desenvolvimento das plantas;
2. Excremento animal usado como fertilizante em cultivo de vegetais.

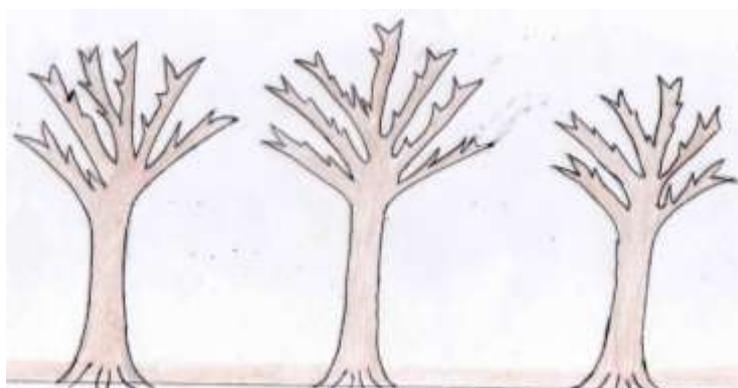
Ver estrume.

Ex. de uso: O adubo foi preparado com esterco de galinha.

**ESTIAGEM** *s.f.* (es-ti-a-gem; estiagens)

1. Falta prolongada de chuva na plantação;
2. Período seco em determinada região;
3. Período em que não ocorrem precipitações ou que são insuficientes para manter o nível de umidade do solo.

Ex. de uso: Por causa da *estiagem* é preciso irrigar mais vezes o plantio.

**ESCORAMENTO**

1. Técnica utilizada na agricultura que consiste na colocação de peças de bambu, varas de madeira ou de outro material junto ao caule das plantas com a finalidade de escorá-la e orientar seu crescimento.

Ver Tutoramento.

Ex. de uso: No plantio de maracujá foi usado o *escoramento* para o orientar seu crescimento.

Informação adicional: Esta medida pode ter caráter provisório, quando utilizada somente no início da formação de uma lavoura ou no período de frutificação ou permanente quando utilizado até a colheita.

ESTIPE *s.m.* (es-ti-pe; **estipes**)

1. Parte da planta localizada no tronco; 2. Caule ou tronco sem ramificação como o das palmeiras e de árvores jovens.

Ex. de uso: Para a colheita de palmito, retira-se apenas os *estipes* adultos.

Informação adicional: No manejo de açaizeiros na Ilha do Marajó se extraem apenas os estipes adultos, deixando os mais novos para que as palmeiras possam crescer e voltar a dar palmito.

ESTOCAGEM *s.f.* (es-to-ca-gem; **estocagens**)

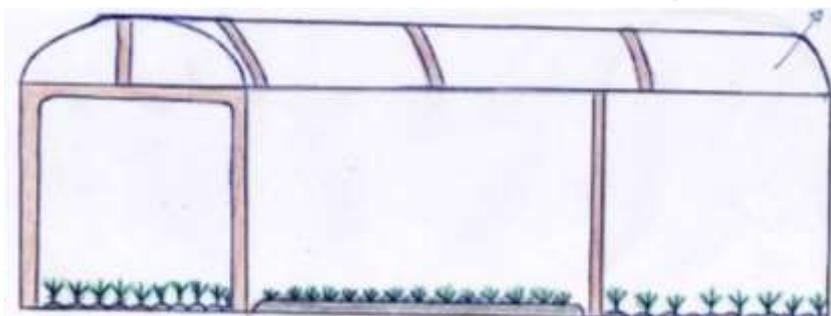
1. Armazenamento de sementes para ser plantadas posteriormente; 2. Armazenamento de produtos em local seco, principalmente, grãos: arroz, feijão, milho etc.

Ex. de uso: O agricultor rural fez *estocagem* dos produtos colhidos.

ESTUFA *s.f.* (es-tu-fa; **estufas**)

1. Cobertura do canteiro ou viveiro com plástico ou tela para abrigar a plantação e proteger do sol; 2. Estrutura fixa ou móvel, flexível ou rígida, em vidro, plástico ou outro material translúcido ou impermeável à água, com a finalidade de alterar as condições climáticas no seu interior, de modo a serem mais propícias ao desenvolvimento de uma cultura, além de possibilitar que uma pessoa possa trabalhar de pé e na vertical.

Ex. de uso: A *estufa* do viveiro foi feita com plástico com arejamento nas laterais.



ESTRUME *s.m.* (es-tru-me; **estrumes**)

1. Adubo orgânico constituído em geral de esterco, ramos ou folhas apodrecidas.

Ver esterco.

Ex. de uso: O *estrume* foi utilizado na adubação do plantio.

EXTENSÃO RURAL *s.f. / adj.* (ex-ten-**são** ru-**ral**; **extensões rurais**)

1. Sistema de ajuda e amparo aos produtores rurais e suas famílias, geralmente feito por órgãos públicos através da divulgação de novas técnicas de manejo ou conservação de recursos e formas de comercialização; 2. Processo de estender, ao povo rural, conhecimentos e habilidades, sobre práticas agropecuárias, florestais e domésticas, reconhecidas como importantes à melhoria de sua qualidade de vida;

Ex. de uso: Os agricultores participaram do encontro sobre *extensão rural*.

Informação adicional: É o processo cooperativo, baseado em princípios educacionais, que tem por finalidade levar, diretamente, aos adultos e jovens do meio rural, ensinamentos sobre agricultura, pecuária e economia doméstica (Definição da ABCAR).

EXTRAÇÃO *s.f.* (ex-tra-**ção**; **extrações**)

1. Colheita do produto do canteiro, viveiro, roça, horta, árvore; 2. A extração pode ser feita de forma manual ou com equipamento adequado; 2. Operação da exploração florestal muito diversificada, tanto nos meios como nas técnicas utilizadas, pois consiste na transferência do material lenhoso do local de abate até o carregadouro; 3. Retirada e/ou coleta de qualquer material, orgânico ou inorgânico, de um ecossistema

Ex. de uso: A *extração* do açaí foi feita manualmente pelo produtor rural.

EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL *s.m./adj* (ex-tra-ti-**vis**-mo sus-ten-**tá**-vel; **extrativismos sustentáveis**)

1. Sistema de exploração de produtos naturais baseado na coleta e extração, de modo sustentável, ou seja, que permita a renovação dos recursos naturais.

Ex. de uso: A agricultura familiar pratica o *extrativismo sustentável* para preservação do meio ambiente.

F**FACÃO** *s.m.* (fa-**cão**; **facões**)

1. Equipamento de corte muito utilizado no plantio e na extração de produtos.

Ex. de uso: O agricultor cortou as touceiras de açaí com o *facão*.

FARELO *s.m.* (fa-**re**-lo; **farelos**)

1. Restos de ração, farinha, milho; 2. Mistura de restos de alimento; 3. Resíduo grosseiro, normalmente seco, proveniente da moagem de grãos, resultado da separação da farinha por meio de peneira ou da extração de óleo de sementes oleaginosas.

Ex. de uso: As aves foram alimentadas com *farelo* de milho.

FARINHA s.f. (fa-ri-nha; farinhas)

1. Espécie de grão feito da mandioca; 2. Goma de mandioca cozida e torrada em forno num grande tacho; 3. Grão muito utilizado como alimento na Amazônia; 4. Substância em forma de pó obtida pelo processamento de alguns grãos, sementes ou raízes.

Ex. de uso: Na mesa do paraense não pode faltar a *farinha* torrada.

FATOR ABIÓTICO s.m. / adj. (fa-tor a-bi-ó-ti-co; fatores abióticos)

1. Elemento não-vivo, mas que influencia as formas de vida como temperatura, luz, ph, solo, rochas etc.

Ex. de uso: A plantação se desenvolve de acordo com a temperatura, clima e outros *fatores abióticos*.

**FATOR BIÓTICO** s.m. / adj. (fa-tor bi-ó-ti-co; fatores bióticos)

1. Elemento vivo, como animais, vegetais e outros componentes vivos, que influencia o ambiente e outras formas de vida.

Ex. de uso: Os animais e os vegetais são importantes elementos vivos para o desenvolvimento sustentável.

FECUNDAÇÃO s.f. (fe-cun-da-ção; fecundações)

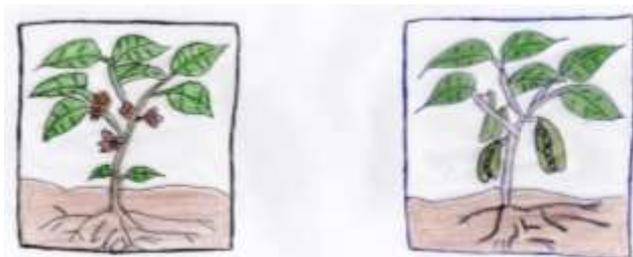
1. União de uma célula masculina com outra feminina, nos animais e nas plantas.

Ex. de uso: Para a planta germinar é preciso a *fecundação* das células.

FEIJOEIRO s.m. (fei-jo-ei-ro; feijoeiros)

1. Planta responsável pela produção de feijão, que é o grão rico e vitaminas.

Ex. de uso: No eu quintal tem um pé de feijão, ou seja, o *feijoeiro*.



FEIRA DO AGRICULTOR *s.f. / c.n.* (**fei-ra** do a-gri-**cul-tor**; **feiras dos agricultores**)

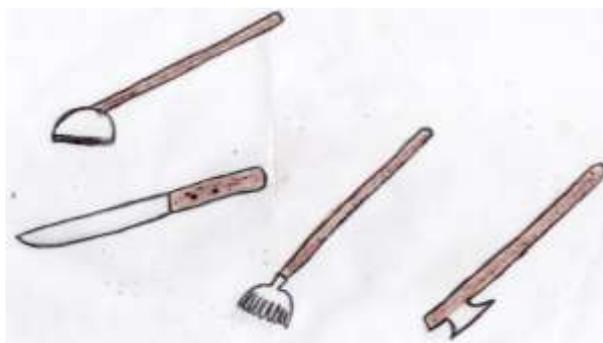
1. Local apropriado para a venda dos produtos (frutas, hortaliças, leguminosas) e aves, pelos produtores rurais.

Ex. de uso: Aos sábados é dia da *feira do agricultor* em Barcarena.

FERRAMENTA *s.f.* (**fer-ra-men-ta**; **ferramentas**)

1. Tipos de instrumentos utilizados nos processos de plantio como: ancinho, garfo, enxada etc.

Ex. de uso: A ferramenta mais usada na roça é a *enxada*.



FERTILIDADE DO SOLO *s.f.* (**fer-ti-li-da-de** do **so-lo**; **fertilidade dos solos**)

1. Qualidade e capacidade do solo fornecer os elementos apropriados às plantas dando assim, as condições necessárias ao seu desenvolvimento.

Ex. de uso: A *fertilidade do solo* traz desenvolvimento saudável à plantação.

FERTILIZAÇÃO *s.f.* (**fer-ti-li-za-ção**; **fertilizações**)

1. Forma de reprodução sexuada, fecundação, concepção; 2. Operação de introdução de fertilizantes no solo.

Ex. de uso: A *fertilização* do solo foi feita para receber o plantio das mudas.

FERTILIZANTE *s.m.* (**fer-ti-li-zan-te**; **fertilizantes**)

1. Substância natural ou sintética, industrializada ou não, líquida ou granulada, orgânica ou inorgânica que contenha princípio ativo ou agente capaz de suprir ou aumentar a fertilidade do solo; 2. Substância que fornece os elementos indispensáveis

à nutrição das plantas possibilitando desta forma seu crescimento e desenvolvimento e/ou aumentando sua produtividade.

Ex. de uso: Para o desenvolvimento do plantio foi utilizado *fertilizante* no solo.

FERTILIZANTE COMPOSTO *s.m. / adj.* (fer-ti-li-zan-te com-pos-to; fertilizantes compostos)

1. Fertilizante natural ou sintético, resultado da mistura de dois ou mais resíduos de origem vegetal, animal ou mineral.

Ex. de uso: O agricultor utilizou *fertilizante composto* para a adubação.

FERTILIZANTE ORGÂNICO *s.m. / adj.* (fer-ti-li-zan-te or-gâ-ni-co; fertilizantes orgânicos)

1. Fertilizante natural de origem animal, vegetal, urbano e industrial. Apresenta elevados índices de componentes que constituem a parte orgânica dos solos, tais como o carbono orgânico, o nitrogênio, potássio, fósforos, cálcio, magnésio e outros.

Ex. de uso: O agricultor preparou *fertilizante orgânico* para a adubação porque é mais saudável ao plantio.

FERTIRRIGAÇÃO *s.f.* (fer-tir-ri-ga-ção; fertirrigações)

1. Utilização de fertilizantes misturados à água distribuída pelo sistema instalado para irrigação.

Ex. de uso: O agricultor misturou *fertilizante na água* para irrigar a plantação.

FITOTECNIA *s.f.* (fi-to-tec-nia; fitotecnias)

1. É a ciência que estuda as plantas botânicas e as características fitossanitárias e adaptação.

Ex. de uso: Estudamos em Fitotecnia como as plantas se desenvolvem e produzem frutos.

FLOR *s.f.* (flor; flores)

1. Parte do vegetal que serve para a produção de sementes para que novas plantas surjam e cresçam; 2. Uma flor simples é composta por sépalas e pétalas. A função das sépalas é proteger a flor quando ainda está em botão (fase inicial do desenvolvimento), ou no momento em que se fecha, à noite. As pétalas coloridas têm o papel de atrair os insetos para polinizar a flor, ou seja, trazer o pólen de outra flor da mesma espécie, depositando-o no estigma;

Ex. de uso: As *flores* são importantes no processo de germinação e produção das plantas.

Informação adicional: Os grãos do pólen são tão pequenos que não podem ser vistos a olho nu, para visualizá-los é preciso utilizar um microscópio.

FLORA s.f. (flo-ra; **floras**)

1. Totalidades das espécies vegetais de uma determinada região geralmente organizada em estratos.

Ex. de uso: As flores são encontradas em suas espécies por região, chamada de *flora*.

**FLORAÇÃO** s.f. (flo-ra-ção; **florações**)

1. Processo do desenvolvimento da planta em que forma o fruto por meio da polinização; 2. Quando a árvore fica cheia de flores.

Ex. de uso: A *floração* nas árvores frutíferas deixa a planta mais bonita.

**FLORESTA NATIVA** s.f. / adj. (flo-res-ta na-ti-va; **florestas nativas**)

1. Floresta que se desenvolver em um local de forma natural e espontânea, e que não tenha sofrido intervenção humana direta anteriormente, ou seja, é um ecossistema original.

Ex. de uso: A floresta Amazônica não é mais uma *floresta nativa* porque já sofreu com as ações do ser humanos. / É preciso preservar a *floresta nativa* para que todos tenham remédios e alimentos.

FLORICULTURA s.f. (flo-ri-cul-tu-ra; **floriculturas**)

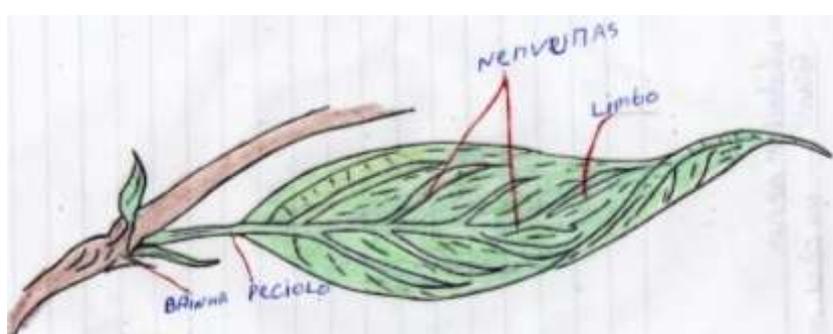
1. Ramo da horticultura que desempenha atividade agrícola de cultivo de flores, geralmente com objetivos ornamentais ou tratamento paisagísticos.

Ex. de uso: A *floricultura* é também um dos trabalhos desenvolvidos na agricultura para a comercialização.

FOLHA s.f. (fo-lha; folhas)

1. As folhas originam-se do caule e apresentam uma estreita relação com esse tecido; 2. As principais funções das folhas são a fotossíntese, transpiração e respiração; 3. A forma, cor e tamanho das folhas variam muito, sendo que algumas podem apresentar modificações, como gavinhas e espinhos; 4. A estrutura básica das folhas inclui o *limbo*, o *pecíolo*, que é a parte que conecta o limbo ao caule; a *bainha*, que equivale a parte basal da folha que envolve total ou parcialmente o caule.

Ex. de uso: A *folha* é um dos elementos mais importantes da planta porque realiza a fotossíntese.



FONTE DE ÁGUA s.f. (fon-te de á-gu-a; fontes de água)

1. Ponto do solo ou de uma rocha de onde a água flui naturalmente para superfície do terreno ou para um curso de água; 2. Nascente de água; 3. Aquilo que origina ou produz; origem; 4. Procedência, proveniência; 5. Circuito capaz de fornecer energia elétrica, em condições controladas, a outro circuito; fonte de alimentação.

Ex. de uso: Na zona rural há *fonte de água* que são os igarapés que vem dos nossos rios.



FOTOSSÍNTESE s.f. (fo-tos-sín-te-se; **fotossínteses**)

1. Processo pelo qual a energia solar é usada para formar as ligações químicas que mantêm juntas as moléculas orgânicas; 2. Processo biológico pelo qual a planta portadora de pigmento capaz de absorver a energia do sol converte água, sais minerais e gás carbônico em substância orgânica e oxigênio;

Ex. de uso: As plantas através do pigmento das folhas realizam a *fotossíntese* adquirindo substâncias orgânicas e oxigênio.

FRUTICULTURA s.f. (fru-ti-cul-tu-ra; **fruticulturas**)

1. Ramo da horticultura que desempenha atividades agrícolas de cultivo de frutas.

Ex. de uso: Uma das atividades agrícolas é a *fruticultura*, com o cultivo do açaí para consumo e comercialização.

FRUTO s.m. (fru-to; **frutos**)

1. Produto da planta que foi semeada; 2. Parte da planta que se pode comer.

Ex. de uso: A plantação de cupuaçu já deu *fruto*. / A região amazônica tem bastante árvores frutíferas, cujos frutos são: tucumã, buriti, manga, bacuri, taperebá e outros.

**FURO NO SOLO** s.m. / c.n. (fu-ro no so-lo; **furos nos solos**)

1. Pequeno buraco feito no espaço demarcado no canteiro para colocar a muda; 2. Furo feito com pedaço de madeira roliça, girando para dentro da terra.

Ex. de uso: O agricultor fez os *furos no solo* (*chão*) para plantar as mudas.

G**GALHO** s.m. (ga-lho; **galhos**)

1. Parte da planta que sustenta as folhas e frutos.

Ex. de uso: Os galhos da mangueira são fortes.

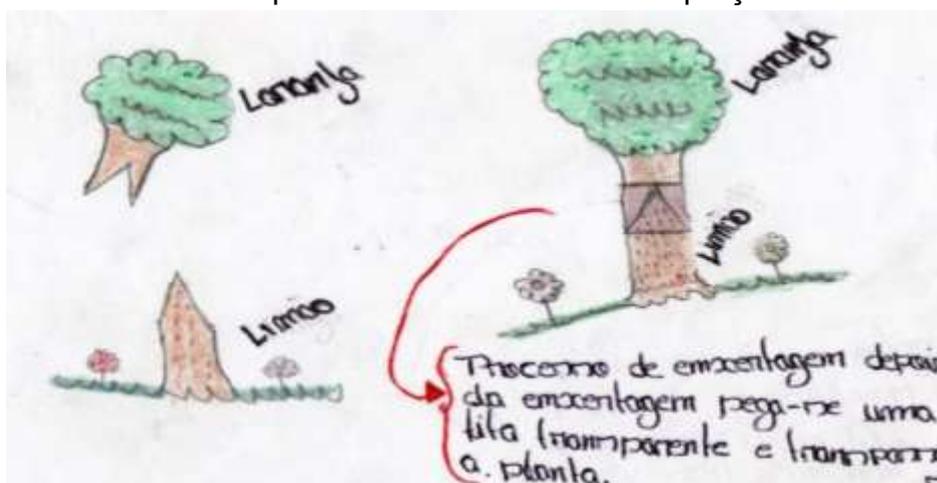
GARFAGEM *s.f.* (gar-fa-gem; garfagens)

1. Tipo de enxertia entre duas plantas; uma produtiva e outra nova; 2. Após enxertagem, transpassa uma fita transparente em volta do caule; 3. Processo de enxertia no qual se utiliza um pedaço de ramo chamado garfo, normalmente com um ou mais borbulhas ou gemas, inserindo em outro vegetal chamado cavalo; 4. O tipo de garfagem mais usual é o de “dupla fenda” ou “fenda inglesa”.

Ver Enxertia.

Ex.de uso: O agricultor fez o processo de *garfagem* na planta.

Informações adicionais: Nessa forma de enxertia, o ideal é selecionar o enxerto (garfo) com diâmetro o mais próximo possível ao do porta-enxerto, tendo o cuidado de deixar um dos lados com coincidência perfeita entre as cascas das porções enxertadas.

**GARFO** *s.m.* (gar-fo; garfos)

1. Ferramenta utilizada nas atividades agrícolas, mais precisamente para os tratos culturais; 2. Haste nova ou pedaços de casca, com um ou mais botões, e que se transporta para outro indivíduo; 3. Instrumento de metal, ferro ou aço com três ou quatro dentes, utilizado para fisgar fardos e outras atividades agrícolas.

Ex. de uso: O garfo é a ferramenta utilizada pelo agricultor para a limpeza da área de plantio.

GÁS CARBÔNICO *s.m./ adj.* (gás car-bô-ni-co; gases carbônicos)

1. Dióxido de carbono, gasoso, incolor, inodoro, solúvel em água, formando solução ácida é a fonte de carbono que serve a toda planta verde, que o fixa e elimina assim, o oxigênio; 2. Este gás é continuamente decomposto, principalmente para formar os carbonatos e junto com o vapor d'água desempenha a importante função de filtro dos raios solares.

Ex. de uso: O gás carbono é importante à vida de todo ser vivo.

GEMA *s.f.* (ge-ma; gemas)

1. Complexo de células dos vegetais onde brotam os ramos, folhas e flores; 2. Resina primitiva do pinheiro; 2. À medida que o caule cresce diferenciam-se lateralmente, regiões onde surgem folhas e gemas axilares (ou laterais).

Ex. de uso: A *gema* é favorável para o crescimento do vegetal, são responsáveis por originar novos ramos, folhas e flores.

GERMINAÇÃO s.f. (ger-mi-na-ção; germinações)

1. Desenvolvimento da célula da semente; 2. Quando a semente brota; 3. Início do desenvolvimento do embrião de um vegetal, no qual há a ruptura do envoltório da semente e começam a aparecer pequenas raízes e folhas.

Ex. de uso: A semente está *germinando* no canteiro.



GOMA s.f. (go-ma; gomas)

1. Produto extraído da mandioca; 2. Seiva viscosa e translúcida que corre e se extrai de certas plantas e árvores; 3. Substância feita com água e amido, empregado no preparo de alimentos ou para engomar roupa; 4. tapioca.

Ex. de uso: A *goma* da mandioca serve para fazer tacacá, tapioca e outros alimentos.

GRÃO s.m. (grão; grãos)

1. Espécies de sementes como de: milho, feijão, arroz; 2. Conhecido na região como *bago*; 3. Denominação genérica dadas às sementes de cereais e de algumas outras plantas.

Ex. de uso: Foram armazenadas sacas de *grãos* de milho e feijão.

GRANJA s.f. (gran-ja; granjas)

1. Pequena propriedade agrícola geralmente destinada à horticultura, avicultura, fruticultura ou pecuária de leite.

Ex. de uso: Na granja encontramos criações de aves e cultivos de frutas.

GRAMA *s.f.* (gra-ma; gramas)

1. Denominação genérica dada a várias espécies de gramíneas cultivadas em áreas urbanas e jardins.

Ex. de uso: A *grama* do jardim cresceu, é preciso aparar.

GRAÚDO *adj.* (gra-ú-do; graúdos)

1. Refere-se ao tamanho maior, grande, mais extenso.

Ex. de uso: O agricultor separou os frangos mais *graúdos* do aviário.

H**HÁBITAT** *s.m.* (ha-bi-tat; habitats)

1. Local onde um animal ou planta vive normalmente ou pode ser encontrado, caracterizado por uma forma vegetal e/ou atributo físico dominante.

Ex. de uso: O *habitat* da andiroba é na região amazônica.

HASTE *s.f.* (has-te; hastes)

1. Caule pouco resistente e que se ramifica desde a base; 2. A haste é um tipo de caule aéreo e ereto. Apresenta estrutura mole e frágil, com coloração esverdeada; 3. O exemplo mais típico de haste ocorre no caule das couves e de algumas ervas

Ex. de uso: O caule da couve é do tipo haste.

HERBICIDA *s.f.* (her-bi-ci-da; herbicidas)

1. Substância química ou biológica usada para eliminar ou controlar o crescimento de outras plantas indesejáveis (ervas invasoras ou infestantes).

Ex. de uso: Foi utilizado *herbicida* no plantio para não crescerem plantas indesejáveis.

HIDROPONIA *s.f.* (hi-dro-po-ni-a; hidroponias)

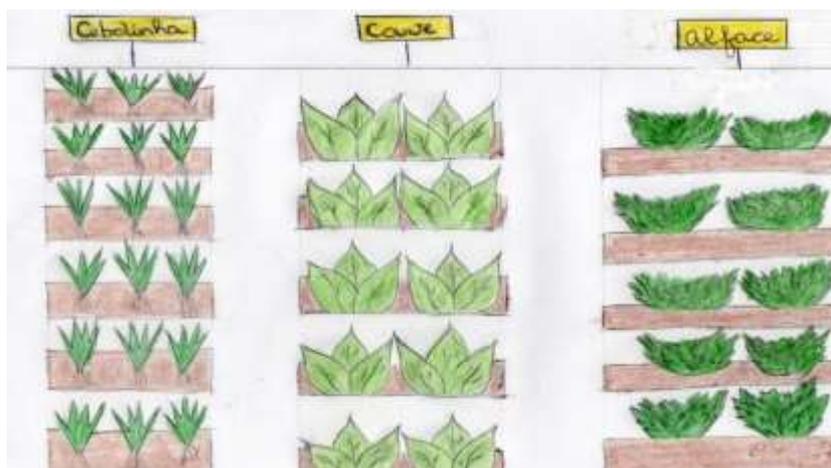
1. Sistema de cultivo suspenso feito em tubo PVC; 2. A planta não precisa estar no solo para se desenvolver, é alimentada pelo líquido nutritivo: água corrente; 3. Técnica de cultivo em que o sistema radicular de certos vegetais permanece submerso em água e solução nutriente, algumas vezes com suporte de areia, cascalho etc.

Ex. de uso: O agricultor usou o sistema de *hidroponia* para maior economia e renda.

HORTA *s.f.* (hor-ta; hortas)

1. Espécie de canteiro de verduras e legumes montada no solo ou em recipientes alternativos ou suspensos; 2. local onde são cultivados hortaliças, temperos, condimentos ou legumes.

Ex. de uso: Na agricultura familiar tem *horta* com plantação de cheiro-verde.



HORTA VERTICAL s.f. / adj. (hor-ta ver-ti-cal; hortas verticais)

1. Tipo de horta suspensa onde se usa substrato; 2. O plantio é feito em tubos cortados ou garrafa pet ou ainda outros meios alternativos.

Ex. de uso: No pátio da escola tem *horta vertical* de verduras e plantas medicinais.

HORTALIÇA s.f. (hor-ta-li-ça; hortaliças)

1. Espécie de legumes e verduras como: alface, couve, cheiro-verde, caruru, quiabo, maxixe, berinjela, jurumum etc.; 2. designação genérica de plantas leguminosas, folhosas ou de plantas herbáceas, comestíveis.

Ex. de uso: Todos os dias colhemos *hortaliças* para o nosso consumo e venda.

HORTICULTURA s.f. (hor-ti-cul-tu-ra; horticulturas)

1. Parte da agricultura que se dedica ao cultivo de hortaliças, legumes, temperos e condimentos; 2. Divide-se nos ramos da olericultura (hortaliças folhosas e legumes), floricultura (flores), fruticultura (frutas), silvicultura (árvores florestais) e paisagismo (plantas ornamentais).

Ex. de uso: A colheita das hortaliças e legumes será feita na *horticultura*.

HORTO FLORESTAL s.m./ adj. (hor-to flo-res-tal; hortos florestais)

1. Estabelecimento onde se estudam e multiplicam espécies florestais variadas normalmente utilizadas em reflorestamentos de áreas degradadas ou tratamentos paisagísticos.

Ex. de uso: O *horto florestal* é importante lugar para se fazer pesquisas das espécies vegetais.

HÚMUS s.m. (hú-mus; húmus)

1. Massa escura e disforme de matéria orgânica parcialmente decomposta encontrada no solo; 2. Húmus de minhoca é um tipo de composto orgânico produzidos por minhocas e de fácil decomposição liberando os nutrientes para o solo e as plantas de forma rápida.

Ex. de uso: O *húmus* é importante material decomposto e rico em nutrientes para o solo.



IGARAPÉ s.m. (i-ga-ra-pé; igarapés)

1. Pequeno braço de rio; 2. O igarapé geralmente é de água corrente e serve para banho, afazeres domésticos e irrigação do plantio; 3. pequeno rio navegável geralmente afluente de rios maiores e que tem as mesmas características destes rios.

Ex. de uso: Vamos tomar banho no *igarapé*. / No sítio do vovô tem um *igarapé*.

INAJÁ s.m. (i-na-já; inajás)

1. Palmeira cultivada, da família das palmáceas, de fruto drupáceo, verde-amarelo, é nativa da região amazônica e produz uma amêndoa semelhante à do babaçu, que pode ser utilizado como biodiesel, óleo comestível, ração animal cosméticos e produtos farmacêuticos;

Ex. de uso: O *inajá* é um fruto muito apreciado pelos animais silvestres e domésticos.

Variação lexical: anajá

Informação adicional: O inajazeiro é comum na Amazônia e ocorre em abundância em terra firme de solo pobres e arenosos. Essa palmeira é extremamente resistente ao fogo.

INGÁ s.m. (in-gá; ingás)

1. Fruto da ingazeira, uma das árvores mais importantes na Amazônia, 2. Os frutos das ingazeiras são pendentes, e dependendo da espécie, podem medir desde 5 centímetros até mais de 1 metro de comprimento; 3. As sementes são envolvidas em uma polpa comestível, branca, fofa e doce.

Ex. de uso: É muito bom apanhar e comer *ingá* no pé da ingazeira.

Informação adicional: Sua diversidade é de, aproximadamente, 130 espécies na região, possui características que aumentam seu potencial como recursos para sistema agroflorestais, recuperação de áreas degradadas e comércio.



INSUMO *s.m.* (in-su-mo; insumos)

1. Elemento usado para garantir a nutrição, a proteção e o desenvolvimento das plantas ou dos animais, aumentando a produtividade; 2. Os insumos agrícolas podem ser divididos em mecânicos, biológicos ou químicos; 3. Os insumos químicos (por vezes chamados de insumos minerais) estão os fertilizantes e os agrotóxicos, por exemplo.

Ex. de uso: A água, as ferramentas e o abubo são *insumos* necessários para o desenvolvimento da plantação.

Informação adicional: Os elementos aplicados na produção que têm origem vegetal ou animal são chamados de insumos biológicos, além das sementes, podemos citar como exemplo os adubos.

IRRIGAÇÃO *s.f.* (ir-ri-ga-ção; irrigações)

1. Fornecimento de água sobre a plantação para irrigar; 2. Molhar o plantio nos períodos corretos para o seu desenvolvimento; 3. * Prática que consiste em fornecer água ao solo de forma artificial e controlada para deixá-lo apto para o cultivo agrícola.

Ex. de uso: A *irrigação* é fundamental para o crescimento das plantas.

**IRRIGAÇÃO POR ASPERSÃO** *s.f./ c.n.* (ir-ri-ga-ção por as-per-são; irrigações por aspersões)

1. Método de rega no qual a água é distribuída uniformemente e com uma pressão apropriada sob a forma de chuva ao terreno através da utilização de diversos aparelhos (aspersores, canhões de rega); 2. Sistema de irrigação pelo qual a água é aplicada; 3. Irrigação por meio de aspersores que borrifam e espalham água sobre a superfície do solo, geralmente com a utilização de um pivô central.

Ex. de uso: No canteiro de hortaliças foi instalada a *irrigação por aspersão*.

IRRIGAÇÃO POR GOTEJAMENTO *s.f./ c.n.* (ir-ri-ga-ção por go-te-ja-men-to; irrigações por gotejamentos)

1. Sistema de irrigação pelo qual a água é aplicada na superfície do solo de forma constante, lenta e de baixa pressão através de pequenos componentes mecânicos chamados gotejadores.

Ex. de uso: No canteiro de cheiro-verde a *irrigação é por gotejamento*.

IRRIGAÇÃO POR MICROASPERSÃO *s.f./ c.n.* (ir-ri-ga-ção por mi-cro-as-per-são; irrigações por microaspersões)

1. Sistema de irrigação semelhante ao gotejamento, mas que permite a aplicação de volumes de água maiores e com maior pressão.

Ex. de uso: Na horta de tomate foi feita a *irrigação por microaspersão*.

IRRIGAÇÃO POR SULCOS *s.f./ c.n.* (ir-ri-ga-ção por sul-cos; irrigações por sulcos)

1. Sistema de irrigação pelo qual a água é aplicada no solo através de sua distribuição por pequenos canais ou sulcos paralelos às fileiras das plantas.

Ex. de uso: No viveiro o sistema de *irrigação* foi feito *por sulcos*.

J

JAMBU *s.m.* (jam-bu; jambús)

1. O jambu é um tipo de hortaliça rica em fibras e vitaminas; 2. Sua característica marcante é a dormência que causa na mucosa da boca, o que dá um toque especial nos pratos preparados com esse ingrediente; 4. Conhecido também como agrião da Amazônia, faz parte dos pratos típicos paraenses: Pato no Tucupi e o Tacacá.

Ex. de uso: *Jambu* é uma planta comestível e saborosa no prato do paraense.

Informação adicional: O jambu é cozido, inclusive cozido no tucupi, que é o líquido extraído da mandioca. A grande quantidade de fibras presentes na planta; retardar a absorção de carboidrato; possui ação antioxidante, que ajuda na prevenção do envelhecimento das células e também contra danos no DNA.



JARDINAGEM *s.f.* (jar-di-na-gem; jardinagens)

1. Arte de cultivar jardins; 2. Processo de silvicultura que consiste em cortar pontos da mata ou floresta, de forma salteada, as árvores em idade de serem aproveitadas na indústria; 3. Processos de exploração florestal que consiste no corte dos indivíduos com valor comercial, de forma salteada e aleatória.

Ex. de uso: Na agricultura familiar, a *jardinagem* também é um meio de trabalho.

JERIMUM *s.m.* (je-ri-mum; jerimuns)

1. Legume rico em cálcio e vitamina C; 2. Conhecido como abóbora no norte e nordeste brasileiro; 3. Repositor de cálcio e excelente antioxidante; possuindo grande

aceitação culinária; 4. Seu fruto é globular achatado com gomos de cor creme; 5. Tem excelente conservação pós-colheita e variabilidade no formato e tamanho.

Ex. de uso: Na roça o agricultor faz a colheita do *jerimum*. / O jerimum é muito saboroso em doces, bolos e purê./ Mamãe coloca jerimum no feijão.

Informação adicional: O jerimum também é rico em fibras solúveis, ótimas para a limpeza e manutenção das funções intestinais e, tem um benefício extra do seu consumo - reduz a necessidade de você comer alimentos doce

JIRAU s.m. (ji-rau; jiraus)

1. Estrado de varas sobre forquilha cravadas no chão, usado para guardar panelas, pratos, legumes, etc; 2. Armação de madeira sobre a qual se edificam as casas a fim de evitar a água e a umidade; 3. Qualquer armação de madeira em forma de estrado ou palanque; 4. Cama de varas; 5. Piso feito no interior de um cômodo feito à meia altura que cobre, apenas parcialmente, a sua área.

Ex. de uso: Nas casas da zona rural são feitos *jiraus* para lavar e guardar as vasilhas da cozinha.

L

LAVOURA s.f. (la-vou-ra; lavouras)

1. Preparo da terra com o objetivo de implantar uma cultura, realizado manualmente ou com a utilização de implementos agrícolas; 2. Porção de um terreno cultivado; 3. Propriedade lavrada e cultivada.; 4. Plantação.

Ver Roça.

Ex. de uso: As famílias da zona rural preparam o terreno para *lavoura*.

LEGUME s.m. (le-gu-me; legumes)

1. Hortaliça cujas partes comestíveis são frutos, sementes ou partes subterrâneas.

Ex. de uso: Na horta da agricultura familiar tem plantação de *legumes*.

LEGUMINOSA s.f. (le-gu-mi-no-sa; leguminosas)

1. Família de vegetais que se caracterizam como plantas dicotiledôneas, que compreende ervas, arbustos, árvores e trepadeiras, em geral com flores muito irregulares e fruto que é um legume; 2. suas raízes geralmente possuem nódulos que contêm bactérias fixadoras de nitrogênio no solo.

Ex. de uso: As *leguminosas* são importantes fontes de vitamina na nossa alimentação.



LENÇOL FREÁTICO *s.m. / adj.* (len-çol fre-á-ti-co; lençóis freáticos)

1. Camada de água existente abaixo da superfície da terra que se forma a pequenas profundidades e que se origina da infiltração da água da chuva no solo; 2. Local que contém água entre as partículas do solo ou entre rochas permeáveis ou mesmo duras (entre lajes); 3. pode estar mais próximo ou mais profundo à superfície do solo.

Ex. de uso: Na área de plantio e construções é recomendável analisar o solo para não atingir o lençol freático.

LIMPEZA DA ÁREA *s.f. / c.n.* (lim-pe-za da á-re-a; limpezas das áreas)

1. Cuidado com a área de plantio, retirar matos, ervas daninhas, folhas secas e outros; 2. Varrer, ancinhar, capinar, recolher o lixo para manter limpo o local de plantio.

Ex. de uso: É preciso fazer a *limpeza* da área do plantio para a retirada de matos e lixos.

LIMPEZA DE MATOS *s.f. / c.n.* (lim-pe-za de ma-tos; limpezas de matos)

1. Operação de preparação do terreno que tem como objetivo principal a eliminação da cobertura vegetal existente; 2. Facilitar os trabalhos seguintes de mobilização do solo e a diminuição da concorrência por nutrientes e água entre a vegetação nativa e as novas plantas.

Ex. de uso: A *limpeza de matos* da área de plantio mantém conservado o espaço e a preservação das plantas.

LIXO *s.m* (li-xo; lixos)

1. Resíduo que resulta de atividades domésticas, industriais, comerciais e agrícolas; 2. Sobras, utensílios, materiais que não servem mais para a utilização humana; 3. O lixo tem sido material transformado, reciclado, reaproveitado em diversos meios sociais; 4. Resíduos alimentares podem servir como material para compostagem e adubação na área agrícola.

Ex. de uso: O *lixo* pode ser separado por tipos papel, plástico, vidro e resíduos alimentares. / O *lixo* pode ser transformado em novos objetos e utensílios domésticos.

LUVA DE PROTEÇÃO *s.f. / c.n.* (lu-va de pro-te-ção; luvas de proteção)

1. A luva de proteção é um dos acessórios essenciais para manuseio de ferramentas e produtos químicos em obras e reformas; 2. Acessório de proteção utilizado nas diversas atividades.

Ex. de uso: As *luvas* devem ser usadas pelo agricultor para a proteção de suas mãos.

M

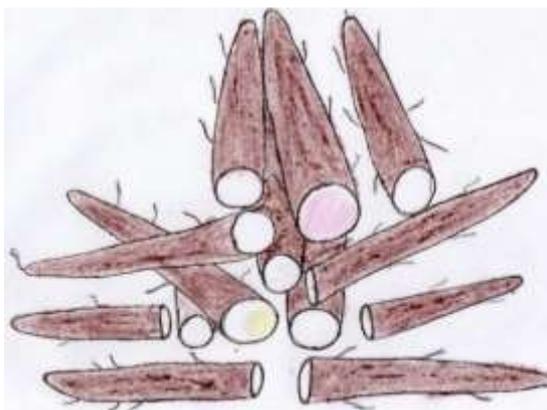
MACAXEIRA *s.f.* (ma-ca-xei-ra; *macaxeiras*)

1. Espécie de planta tuberosa; 2. Nome dado ao caule do pé de mandioca é maniva, o qual, cortado em pedaços, é usado no plantio; 3. Ingrediente para a produção de farinha de mandioca, tapioca, polvilho doce e salgado; 4. Utilizada na produção de comidas como: tacacá e molho tucupi, o pirão de peixe, farofa d'água e o beiju são receitas que tem, também, por base a mandioca.

Ex. de uso: A *macaxeira* cozida é um ótimo acompanhamento com café.

Informação adicional: A mandioca é um alimento consumido em todas as regiões do país devido à grande variedade de formas de utilizá-la na culinária. No sul e sudeste do país, exceto o Rio de Janeiro ela é conhecida como mandioca. Já no norte e nordeste já é chamada de macaxeira ou aipim.

Variação lexical: Mandioca, macaxeira, aipim, castelinha, uaipi, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre, mandioca-brava e mandioca-amarga são termos brasileiros para designar a espécie *Manihot esculenta*.



MACHADO *s.m.* (ma-cha-do; *machados*)

1. Ferramenta utilizada no corte de madeira para preparar canteiro, viveiro, cerca etc.;
2. *Instrumento de metal, ferro ou aço, com a extremidade cortante e cabo, utilizado para rachar lenha, fazer derrubadas, eliminar galhos, aparelhar madeira e outros.

Ex. de uso: As toras de madeira para a construção do aviário foram cortadas com *machado*.

MANIPULAÇÃO DO PRODUTO *s.f. / c.n.* (ma-ni-pu-la-ção do pro-du-to; *manipulações dos produtos*)

1. Modo como colhe e transporta o produto agrícola; 2. Organização do produto no momento da colheita; 3. Cuidado e limpeza ao colher e transportar os produtos na colheita.

Ex. de uso: Os agricultores fazem a *manipulação dos produtos* colhidos com bastante cuidado.

MANDIOCA *s.f.* (man-di-o-ca; **mandiocas**)

1. Planta leitosa, cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação humana e animal e na indústria, especialmente a de farinhas e amidos; 2. As raízes tuberosas da mandioca são as partes mais consumidas da planta; 3. Mandioca também conhecida como aipim e macaxeira; 4. Planta nativa da América do Sul, possivelmente da região sudoeste da Amazônia.

Ex. de uso: A *mandioca é uma raiz* comestível e dela se faz a farinha.

Varição lexical: maniva

Informações adicionais: Estas raízes fazem parte de mais de 7000 espécies são consideradas uma importante fonte de hidratos de carbono (carboidratos) por conter em sua composição grandes quantidades de amido (polissacarídeos).



MANEJO *s.m.* (ma-ne-jo; **manejos**)

1. Modo como mexe com a terra; 2. Quando está limpando e plantando; 3. Todo e qualquer procedimento que vise à intervenção em um ecossistema ou em uma população.

Ex. de uso: O agricultor conhece o *manejo* correto para tratar a terra.

MANEJO DO SOLO *s.m. / c.n.* (ma-ne-jo do so-lo; **manejos dos solos**)

1. Operações e técnicas realizadas no solo (calagem, fertilização, adubação, correção e outros tratamentos), com objetivo de prepará-lo para o cultivo de plantas ou para manutenção, conservação ou melhoramento de suas qualidades e características.

Ex. de uso: O agricultor *maneja o solo* para prepara-lo para o plantio.



MANGUEIRA DE IRRIGAÇÃO *s.f. / c.n.* (man-guei-ra de ir-ri-ga-ção; mangueiras de irrigações)

1. Instrumento que serve para irrigar a plantação; 2. Tubo de borracha longo para transportar a água de irrigação até o plantio.

Ex. de uso: O agricultor está utilizando a *mangueira* para irrigar o plantio.

MANIVA *s.f.* (ma-ni-va; manivas)

1. Folha moída da mandioca que na culinária paraense é ingrediente principal de um dos pratos mais apreciados na região – a maniçoba; 2. Parte do caule da planta da mandioca capaz de germinar, normalmente utilizado para plantio e formação de lavoura; 3. Mandioca.

Ex. de uso: Com a folha da *maniva* é preparado um saboroso prato de maniçoba.

MATÉRIA-PRIMA *s.f.* (ma-té-ria pri-ma; matérias-primas)

1. Produto natural ou transformado (semimanufaturado), que as empresas utilizam como base em um processo produtivo para a obtenção de um produto acabado; 2. O produto acabado é a mercadoria que as empresas vendem; 3. Matérias-primas que não precisam passar por transformações, como por exemplo os vegetais e as frutas, que são comercializados da forma que são extraídos da natureza;

Ex. de uso: As hortaliças, verduras e frutos são *matérias-primas* da natureza.

Informação adicional: Outros tipos de matérias-primas:

- Vegetal: extraído de plantas: exemplo do látex, matéria-prima para a fabricação da borracha.
- Animal: de origem da criação de animais, como a carne, o leite, ou também, o couro como matéria-prima.
- Mineral: são os materiais extraídos do solo, como exemplo o petróleo que será transformado em gasolina e outros derivados.

MATÉRIA ORGÂNICA *s.f.* (ma-té-ria or-gâ-ni-ca; **matérias orgânicas**)

1. Restos de alimentos ou materiais que sofreu decomposição. As principais fontes de matéria orgânica utilizada para a nutrição dos vegetais são os adubos verdes, os resíduos vegetais, palhas, serragens, cascas de madeira, restos de culturas, restos industriais, turfa natural, vinhaça, esterco e restos de aves e peixes.

Ex. de uso: Os restos de alimentos quando selecionados servem como *matéria orgânica*. / A compostagem é preparada com *matéria orgânica*.

MATO *s.m.* (ma-to; **matos**)

1. Vegetação, geralmente sem valor comercial, que se desenvolve espontaneamente em área não cultivada ou abandonada após a colheita, formada por espécies arbustivas e gramíneas; 2. Erva invasora que prejudica o desenvolvimento de uma cultura.

Ver Capim.

Ex. de uso: O *mato* deve ser retirado para não prejudicar a plantação.

MEIO AMBIENTE *s.m.* (me-io am-bi-en-te; **meios ambientes**)

1. Conjunto de condições, leis, influência e interações de ordem física, química, biológica e social que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas; 2. Locais onde vivem os seres humanos, as espécies de animais, vegetais e outros.

Ex. de uso: É preciso cuidar do *meio ambiente* para não faltar alimento e saúde a todos os seres vivos.

MICROASPERSOR *s.m.* (mi-cro-as-per-sor; **microaspersores**)

1. Aparelho instalado ao meio do plantio que distribui a água sobre uma pequena área circular ou setorial, onde se encontram instaladas as plantas; 2. Microaspersão é o sistema de irrigação que utiliza emissores que lançam gotículas de água e propiciam uma precipitação mais suave e uniforme que a aspersão.

Ex. de uso: A irrigação do plantio é feita por *micro aspersor*.

MONDA *s.f.* (mon-da; **mondas**)

1. Eliminação das ervas daninhas com as mãos, para não danificar a raiz da planta; 2. Ato de arrancar as ervas invasoras que crescem entre as plantas cultivadas; 3. Corte os ramos secos ou supérfluos; desramar; 4. Expurgo do que é supérfluo ou prejudicial.

Ex. de uso: O agricultor utilizou a *monda* para preservar a raiz da planta.

MONITORAMENTO DA PRODUÇÃO *s.m. / c.n.* (mo-ni-to-ra-men-to da pro-du-ção; **monitoramento das produções**)

1. Acompanhar, observar o desenvolvimento dos cultivares; 2. Cuidados diários com a plantação, tratamentos culturais: adubação, irrigação, colheita etc.

Ex. de uso: Os agricultores precisam *monitorar a produção* todos os dias para que a planta cresça vigorosa.

MONOCULTURA *s.f.* (mo-no-cul-tu-ra; monoculturas)

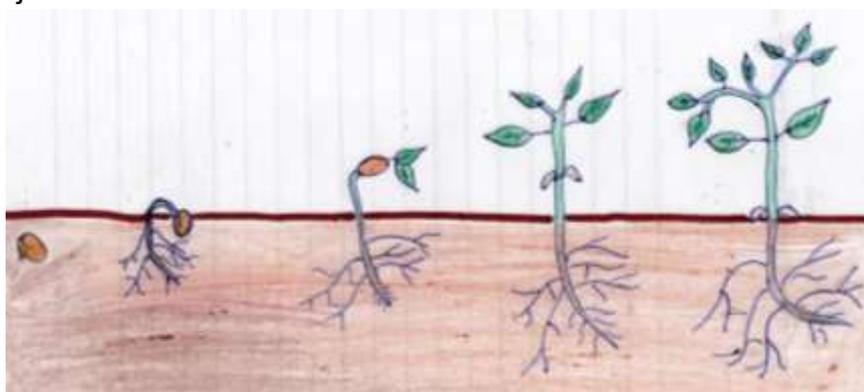
1. Lavoura homogênea na qual se cultiva uma única espécie de planta.

Ex. de uso: A *monocultura* é o plantio de uma única espécie de cultivar.

MUDA *s.f.* (mu-da; mudas)

1. Planta ainda em desenvolvimento que vai ser plantada em local definitivo; 2. Primeiro talo ou broto da planta; 2. Planta nova e pronta para plantação definitiva, normalmente produzidas em viveiros ou encontrada próxima a uma árvore matriz.

Ex. de uso: A *muda* foi retirada da sementeira. / Eu vou plantar uma *muda* de maracujá.



N

NATIVO *s.m.* (na-ti-vo; nativos)

1. Denominação genérica usada para qualquer espécie, animal ou vegetal, de ocorrência natural em uma determinada região ou ecossistema.

Ex. de uso: Os moradores da zona rural são *nativos* deste lugar.

NÉCTAR *s.m.* (néc-tar ; néctares)

1. Solução adocicada secretada pelas flores das plantas para atrair agentes polinizadores como insetos, pequenos pássaros, entre outros.

Ex. de uso: As abelhas colhem o *néctar* das flores e o transformam em mel.

Informações adicionais: Os insetos voam de uma flor a outra alimentando-se do néctar. As glândulas produtoras de néctar ficam, em geral, no interior da flor, e o inseto é obrigado a passar pelo pólen para alcançá-las.

NOZ s.f. (noz; nozes)

1. Fruta considerada seca, portadora de uma semente; poucas vezes será possível encontrá-la com duas sementes; 2. As nozes reais provêm dos carvalhos, constituindo as bolotas; das avelaneiras, das faias, das castanheiras, das nogueiras e da castanha-de-caju.

Ex. de uso: As *nozes* podem, além de alimento, são utilizadas como remédio, na fabricação de cosméticos e confecção de colares.

Informação adicional: Nozes contribuem para combater inflamação e oxidação das artérias, resultado de dietas repletas de gorduras saturadas.

NUTRIÇÃO s.f. (nu-tri-ção; nutrições)

1. Processo pelo qual os organismos retiram do meio energia e a matéria necessárias para o seu crescimento, desenvolvimento, multiplicação, manutenção e exercício de suas faculdades; 2. Conjunto de processos de assimilação, constituindo de ingestão, digestão e da absorção de elementos.

Ex. de uso: Na zona rural, podemos ter uma *nutrição* mais saudável com os alimentos que plantamos e colhemos.

NUTRIENTE s.m. (nu-tri-en-te; nutrientes)

1. Qualquer substância do meio ambiente seja ela orgânica ou inorgânica indispensável ao desenvolvimento de uma planta, animal ou de qualquer outra espécie de organismo vivo.

Ex. de uso: As plantas precisam de *nutrientes* para o bom desenvolvimento.

O**ÓLEO** s.m. (ó-leo; óleos)

1. Denominação genérica dada a substâncias gordurosas, líquidas sob temperatura normal, de origem mineral, animal ou vegetal, empregadas nas mais variadas finalidades, como: lubrificação, combustão, iluminação, alimentação, medicamentos etc.

Ex. de uso: O *óleo* de andiroba é usado em baques, inchaços e como repelente.



OLERICULTURA *s.f.* (o-le-ri-cul-tu-ra; [olericulturas](#))

1. Parte da horticultura que trata da exploração de hortaliças e que engloba culturas folhosas, raízes, bulbos, tubérculos, frutos diversos e partes comestíveis da planta. atividade que produzem legumes e verduras; 2. Designação do cultivo de certas plantas de consistência herbácea, geralmente de ciclo curto e tratos culturais intensivos, cujas partes comestíveis são diretamente utilizadas na alimentação humana, sem exigir industrialização prévia; 3. As hortaliças também são denominadas por cultura olerácea e são popularmente conhecidas como verduras e legumes;

Ex. de uso: A *olericultura* é responsável pelo cultivo de legumes e verduras.

ORGANISMO *s.m.* (or-ga-nis-mo; [organismos](#))

1. Toda entidade autônoma e biológica capaz de reproduzir e/ou de transferir material genético; 2. Refere-se a todos os seres vivos que habitam nosso planeta, com indiferença de sua forma, tamanho, assim como qualquer outra característica física ou elemento primordial.

Ex. de uso: No meio ambiente há todo o tipo de *organismo*, vegetais e animais.

OURIÇO DE CASTANHA *s.m.* (ou-ri-ço de cas-ta-nha; [ouriços de castanhas](#))

1. Fruto da castanheira também chamados de "ouriços" pelos nativos, é, caracteristicamente, uma cápsula globosa, com uma casca lenhosa de coloração castanho-escuro e superfície espessa e bastante dura; 2. Resistente capsula que abriga um número variado de sementes – 10 a 25 unidades, também possuem uma casca bastante dura e rugosa protegendo a amêndoa.

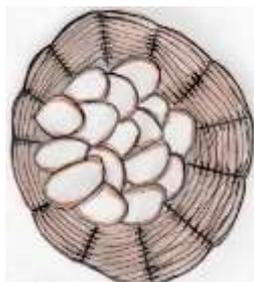
Ex. de uso: A castanha do Pará é um fruto protegido pelos *ouriços*.

Informação adicional: Quando os "ouriços" amadurecem (de dezembro a março), eles despencam do alto da castanheira, devendo ser apanhados no chão.

**OVO** *s.m.* (o-vo; [ovos](#))

1. Célula resultante da fecundação de um óvulo por espermatozoides; 2. Óvulo, fecundado ou não, de certos animais, especialmente de aves, como a galinha, revestido por membrana resistente ou por casca rígida, que contém uma parte albuminóide, a clara, e outra rica em lipídios, a gema, e usado como alimento.

Ex. de uso: As galinhas colocam bastante ovos no aviário.



P

PÁ s.f. (pá; pás)

1. Ferramenta utilizada no manejo da terra e carregamento de adubo; 2. Instrumento largo e chato, de madeira ou de metal, ferro ou aço, matéria plástica, ferro etc., com rebordos laterais e provido de um cabo reto ou em forma de Y, muito utilizado em atividades agrícolas, na construção civil, para cavar o solo, remover terra, areia, carvão, lixo etc.; 3. Pode ter a frente reta (pá quadrada) ou com uma ponta (pá de bico) para melhor se adaptar ao uso.

Ex. de uso: Com a *pá* juntamos e carregamos o adubo para o canteiro.

PALMA s.f. (pal-ma; palmas)

1. Espécies da família de plantas monocotiledôneas, da ordem das palmales, de aspecto muito peculiar pelo tronco indiviso e liso, e pelas folhas enormes, penadas, situadas no ápice; 2. Têm as bases persistentes dos pecíolos que geralmente revestem o caule, chamado estipe, as flores são pequeninas, em grandes racemos, cada um deles sobre espata, e o fruto é uma drupa (noz); 3. As palmas (ou palhas) são usadas na cobertura temporária de casas.

Ex. de uso: As casas da zona rural, geralmente, são cobertas com *palmas*.

A tala da *palma* é usada para fazer cacuri (armadilha para peixe).

Variação lexical: palha.

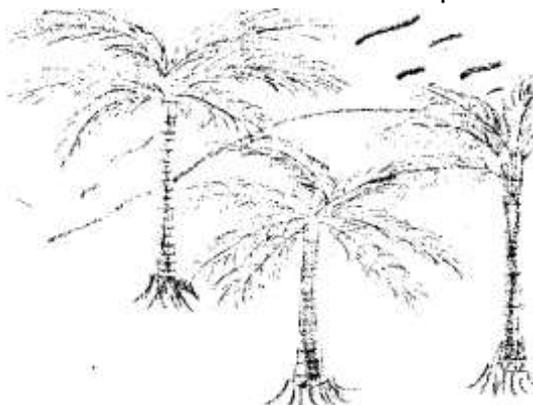


PALMEIRA s.f. (pal-me-i-ra; palmeiras)

1. As palmeiras são plantas perenes, arborescentes, tipicamente com um caule cilíndrico não ramificado tipo estipe, atingindo grandes alturas; 2. Tipo de árvore que possui palmito como: açaí, bacaba, buriti, inajá, pupunha e outros; 3. Formam grandes concentrações e são naturalmente resistentes ao fogo quando atingem a fase adulta; 4. Seus estipes são muito grossos e duros; a casca é grossa e forma uma barreira eficiente contra o calor, protegendo a parte interna da planta.

Ex. de uso: Os agricultores plantaram cem mudas de *palmeiras* de açaí.

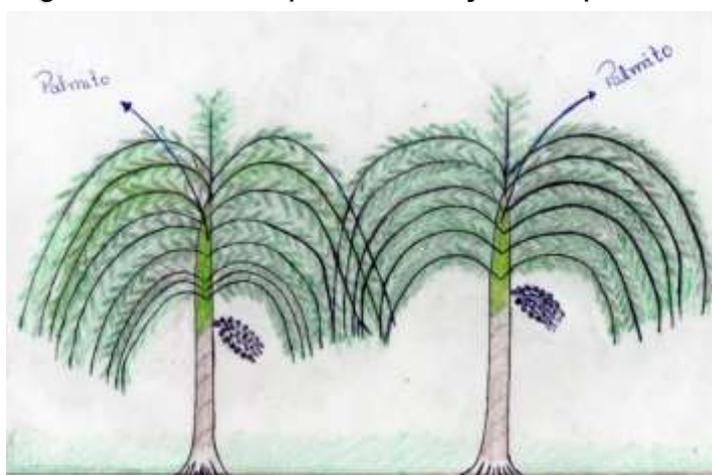
Informação adicional: Não são consideradas árvores porque todas as árvores possuem o crescimento do diâmetro do seu caule para a formação do tronco.



PALMITO s.m. (pal-mi-to; palmitos)

1. Parte da planta localizada na copa da palmeira; 2. É de coloração branca; 3. Serve para se fazer uma espécie de leguminosa em conserva, para ser consumido em salada, tortas, pizza e outros.

Ex. de uso: O agricultor retirou o palmito do açaizeiro para a venda.



PANEIRO s.m. (pa-nei-ro; paneiros)

1. "Paneiro - é o cesto amazônico por excelência, feito de talas de guarimã, guarumã ou arumã; 2 Cesto feito de tala de palmeira, bambu ou cipó, com trançado largo,

geralmente forrado de folhas utilizado como embalagem para o transportar produtos hortícolas.

Ex. de uso: Dona Joana sabe fazer *paneiros* com talas de guarumã.

Os *paneiros* foram usados pelos agricultores para colher os frutos do plantio.

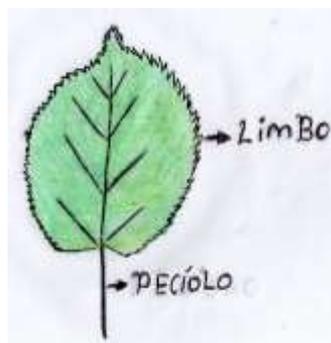
Informação adicional: A palavra *paneiro* é híbrida, vem do tupy - PANÁ (cesto) com o sufixo português - EIRO que expressa uso, finalidade e profissão (paná + eiro = *Paneiro*). O *paneiro* é fácil de guardar, pois coloca-se um dentro do outro e é útil para transportar, guardar, enfeitar etc



PECÍOLO s.m. (pe-cí-lo; **pecíolos**)

1. Haste que sustenta o limbo da folha e a une à bainha ou diretamente ao ramo; pé;
2. No pecíolo há a estípula – que é uma pequena parte que protege o pecíolo.

Ex. de uso: O pecíolo é a parte estreita que fica localizada entre o limbo e o caule.



PECONHA s.f. (pe-co-nha; **peconhas**)

1. Espécie de corda trançada que serve como suporte para o produtor subir e extrair o açaí da copa do açazeiro;
2. Trançado feito da folha da palmeira do açazeiro;
3. Utensílio rudimentar amazônico similar a um cinto, utilizado na escalada de árvores pode ser feito das folhas do pé de açaí. forma mais rudimentar de retirar o açaí.

Ex. de uso: O ribeirinho utiliza a *peçonha* para subir no açazeiro.



PENEIRA s.f. (pe-nei-ra; peneiras)

1. A peneira é um objeto antigo, o qual era produzido com palha pelas mulheres sendo utilizado como utensílio doméstico nos afazeres de casa; 2. A peneira é usada para reduzir algumas substâncias como farinha de trigo em porções mais finas; 3. Termo utilizado para referir se a um objeto com aro de variada dimensão, feito de palha ou de metal usada para reduzir substâncias.

Ex. de uso: A farinha de tapioca foi coada na *peneira*.



PIMENTA s.f. (pi-men-ta; pimentas)

1. Ingrediente usado em diversas culinárias pelo mundo; 2. Há uma grande variedade de pimentas para usarmos: pimenta de cheiro, pimenta dedo-de-moça, pimenta biquinho e pimenta malagueta são alguns exemplos. Elas não dão apenas aquele toque especial aos pratos, como são benéficas à saúde em uso moderado.

Ex. de uso: Põe um pouco de pimenta no meu tacacá.

Informação adicional: A pimenta é fonte de vitamina C, que melhora o funcionamento do sistema imunológico. Além disso, ela também é rica em vitamina E.



PIQUIÁ *s.m.* (pi-qui-á; piquiás)

1. É uma árvore majestosa da mata primária que pode atingir grandes dimensões com 40 a 50 metros de altura; possui tronco de até 2,5 metros de diâmetro e uma copa enorme que se destaca na floresta; 2. Fruto do piquazeiro, comestível depois do cozimento e bastante apreciado pela população tradicional da Amazônia; 3. Possui sabor e cheiro incomuns extraído da polpa, que é bastante grossa. As flores do piquazeiro são muito apreciadas pela caça.

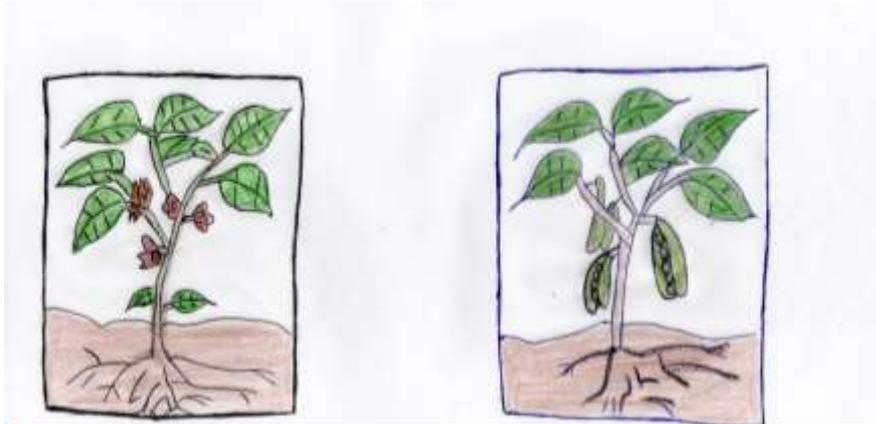
Ex. de uso: O *piquiá* é um fruto que é saboreado com café e farinha.

**PLANTA** *s.f.* (plan-ta; plantas)

1. As plantas, também chamadas de vegetais, são seres vivos, já que nascem, crescem e morrem. 2. Semente que foi germinada e se desenvolveu; 3. Vegetais que podem ser encontrados no solo (terrestres), na água (aquáticos), ou presos nos galhos de outras plantas ou em cercas (aéreos).

Ex. de uso: As *plantas* podem ser utilizadas na alimentação como também para construção de utensílios e casas.

Informação adicional: As plantas possuem capacidade de reprodução, ou seja, de dar origem a novas plantas. Algumas plantas nascem naturalmente, pois suas sementes são levadas para outros lugares pelo vento, pela água das chuvas.



PLANTAÇÃO *s.f.* (plan-ta-ção; plantações)

1. Ato de plantar, de colocar a semente na terra; 2. Plantio; 3. Lugar onde se cultivam plantas, terreno cultivado, roça, lavoura; 4. Cultura, toda vegetação plantada pelo homem.

Ex. de uso: A *plantação* de café é um dos trabalhos agrícolas no Brasil.

Sinônimos: cultura, plantio, roça, lavoura, lavra.

PLANTA NATIVA *s.f. / adj.* (plan-ta na-ti-va; plantas nativas)

1. Espécie nativa, silvestre ou autóctone é a que é nativa ou natural de um determinado ecossistema ou região. 2. Duas das mais conhecidas espécies nativas no Brasil são o Pau Brasil e o Guaraná.

Ex. de uso: O Guaraná é uma *planta nativa* da Amazônia.

PLANTA RASTEIRA *s.f. / adj.* (plan-ta ras-tei-ra; plantas rasteiras)

1. São plantas que se desenvolvem no horizontal próximo ao solo; 2. A melancia é uma planta hortícola, herbácea, rasteira e trepadeira. Seus caules ou ramos são rastejantes, angulosos, pubescentes, estriados e apresentam gavinhas ramificadas.

Ex. de uso: A melancia é um fruto de *planta rasteira*.

PLANTIO DIRETO *s.m. / adj.* (plan-tio di-re-to; plantios diretos)

1. Plantio de sementes feito diretamente no solo sem precisar mudar de lugar; 2. Método de plantio que consiste em plantar as espécies sem fazer o revolvimento ou preparo do solo com utilização de máquinas pesadas, efetuando rotação de culturas e mantendo cobertura morta ou palha para proteção do solo.

Ex. de uso: O agricultor faz o *plantio direto* de hortaliças como cheiro-verde e salsa.

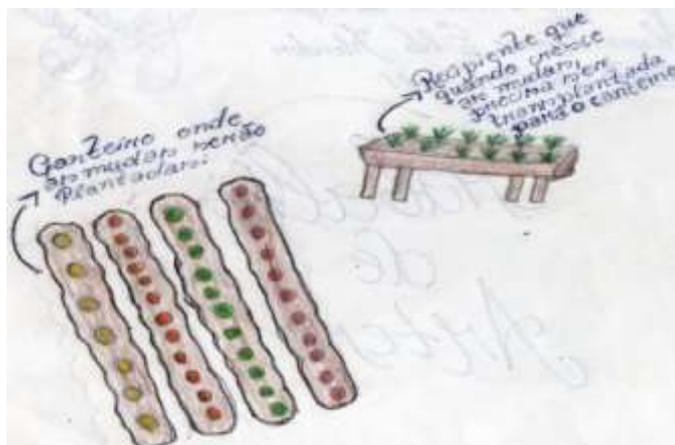
Informações adicionais: Os sistemas de plantio direto e cultivo mínimo é, hoje, uma tendência geral para todas as áreas agrícolas, agropecuárias e florestais, pois representam redução de custos e uma alternativa benéfica em termos de preservação e recuperação de ambientes.



PLANTIO INDIRETO *s.m. / adj.* (**plan**-tio in-di-**re**-to; **plantios** indiretos)

1. Plantio de sementes em recipientes ou saquinhos e quando germinam são transportadas para local definitivo.

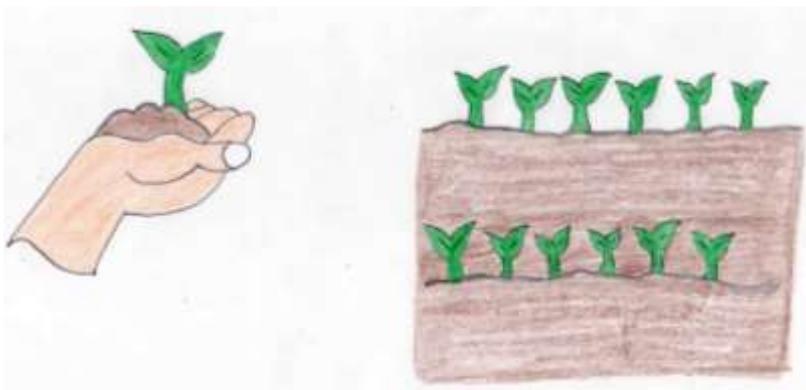
Ex. de uso: O *plantio indireto* é feito com mudas de cebolinha, couve, açaí e outros.



PLANTIO DE MUDA *s.m. / c.n.* (**plan**-tio de **mu**-da; **plantios** de mudas)

1. Plantação de mudas em sementeira ou local definitivo.

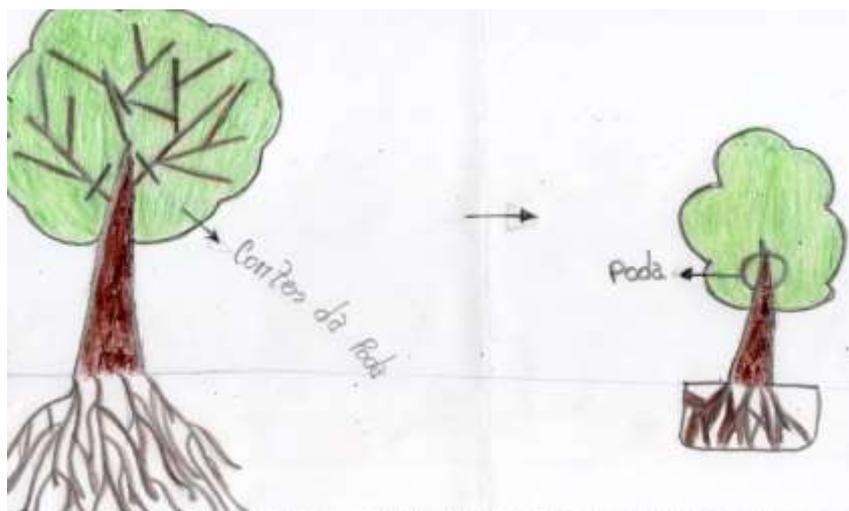
Ex. de uso: O produtor fez o plantio de mudas no viveiro. / O plantio das mudas foi feito em sementeira.



PODA *s.f.* (**po**-da; **podas**)

1. Retirada dos galhos improdutivos: mato, erva de passarinho; 2. Limpeza das plantas; 3. Operação agrícola realizada periodicamente com a função de retirar partes das plantas através do corte de ramos, da rama ou de braços inúteis de árvores, arbustos etc.; 4. Formar, tratar ou renovar a planta podendo ser artificial ou natural.

Ex. de uso: O agricultor fez o manejo e *poda* das plantas.



POLINIZAÇÃO s.f. (po-li-ni-za-ção; polinizações)

1. Ato da transferência de células reprodutivas masculinas através dos grãos de pólen que estão localizados nas anteras de uma flor, para o receptor feminino de outra flor, ou para o seu próprio estigma. Pode-se dar naturalmente através do vento, da água ou dos animais, esp. dos insetos, ou pode ser realizado intencionalmente pelo homem.

Ex. de uso: Entre os *polinizadores* mais importantes, destacam-se as abelhas.

POLPA s.f. (pol-pa; polpas)

1. Parte do fruto sem o caroço ou semente; 2. Massa do fruto extraída para receitas de sorvetes, cremes, doces e outros; 3. Substância carnuda e macia que reveste as sementes de alguns frutos, podendo ser extraída por processos químicos ou físicos para ser utilizada na produção de sucos, geleias e doces.

Ex. de uso: A *polpa* do cupuaçu foi retirada para a receita de doces.

POMAR s.m. (po-mar; pomares)

1. Espécie de canteiro de frutas; 2. Lavoura destinada ao cultivo de árvores frutíferas; 3. Local onde existe grande quantidade de árvores frutíferas; 4. Terreno de árvores frutíferas e geralmente o local onde elas são plantadas é um sítio ou em uma fazenda.

Ex. de uso: Os agricultores podem se dedicar apenas ao *pomar*, ou seja, plantio de frutas.

Sinônimo: pomeiro, verede

PRAGA s.m. (pra-ga; pragas)

1. Espécies de insetos que danificam o plantio; 2. Insetos, fungos ou outros animais ou vegetais nocivos a determinadas culturas. Muitas das pragas e doenças que

afetam as plantas são provenientes da ação destes organismos, porém, elas só são atacadas quando estão desequilibradas ou não estão sendo cultivadas corretamente.

Ex. de uso: A plantação de alface foi invadida por *pragas*.

PREPARO DA COVA *s.m. / c.n.* (pre-pa-ro da co-va; preparos das covas)

1. Abertura e adubação das covas para receber as mudas no solo.

Ex. de uso: O agricultor fez o *preparo das covas* no canteiro.

PREPARO DO SOLO *s.m. / c.n.* (pre-pa-ro do so-lo; preparos dos solos)

1. Mistura de adubo com areia espalhado pelo solo para receber as mudas.

Ex. de uso: O agricultor *preparou o solo* para a plantação.



PRODUTOR RURAL *s.m. / adj.* (pro-du-tor ru-ral; produtores rurais)

1. Indivíduo, proprietário ou não, que desenvolve em área urbana ou rural a atividade agropecuária (agrícola, pastoril ou hortifrutigranjeira), pesqueira ou silvicultural, bem como a extração de produtos primários, vegetais ou animais, em caráter permanente ou temporário, diretamente ou por intermédio de prepostos.

Ex. de uso: O *produtor rural* preparou sua área agrícola para o plantio de grãos.



PRODUÇÃO DE MUDA *s.f. / c.n.* (pro-du-ção de mu-da; produções de mudas)

1. Processo que se inicia desde a germinação da semente até a preparação e seleção das mudas para o plantio definitivo; 2. As mudas são colocadas em sacolas plásticas com adubo.

Ex. de uso: A produção de mudas foi acompanhada pelo agricultor.

**PROTEÍNA** *s.f.* (pro-te-í-na; proteínas)

1. Substância que exercem as mais diversas funções no organismo, participando inclusive da composição das células. Não existe nenhum processo biológico em que uma proteína não esteja envolvida; 2. Substância formada por um conjunto de aminoácidos ligados entre si através de ligações peptídicas. Os aminoácidos são moléculas formadas por carbono, hidrogênio, oxigênio.

Ex. de uso: Os alimentos são ricos em proteínas necessárias ao nosso organismo.

PULVERIZAÇÃO *s.f.* (pul-ve-ri-za-ção; pulverizações)

1. Ação ou efeito de pulverizar (reduzir a pó); 2. Ação de aspergir (alguma coisa) com líquido; 4. Pulverizar é distribuir uma substância líquida em pequenas partículas.

Ex. de uso: Os produtores rurais fizeram a pulverização do plantio por terra.

Informação adicional: Em agricultura, a pulverização geralmente é utilizada para distribuir produtos agroquímicos, nutrientes ou fertilizantes de uma maneira geral.

PULVERIZADOR *s.m.* (pul-ve-ri-za-dor; pulverizadores)

1. Instrumento utilizado para projetar matéria pulverizada ou espargir líquidos em gotas muito tênues; 2. Utilizado na agricultura para distribuir fertilizantes ou defensivos e na pecuária para o combate de infestações de diversos organismos.

Ex. de uso: O agricultor utilizou o pulverizador para fertilizar o plantio.

PUNHADO *s.m.* (pu-nha-do; punhados)

1. O que pode entrar na concavidade da mão; 2. Pequeno número, um pouco.

Ex. de uso: O agricultor segurou um punhado de grãos.



Q

QUEIMADA s.f. (quei-ma-da; queimadas)

1. É a utilização do fogo para eliminação de matos, árvores ou de culturas com a finalidade de colheita ou desocupação da terra para uma nova atividade; 2. Prática primitiva da agricultura, destinada principalmente à limpeza do terreno para o cultivo de plantações ou formação de pastos, com uso do fogo de forma controlada. O pequeno produtor queima a vegetação para preparar o local, ação que isenta os custos de mão de obra.

Ex. de uso: É preciso ter cuidado com as *queimadas* para não descontrolar e não prejudicar o meio ambiente.

QUINTAL s.m. (quin-tal; quintais)

1. Área ou terreiro localizado atrás ou laterais das casas; 2. Área livre que serve para o plantio e criação de aves.

Ex. de uso: No *quintal* de casa há muitas árvores frutíferas.

As famílias da zona rural preparam pequenas hortas em seu *quintal*.

R

RAIZ s.f. (ra-iz; raízes)

1. Parte da planta que dá sustentação para o seu desenvolvimento; 2. Porção do eixo das plantas superiores que cresce para baixo, em geral dentro do solo, e cuja função fundamental é fixar o organismo vegetal e retirar do substrato os nutrientes e a água necessários à vida da planta.

Ex. de uso: A *raiz* da mangueira é grande. / É pela *raiz* que a planta se sustenta.



RAMAL s.m. (ra-mal; ramais)

1. Referente à circuito secundário que desemboca numa canalização principal; 2. Ramificação de uma estrada ou de um caminho de ferro; 3. Desvios, meandros.

Ex. de uso: Na zona rural a localização é por *ramal*.

A escola Agrícola fica *no ramal* São João, no Aicaraú.

RASA s.f. (*ra-as*; *rasas*)

1. Espécie de peneiro feito de tala de guarumã; 2. Serve para medir a quantidade de açai.

Ex. de uso: O agricultor recolheu uma *rasa* de açai.

O agricultor teceu uma *rasa* de açai.



RECURSO NATURAL (*re-cur-só na-tu-ral*; *recursos naturais*)

1. Compreende tudo o que se encontra na natureza (no solo, subsolo, água e ar) e pode ser utilizado como alimento, energia ou matéria-prima para diversos fins.

Ex. de uso: A água é fonte de energia e um dos *recursos naturais* mais importantes à vida.

REGADOR s.m. (*re-ga-dor*; *regadores*)

1. Instrumento manual que serve para molhar, irrigar as plantas.

Ex. de uso: Vamos molhar as plantas com o *regador*.

REPICAGEM s.f. (*re-pi-ca-gem*; *repicagens*)

1. Transplante das mudas de uma sementeira ou do local de sementeira para os recipientes aonde irão se desenvolver até o plantio em local definitivo.

Ver Transplantio.

Ex. de uso: A *repicagem* das mudas foi realizada com cuidado para o solo.



RESINA s.f. (re-si-na; resinas)

1. Substância vegetal amorfa, geralmente inflamável, insolúvel em solventes orgânicos, segregada por certas árvores e plantas.

Ex. de uso: O agricultor está recolhendo a *resina* das plantas.

RIBEIRINHO s.m. (ri-bei-ri-nho; ribeirinhos)

1. Indivíduo que mora na beira do rio; 2. Pessoa que vive da pesca e alimentos da mata; 3. Povos ribeirinhos ou ribeirinho é o habitante tradicional das margens dos rios; 2. Ele tem a pesca artesanal como principal atividade de sobrevivência, mas cultivam também pequenos roçados para subsistência (consumo próprio).

Ex. de uso: Os *ribeirinhos* pescam com suas malhadeiras em pequenas canoas.

**RIPA** s.f. (ri-pa; ripas)

1. Tira de madeira que serve para sustentar as atracções do viveiro; 2. Peça de madeira comprido e estreito; fasquia, verga, sarrafo.

Ex. de uso: A *ripa* serve para a construção de viveiro, cercado, aviário e outros.

ROÇA s.f. (ro-ça; roças)

1. Local onde o produtor rural prepara e faz a plantação; 2. Área de um terreno onde existe uma pequena lavoura ou plantação; a zona rural ou o campo.

Ex. de uso: Os pequenos agricultores trabalham em suas *roças* para o sustento da família. / Na *roça* de meu avô tem muitas árvores frutas, ervas e verduras.

ROÇADORA s.f. (ro-ça-do-ra; roçadoras)

1. Máquina que serve para fazer a roçagem do plantio no canteiro; 2. máquina agrícola composta de uma ou mais facas, que corta e pica a massa vegetativa, seja ela, cobertura arbustiva, resto de cultura ou pastagem; 3. Máquina utilizada para o controle de ervas invasoras em culturas perenes, manejo de restos culturais e na renovação de pastagens, limpeza de parque, jardins e canteiros de estrada.

Ex. de uso: É preciso ter uma *roçadora* para manter o canteiro limpo.

ROÇAGEM *s.f.* (ro-ça-gem; roçagens)

1. Eliminação ou corte baixo de mato ou erva daninha.

Ex. de uso: O produtor fez a *roçagem* no pé da planta.

ROTAÇÃO DE CULTURA *s.f. / c.n.* (ro-ta-ção de cul-tu-ra; rotações de culturas)

1. Mudança de variedade de hortaliças; 2. Usa-se para evitar o ataque de pragas e doenças no plantio.

Ex. de uso: O agricultor faz a *rotação de cultura* como preservação das hortaliças.

RURAL *adj.* (ru-ral; rurais)

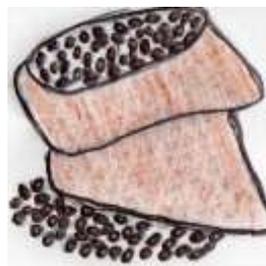
1. Refere-se ao que é distante da cidade e que se localiza no interior: zona rural de uma cidade; 2. pertencente ou relativo, ou próprio do campo; rústico, campeiro, campesino, camponês, agreste.

Ex. de uso: Os agricultores moram na zona *rural*./ A escola localiza-se na *zona rural*.

S**SACA DE SARRAPILHEIRA** *s.f. / c.n.* (sa-ca de sar-ra-pi-lhei-ra; sacas de sarrapilheiras)

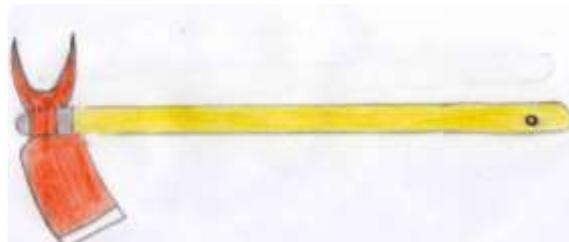
1. Saco grande, feito de fibras naturais ou sintéticas, utilizado como embalagem para vários produtos agrícolas como açúcar, café, milho, feijão, soja etc. (2) conteúdo de uma saca, que para certos produtos (como milho, café, trigo etc.) equivale a 60kg.

Ex. de uso: Em *sacas de sarrapilheiras* os grãos são armazenados.

**SACHO** *s.m.* (sa-cho; sachos)

1. Instrumento para fazer poda em palmeiras e corte de cacho de dendê; 2. Instrumento agrícola de metal, ferro ou aço, com cabo longo semelhante a uma enxada estreita e longa, em dimensões e peso bem menores. Em uma das extremidades, tem uma orelha pontiaguda ou bifurcada. Na outra, uma pequena enxada. Muito utilizado em atividades de jardinagem, hortas e viveiro de mudas.

Ex. de uso: O agricultor usou o *sacho* para podar as palmeiras.



SACO PARA MUDA *s.m. / c.n.* (sa-co pa-ra mu-da; sacos para mudas)

1. Saco de plástico, perfurado para receber o adubo e a muda de planta; 2. Recipiente que abriga a muda para o crescimento da planta até ser transplantada para local definitivo.

Ex. de uso: Em sacos foram plantadas as sementes. / Os saquinhos com as mudas foram reservados na sementeira.



SAFRA *s.f.* (sa-fra; safras)

1. Produção agrícola de um ano; 2. Resultado da colheita; 3. Época do ano em que normalmente se vende grãos, gado gordo e outros produtos agrícolas.

Ex. de uso: Nesta safra os agricultores venderam todos os seus produtos.

SEIVA *s.f.* (sei-va; seivas)

1. Solução aquosa composta de água e várias substâncias nutritivas, que as raízes retiram do solo e que circula através do sistema vascular do vegetal; 2. A seiva pode ser usada como combustível, remédio, verniz vegetal, polimento e impermeabilizador de canoa (seiva da árvore do jatobá).

Ex. de uso: A seiva das árvores pode ser extraída para medicamento caseiro.



SEMEADURA s.f. (se-me-a-du-ra; **semeaduras**)

1. Processo em que se coloca a semente na terra preparada; 2. Quando se planta; 3. Manejo que consiste em colocar sementes no solo ou em recipientes para que germinem e formem plantas. No solo, as sementes podem ser colocadas a lanço ou dispostas nas linhas ou em covas.

Ex. de uso: O agricultor está fazendo a *semeadura* do plantio.

**SEMENTE** s.f. (se-men-te; **sementes**)

1. Grãos de hortaliça, leguminosa, frutos que servem para germinar; 2. Célula capaz de gerar uma planta de sua espécie; 3. *Óvulo (ovo fecundado) maduro e desenvolvido que conduz o embrião e está incluído no fruto; 4. Recipiente em que o embrião pode permanecer em estado de vida latente durante longo período.

Ex. de uso: O produtor comprou *sementes* de salsinha.

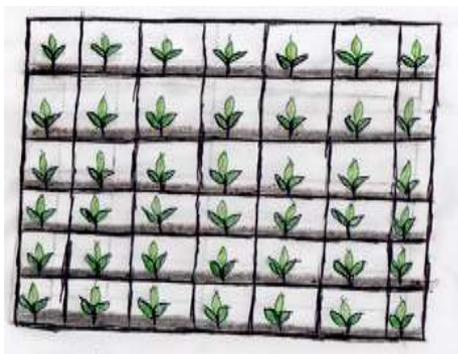
As *sementes* foram plantadas na bandeja de semeadura.

**SEMENTEIRA** s.f. (se-men-tei-ra; **sementeiras**)

1. Local onde são depositadas as sementes com objetivo de germinação e posteriormente transplante; 2. Podem ser canteiros ou tabuleiros dispostos em locais

especiais que facilitem a germinação como aeração, luminosidade, umidade, isolamento, proteção contra-ataque de insetos, pássaros e outros animais.

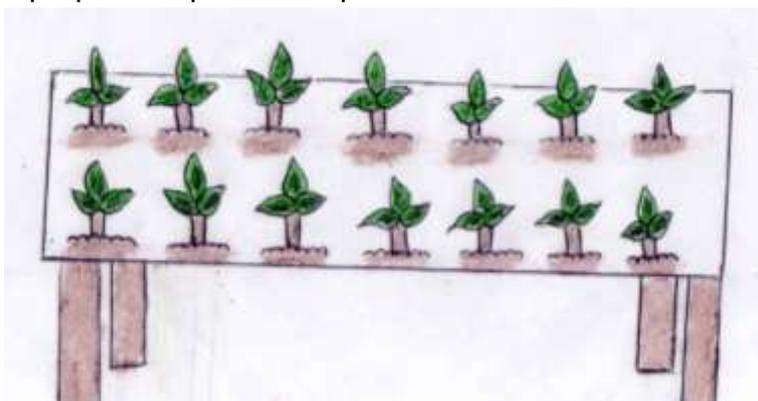
Ex. de uso: As mudas de cheiro-verde foram colocadas primeiramente na *sementeira*.



SEMENTEIRA SUSPensa *s.f. / adj.* (se-men-tei-ra sus-pen-sa; **sementeiras suspensas**)

1. Espécie de pequeno canteiro preparado para receber os saquinhos de mudas; 2. Feita de madeira, isopor ou cuba de ovo; 3. Localizada no chão ou suspensa.

Ex. de uso: O agricultor construiu uma *sementeira* próximo ao canteiro. / A *sementeira* foi dividida em pequenos quadrados para receber as mudas.



SERINGUEIRA *s.f.* (se-rin-guei-ra; **seringueiras**)

1. Árvore de folhas compostas, flores pequeninas, reunidas em amplas panículas; 2. Fruto que é uma grande cápsula com sementes ricas em óleo, e madeira branca e leve, de cujo látex se fabrica a borracha e outros produtos; conhecida pelo nome de: árvore-da-borracha.

Ex. de uso: A *seringueira* é considerada uma espécie de árvore rara na floresta.



SERRAGEM s.f. (ser-ra-gem; serragens)

1. Restos ou fuligem de madeira que serve como adubo quando misturado com terra preparada.

Ex. de uso: A *serragem* serve para proteger a planta da água da chuva ou de irrigação.

SISTEMA DE COLETA ROTATIVA s.m. / c.n. (sis-te-ma de co-le-ta ro-ta-ti-va; sistemas de coletas rotativas)

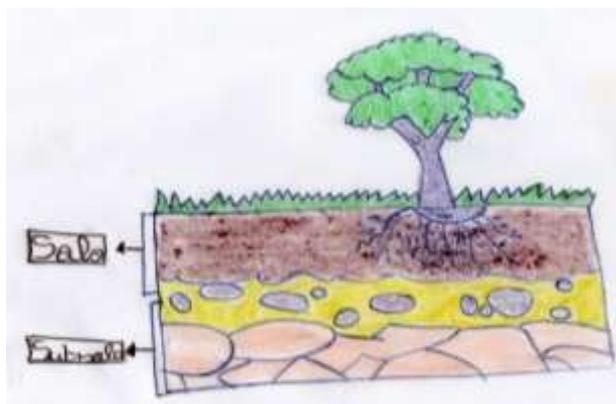
1. Exclusão de uma parte da área coletada em cada ano para facilitar a regeneração natural das palmeiras e a preservação da fauna que se alimenta dos frutos, por exemplo: tucumã-do-amazonas.

Ex. de uso: Todo ano é feito o *sistema de coleta rotativo* para a regeneração das palmeiras.

SOLO s.m. (so-lo; solos)

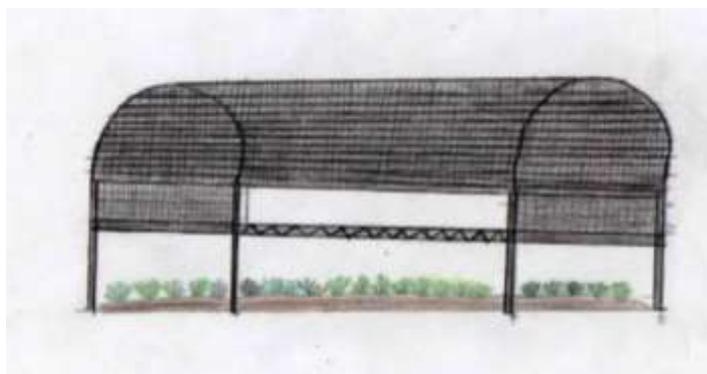
1. Formação natural superficial, de pouca rigidez, com espessura variável e composta de minerais, matéria orgânica, nutrientes, água, ar e seres vivos que possibilita o desenvolvimento das plantas.

Ex. de uso: O *solo* possui seus próprios nutrientes para o bom plantio, desde que o homem não altere.

**SOMBRITE** s.m. (som-bri-te; sombrites)

1. Cobertura do viveiro com plástico escuro que serve de proteção para o plantio; 2. Espécie de proteção que reduz o impacto da chuva e incidência da luz solar.

Ex. de uso: O *sombrite* é uma proteção importante para o bom desenvolvimento da planta.



SUBSTRATO *s.m.* (subs-**tra**-to; **substratos**)

1. Qualquer material que contém nutriente e que serve de base para o desenvolvimento de um organismo; 2. A composição do substrato pode reunir: húmus, areia, casca etc, materiais que possuam boa absorção e facilidade de drenagem da água. 3. Na jardinagem, substrato é todo material utilizado como meio de germinação e cultivo de plantas.

Ex.de uso: O *substrato* é a base da mistura do adubo para a boa plantação.

**SULCO** *s.m.* (**sul**-co; **sulcos**)

1. Vala pequena feita por implemento agrícola para plantio de mudas ou sementes; 2. Fenda relativamente superficial causada por erosão; 3. Método de irrigação que consiste na construção de sulco para passagem da água; 4. Falha deixada na terra pela pá do arado (ferramenta agrícola).

Ex.de uso: A terra está pronta para ser semeada após terem sido cavados os *sulcos*.

SUSTENTABILIDADE *s.f.* (sus-ten-ta-bi-li-da-de; **sustentabilidades**)

1. Utilizar os recursos naturais para o sustento sem agredir o meio ambiente, preservando as fontes naturais para as gerações futuras; 2. É a qualidade que tem um sistema de manter seu estado atual durante um período de tempo indefinido, devido à utilização racional dos recursos energéticos e a forma como eles são repostos neste sistema.

Ex. de uso: Devemos consumir somente o necessário com respeito aos valores da terra para que nunca nos falte – isso é *Sustentabilidade!*



T

TÁBUA s.f. (tá-bu-a; tábuas)

1. Tiras largas de madeira que servem na área rural para a construção de casas, viveiros, sementeira e outros; 2. Madeira utilizada para a construção de andaimes e de peças decorativas, como prateleiras e estantes; 3. As tábuas também são essenciais para algumas etapas da obra. A peça é fundamental na montagem de andaimes, já que ela funciona como “tampo” dessa plataforma, que serve de apoio para tintas, ferramentas e outros materiais.

Ex. de uso: Para preparar o viveiro o agricultor precisou de duas dúzias de *tábuas*.

TAPIOCA s.f. (ta-pi-o-ca; tapiocas)

1. Espécie de farinha alimentícia que se extrai da mandioca, o mesmo que goma seca; 2. Tapioca ou goma é a fécula extraída da mandioca, usualmente preparada em forma granulada; 2. Ingrediente principal de algumas iguarias típicas do Brasil, como o beiju, quitute indígena descoberto pelos portugueses. O beiju feito com tapioca, especialmente o que tem recheio de coco ralado, também é chamado de "tapioca".

Ex. de uso: A tapioca com manteiga é saborosa no café da manhã.

Variação lexical: beiju

TELA DE PROTEÇÃO s.f. / c.n. (te-la de pro-te-ção); telas de proteções)

1. Espécie de rede de proteção; rede de andaimes, redes de construção; 2. Utilizada em vários segmentos agrícolas como em proteção de aves; .3. Há vários tipos de telas: de sombreamento ou sombrite, mosquiteira, para cerca, para galinheiro, plásticas, de segurança, para tapume (para ação da chuva, sol e vento), redinha de proteção (para embalagem), tela para agricultura (usada na cobertura de estrutura: viveiro, estufas e outros).

Ex. de uso: O agricultor utilizou a *tela de proteção* na cobertura do viveiro.

Informação adicional: A Tela para Agricultura fornece proteção para as plantas mantidas no microambiente controlado. As telas para agricultura também protegem o cultivo das más condições meteorológicas.

TESOURA DE PODA s.f. / c.n. (te-sou-ra de po-da; tesouras de podas)

1. Instrumento que serve para podar os galhos improdutivos das plantas para o seu bom desenvolvimento; 2. Serve para podar galhos e formação da muda.

Ex. de uso: O agricultor utilizou a *tesoura de poda* para a retirada de galhos e folhas improdutivos.

TERÇADO s.m. (ter-ça-do; terçados)

1. Ferramenta que serve para cortar o mato, galhos e outra vegetação improdutiva no plantio; 2. É uma ferramenta de desbaste e cortes pequenos; 3. Designação de facão.

Ex. de uso: Com o *terçado* o produtor roçou o mato que já estava grande.

TERREIRO *s.m.* (ter-rei-ro; **terreiros**)

1. Área limpa que serve para o plantio ou criação de animais; 2. Espécie de quintal ou área ao redor da casa. Muito típico em zona rural.

Ex. de uso: Joguei milho para as galinhas no *terreiro*.

TIPITI *s.m.* (ti-pi-ti; **tipitis**)

1. Utensílio que consiste numa espécie de cesto cilíndrico extensível, feito de palha, com uma abertura na parte superior e duas alças, usado entre os povos indígenas brasileiros para extrair, por pressão, o ácido hidrocianico da mandioca brava.

Ex. de uso: O *tipiti* foi confeccionado com palha pelo artesão.

O *tipiti* é muito usado na zona rural para a extração do tucupi.

TOCO *s.m.* (to-co; **tocos**)

1. Árvore cortada próximo à raiz; 2. Peça de madeira sem utilidade; 3. Resto de madeira afincada no solo.

Ex. de uso: O agricultor arrancou os *tocos* da área para a plantação.

TOPOGRAFIA DO TERRENO *s.f. / c.n.* (to-po-gra-fia do ter-re-no; **topografias dos terrenos**)

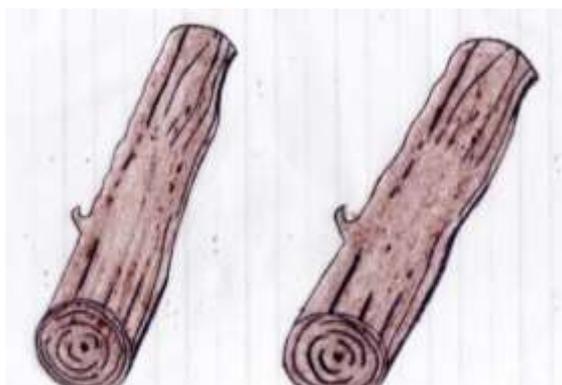
1. Análise das condições do terreno para o plantio: alto, baixo etc.; 2. Representação gráfica dos elementos que caracterizam o terreno (distâncias, relevo, formas, pontos de referência etc.).

Ex. de uso: O agricultor solicitou a *topografia do terreno* antes do plantio.

TORA DE MADEIRA *s.f./ c.n.* (to-ra de ma-dei-ra; **toras de madeiras**)

1. Peça de madeira proveniente de uma árvore, serrada com ou sem casca, porém livre de ramos e galhos.

Ex. de uso: Foram recolhidas as *toras de madeiras* para confecção de mesa e bancos.



TOUCEIRA *s.f.* (tou-**cei**-ra; **touceiras**)

1. Grande touça; 2. Conjunto de plantas da mesma espécie que nascem muito próximas entre si, formando um tufo espesso; também pode ser constituído pelos diversos eixos de uma única planta; 3. Parte da árvore cujo caule foi cortado e que fica viva no solo; 4. Conjunto dos rebentos de uma planta.

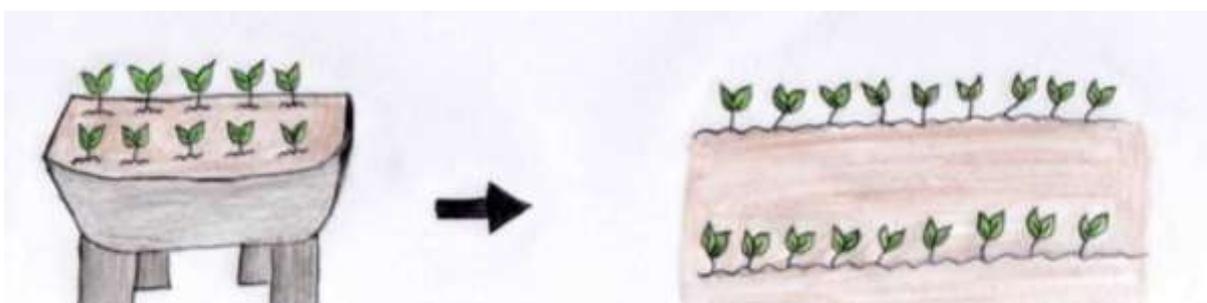
Ex. de uso: A *touceira* é o arranjo de plantas da mesma espécie.

Sinônimo: moita, tufo, cepa.

**TRANSPLANTIO** *s.m.* (trans-plan-tio; **transplantios**)

1. Retirada e transporte das mudas da sementeira para o local definitivo no solo.

Ex. de uso: O *transplântio* das mudas foi feito com cuidado para crescerem no solo.

**TRATAMENTO DO SOLO** *s.m. / c.n.* (tra-ta-**men**-to do **so**-lo; **tratamentos dos solos**)

1. Espécie de manejo do solo. 2. Cuidado e preparo do solo. Existem diversas formas de cultivo na prática da agricultura: plantio direto, rotação de culturas, curvas de nível e afolhamento;

Ex. de uso: A *tratamento do solo* é fundamental para o bem-estar e sobrevivência do planeta.

Informação adicional: Essa diversidade de técnicas existe em razão dos diferentes fins, ora os agricultores priorizam a produtividade, ora priorizam a conservação dos solos.



TRATO CULTURAL *s.m. / adj.* (tra-to cul-tu-ral; **tratos culturais**)

1. Cuidados com as plantas (capina, adubação, irrigação, poda etc).

Ex. de uso: Para o bom desenvolvimento do plantio é preciso o *trato cultural*.



TRATOR *s.m.* (tra-tor; **tratores**)

1. Equipamento muito utilizado na agricultura que serve para o preparo, arado, manejo da terra; 2. máquina autopropelida montada sobre esteiras ou rodas, projetada para fornecer potência para tracionar, empurrar, acionar e transportar máquinas e implementos de arrastos ou montados; 3. Trator agrícola – trator de esteira ou de rodas utilizado em várias etapas do processo de produção agrícola, principalmente para auxiliar no transporte de produtos e arraste de implementos como roçadeiras, plantadeiras, pulverizadores, colheitadeiras etc.

Ex. de uso: Na área agrícola, o *trator* é um equipamento necessário para preparar a terra e auxiliar no transporte de produtos.

TRILHA ECOLÓGICA *s.f. / adj.* (**tri**-lha e-co-ló-gi-ca; **trilhas ecológicas**)

1. Caminho na mata em que se percorre a pé para conhecer as espécies da fauna e da flora; 2. Percurso dividido em estações e que serve tanto para turismo como para múltiplas aprendizagens.

Ex. de uso: Próximo à escola há uma *trilha ecológica*!

Na *trilha ecológica* desbravamos belas histórias e riquezas.

TUTORAMENTO s.m. (tu-to-ra-men-to; tutoramentos)

1. Suporte de madeira eu serve de sustento para determinadas plantas de caule frágil como: pimenta do reino, maracujá, tomate e outros.

Ex. de uso: Para o desenvolvimento do tomate e pimentão foi preciso fazer o *tutoramento*.



U

URUCUM s.m. (u-ru-cum; urucuns)

1. Urucum ou urucu – substância natural utilizada como corante e/ou condimento, extraída da polpa do fruto do urucuzeiro, de coloração alaranjada muito viva; 2. Substância utilizada como corante para pintura na pele.

Ex. de uso: O *urucum* é utilizado como ingrediente no preparo da comida.



V

VARIEDADE *s.f.* (va-ri-e-da-de; variedades)

1. Diversas plantas da mesma família que se adaptam no plantio; 2. Grupo de plantas ou animais que se distinguem de outras da mesma espécie por caracteres particulares que transmitem às gerações seguintes e que podem constituir uma casta ou cultivar (plantas) ou uma raça (animal).

Ex. de uso: No viveiro há uma *variedade* de culturas de foram plantadas.

VASILHA *s.f.* (va-si-lha; vasilhas)

1. Recipiente que serve para colocar semente, caroço, alimento; 2. Expressão usada na região amazônica e zona rural.

Ex. de uso: Traz a *vasilha* para colocar o mingau de miriti.

VEGETAÇÃO *s.f.* (ve-ge-ta-ção; vegetações)

1. Conjunto de vegetais que ocupam uma determinada área; 2. Quantidade total de plantas e partes vegetais como folhas, caules e frutos que integram a cobertura vegetal da superfície de determinada área geográfica.

Ex. de uso: Na zona rural, a *vegetação* é predominante e a vida é mais saudável.

VERDURA *s.f.* (ver-du-ra; verduras)

1. Designação genérica dada às hortaliças, cujas partes comestíveis são folhas, flores, botões ou hastes.

Ex. de uso: As *verduras* como couve, caruru, brócolis são benéficos à nossa saúde.

VINHO *s.m.* (vi-nho; vinhos)

1. Suco do fruto quando foi amassado, batido e resultou no vinho do açaí, vinho do taperebá e outros; 2. Termo usado na zona rural para se referir ao suco extraído das frutas.

Ex. de uso: O vinho do açaí é delicioso! / Vamos provar o vinho do cupuaçu.

VIVEIRO *s.m.* (vi-vei-ro; viveiros)

1. Superfície onde se cultivam plantas ou partes de plantas que se destinam a serem transplantadas; 2. Local constituído para reproduzir e criar plantas e animais, ficando nele até seu transporte para locais onde irão se desenvolver.

Ex. de uso: As mudas de hortaliças foram plantadas no *viveiro*.

Z

ZONA RURAL *s.f. / adj.* (**zo**-na-ru-**ral**; **zonas rurais**)

1. Área localizada distante do centro da cidade; 2. Concentração de pequenas comunidades que, geralmente, vivem da agricultura familiar (horta, canteiro, viveiro); da pesca, do artesanato etc.

Ex. de uso: Nossa escola fica localizada na *zona rural*.

Na *zona rural* aprendemos a mexer com a terra e a valorizar a natureza.

ZOOTECNIA *s.f.* (zoo-tec-**nia**; **zootecnia**s)

1. Ciência que estuda os métodos de aperfeiçoamento dos processos de criação de animais como manejo, alimentação e adaptação ao meio ambiente.

Ex. de uso: A Zootecnica ensina a criar os animais.

REFERÊNCIA DO GLOSSÁRIO

GUSMÃO, Sérgio Antonio Lopes de; SAMPAIO, Italo Marlone Gomes. **Cartilha do Produtor Rural**: Produção de hortaliças em Sistema Orgânico de Cultivo. Belém: UFRA, 2014.

MEDINA, Gabriel; SHANLEY, Patrícia. **Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica**. Belém: CIFOR/Imazon, 2005.

ORMOND, José Geraldo Pacheco. **Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais**. 3ª ed., revista e atualizada. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2006.

SEMAGRI – Secretaria Municipal de Agricultura. Barcarena/PA.

SITES CONSULTADOS

https://curapelasplantas.com.br/planta_medicinal/escada-de-jaboti/

blog.datacoper.com.br/cooperativas-agricolas-o-que-sao-e-como-funcionam/

www.webartigos.com/artigos/entressafra-safra-ou-safrinha/27252

<https://www.todabiologia.com/botanica/flor.htm>

<https://www.infoescola.com/plantas/folhas/>

<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/>

<https://www.brasildefato.com.br/2018/07/18/jambu-conheca-os-beneficios-da-erva->

<https://www.canalagricola.com.br/jerimum-abobora>

www.greenme.com.br/viver/saude-e-bem-estar/4278-jerimum-abobora-

<https://www.alimentacaolegal.com.br/macaxeira-ou-mandioca.html>

<https://www.dicionariofinanceiro.com/o-que-e-materia-prima/>

<http://agriculturaifbaianocatu.blogspot.com/2012/11/o-que-e-olericultura.html>

<https://www.embrapa.br/rondonia/busca-de-imagens/-/midia/975001/ourico-de-brasil>

<https://paneiro.blogspot.com/2010/10/o-que-e-um-paneiro.html>

<https://www.dcorevoce.com.br/plantas-rasteiras/>

<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-polinizacao.htm>

<http://www.sistemaemg.org.br> – produtor rural

<https://blog.jacto.com.br/pulverizador-agricola-tudo-o-que-voce-precisa-saber/>

<https://www.significados.com.br/substrato/>

<https://www.momentoagrodobrasil.com.br/tela-de-protecao/>

<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/cultivo-conservacao-solo.htm>

<https://inquima.com.br/10-praticas-sustentaveis-na-agricultura-para-preservacao-e-conservacao-do-solo-e-do-meio-ambiente/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita tem sido desafiador no contexto escolar, bem como tema de reflexão e discussão nos cursos acadêmicos. O Profletras, programa que tem promovido novos saberes e experiências acerca do ensino de língua portuguesa, é um exemplo de iniciativa, uma vez que propicia entre os profissionais de letras, a interação e integração dos conhecimentos e de práticas de linguagem em situação de uso da língua, especificamente, no contexto escolar.

Por estas perspectivas de ensino, o presente trabalho foi desenvolvido em torno das dificuldades encontradas em sala de aula, sobretudo, nos textos escritos dos alunos do sexto ano, do ensino fundamental da Escola de Campo. Para tanto, os estudos fundamentados nas teorias e nas experiências das disciplinas e dos trabalhos elaborados no Profletras foram relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

É imprescindível, pois, que o professor, em sala de aula, atente para as várias situações realizadas no processo de ensino de língua e linguagem, a fim de garantir ao aluno, a liberdade de ele contribuir com o próprio processo do conhecimento. Com esse propósito, a pesquisa foi produzida com a participação dos alunos na produção da escuta, da oralidade, da leitura e, principalmente, da escrita de textos.

A pesquisa objetivou, inicialmente, descrever as dificuldades de escrita nos textos dos alunos, dentre os quais foram identificados casos de inferência da fala na escrita (nasalização, monotongação, apagamento); de dificuldades inerentes à escrita (hipossegmentação, hipersegmentação; ortografia); de pontuações, coesão e coerência. Posteriormente, o levantamento desses problemas nos textos dos alunos, serviram para aplicar estratégias de intervenção e mediar o processo de escrita de outras produções de textos, sobretudo, o gênero Verbetes.

Dessa maneira, esta pesquisa-ação teve seu percurso na construção de textos desenvolvidos pelos alunos a partir de aulas práticas nas áreas agrícolas da escola, as quais proporcionaram a aquisição de conhecimentos específicos dos processos e termos empregados no contexto agrícola que, conseqüentemente, foram registrados em fichas catalográficas, organizadas e transferidas para a elaboração de verbetes. Para tanto, contou-se com a colaboração de especialistas da área agrícola, professor técnico e produtor rural, os quais contribuíram para as explicações, demonstrações e ensino dos processos específicos.

Alinhada às abordagens teóricas que embasaram esta pesquisa, foi possível também compreender a importância de instrumentalizar os alunos durante as aulas de língua portuguesa, a fim de que eles se apropriassem dos recursos da língua e empregassem adequadamente em seus textos discursivos. Nesse sentido, vale ratificar Thiollent (2011, p. 21), quando afirma que em uma pesquisa-ação “os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”. Desse modo, é preciso que o professor pesquisador permita que as pessoas implicadas em situação-problemas possam participar, criar, recriar, construir, isto é, sintam-se inseridos no processo de aprendizagem.

Além do mais, o professor conduz, mas não controla tudo; ele aprende também; e o aluno, por sua vez, não é passivo, mas sujeito do processo. Nisto, pode-se reiterar que, o professor precisa saber das dificuldades do aluno para ajudá-lo, ser sensível em não só observar os problemas, porém, junto com o aluno, construir experiências de ensino e aprendizagem.

Por essas concepções e pelas descrições dos problemas de escrita nos textos dos alunos, a pesquisa se desenvolveu tomando o passo principal, que diz respeito à Intervenção, a qual se processou ao longo da pesquisa e teve destaque durante as atividades que contribuíram para a elaboração de verbetes. Dentre as atividades, cita-se: aulas práticas no canteiro; aulas expositivas interdisciplinar com criação de listas de termos e processo de produção textual; as quais seguiram as etapas de planejamento, execução, revisão, reescrita e avaliação dos textos. Nesse percurso, percebeu-se por parte do aluno mais autonomia, monitoramento da escrita e interesse pela criação textual. Ademais, as aulas planejadas, objetivas e conscientes, permitem aos alunos, em sala de aula ou em outro espaço escolar, construir linguagem, verbalizar suas intenções discursivas e ampliar seus conhecimentos.

Vale ressaltar que a pesquisa não apresentou apenas uma proposta, contudo realizou a experiência de intervenção, visto que, após as produções de textos desenvolvidos e os dados coletados, foi organizada a construção do glossário dos termos e atividades agrícolas, como culminância da etapa de Intervenção. Este

glossário, é o ponto mais relevante do processo de produção, pois, para sua elaboração, pensou-se, primeiramente, na realidade peculiar das comunidades camponesas, no cotidiano dos alunos, que sobrevivem da terra e precisam entender e expressar os valores daquelas terras distantes que brotam os sonhos e o sustento das famílias. Portanto, por meio do conhecimento da língua, os textos produzidos podem dar voz aos saberes que cada um possui. Assim, as atividades como: as listas de termos, reconto de histórias, receitas de remédios caseiros e atividades práticas em canteiros, deram suporte à criação de verbetes, os quais foram organizados a partir de fichas catalográficas e resultaram em um glossário composto por 301 termos agrícolas.

Ademais, ao longo do processo de produção textual das etapas relatadas, surgiram os desenhos produzidos pelos alunos para ilustrar os termos coletados. Tal iniciativa, comprovou a autonomia; a criação e a construção de conhecimentos por parte dos alunos. Com efeito, isso demonstra que a aquisição do saber não acontece só na fala ou na escrita, mas também a partir do conhecimento, que se legitima de diferentes formas; se amplia no processo de aprendizagem, uma vez que se permite ao outro conhecer e usar suas habilidades de diversas maneiras de criação.

Outro fator de suma importância se realizou no percurso desta pesquisa: a interdisciplinaridade. Pois, as aulas de língua portuguesa ocorreram também com as aulas das disciplinas específicas e técnicas agrícolas, já que era comum o acesso ao canteiro, viveiro, hortas suspensas, aviário, sistema de hidroponia, dentre outros espaços. A integração entre professores e alunos nestes locais e sala de aula tornou-se, portanto, uma prática cotidiana. De modo que, falar das práticas de cultivos e realizá-las; explicar os processos de plantio e os termos utilizados tornou-se uma troca de conhecimentos na escola.

Pelo exposto, comprovou-se que os objetivos propostos foram alcançados ao longo das etapas da pesquisa, com contribuições que enriqueceram o trabalho, por exemplo, as ilustrações do glossário, pois, a língua não é uma criação do gramático

ou do linguista, mas do ser humano. Logo, pela língua, o conhecimento se amplia e torna real as formas de conceptualizar as coisas no mundo.

O presente estudo de pesquisa, portanto, se ocupou em realizar experiências didático-pedagógicas e, que, estas possam contribuir nas práticas de outras salas de aulas. Assim, que as reflexões e intervenções em torno das produções de textos escritos possibilitem aos alunos, a criação de seus próprios textos, pois a escrita é funcional e a língua dinâmica. Há ainda outras propostas possíveis de serem realizadas e que não foi possível contemplar nesta pesquisa como: (i) montar uma cartilha com os passos do processo de produção textual para o professor usar nas aulas de linguagem; (ii) demonstrar com a construção de verbetes o ensino da morfossintaxe e semântica; (iii) fazer análise do léxico especializado do glossário; (iv) elaborar um caderno de atividades a partir dos termos agrícolas, contemplando os aspectos gramaticais como ortografia, pontuações, separação silábica e outros; (v) criar fichas catalográficas com as características estruturais do glossário: aspectos macroestruturais e microestruturais.

Sem a língua não há conhecimento. Assim, indubitavelmente, por meio da língua, o conhecimento se expande por todas as áreas. Com efeito, as estratégias de produção de textos escritos e do léxico especializado dos termos agrícolas possibilitaram aos alunos e professores experiências de aprendizagem; de desenvolvimento do repertório linguístico e da participação ativa e autônoma nas práticas de ensino da língua portuguesa em sala de aula e em outros contextos educacionais.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. 5ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- _____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula**. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- _____. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CARNEIRO, M. A. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo**. 18ª ed., atualizada e ampliada. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (Orgs.) **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FAYOL, Miguel. **Aquisição da escrita**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- FINATTO, Maria José Bocorny. **Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação**. Porto Alegre, 2001. Tese (Doutorado) - UFRGS.
- MEDINA, Gabriel; SHANLEY, Patrícia. **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica (manual)**. Belém: CIFOR/Imazon, 2005.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

LIMA, Alcides Fernandes de. **O universo humano é o universo da linguagem**. In: RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides Fernandes de (Orgs.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2017, pp. 283-313.

LIMA, Alcides Fernandes de. **Socioterminologia da indústria madeireira**. 2010. 387 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6101/1/2010_tese_AFLima.pdf>. Acesso em 06 fevereiro 2017.

LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; RAZKY, Abdelhak (Orgs.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes, 2017.

MENEGASSI, R. J. **O processo de produção textual**. In: SANTOS, A. R. dos; GRECO, E. A.; GUIMARÃES, T. B. (Orgs.). **A produção textual e o ensino**. Maringá, EDUEM, 2010. p. 75-102.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. **Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo**. Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia (FACET). Abaetetuba-PA: Universidade Federal do Pará, 2009.

SILVA, João Batista Poça. **Experiências lexicológicas em sala de aula: construindo glossários com alunos do ensino fundamental**. 2018. 184 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFPA) – Universidade Federal do Pará, 2018.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. 4ª reimpressão São Paulo: Cortez, 2011.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CARVALHO, N. M. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

FERNANDES, Márcia; ESPESCHIT, Rita. Fala Brasil. **Dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Orgs.). **Aprender e ensinar com textos dos alunos**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; OLIVEIRA, Rejane Garcez; RAZKY, Abdelhak (Orgs.). **Estudos Geossociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: EDUFMA, 2014.

_____. **Da revisão à reescrita: operações linguísticas sugeridas e atendidas na construção do texto**. Mimesis, Bauru, v. 22, n. 1, p. 49-68, 2001.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, I. A.; FRANÇA, M. P. S. A.; SANTOS, T. R. L. (Orgs.) **Educação em classes multisseriadas na Amazônia: singularidade, diversidade e heterogeneidade**. v. 1. Belém: EDUEPA, 2011.

ANEXO A

Produção do Gênero: RELATO PESSOAL

Vou contar um pouco da minha história, eu tenho uma irmã de 4 anos ela estuda, na escola tia zita de vó também uma irmã de 4 anos III estuda, minha mãe estuda no mesário meu pai trabalha com migo III mora em outro lugar, III foi em Belo Horizonte eu tinha 4 anos, eu gosto de ler e escrever, gosto também de ler música, eu mora no C. D. I onde tem muito coisas legal, minha brincadeira preferida é pula corda.

6FR1

Eu Tenho 12 Anos moro com meus pais e meus dois irmãos, moro no Ramal da Escola Agrícola (Sitarau). Eu gosto de brincar me divertir com meus amigos e família, também estudo. O lugar onde moro é legal tem duas Escola perto, Casas, Igreja, Igarapés, um campo de futebol de casa. Eu também gosto muito de jogar futebol, anda pela Rua, anda de Bicicleta, de ir para praia, anda de moto. Eu gosto também de fazer amizade, ter muitos amigos, para conversar, brincar, estudar etc. Essa é a minha História.

6FR5

Eu gosto de brincar com meus amigos, de jogar futebol, de tomar banho no igarapé. De brincar ir pra casa da minha avó. Eu moro no C. D. I, é um lugar onde tem rioto, igarapé, viveiros de açaíeira de castanheira. Aqui é um lugar legal. Meu pai tem uma horta onde ele trabalha com minha avó e meu avô. Nós vamos pra igreja. Eu tenho 14 anos e eu estudo na escola Agrícola aqui eu eu estudo, eu brinco, aqui eu brincando, eu almoço, aqui tem plantações de Cheiro-verde, de couve, alface, cebolinha, de manaculã, de abacaxi, de banana, e açaí.

6MR2

ANEXO B

Produção do Gênero: CONVITE

Querida michel venha visitar a trilha por que
 ela é muito legal tem muita coisa pra ver
 tem sia tem plantação de café, tem plantação
 de açaí tem muitas coisas pra ver
 tem árvores muito venha visitar trou

6MC2

Caro amigo Cleto venha a trilha, destete
 convidar para conhecer uma trilha
 ecológica, existente em minha
 escola. Esta trilha, é um pouco grande,
 nela tem castanheiras, uma no chão e
 duas em pé, muitos pés de cafezeiro,
 temos alguns pés de açaizeiro, sama
 umbira, e um igarapé.

6MC3

Ola meu amigo. Anderson lute passo um pi
 dido você gostaria de conhecer. A trilha, ecológica
 da escola, se você quiser vê-la, convido
 a fazer a natureza, a trilha tem, açaí, mini
 ti, bacaba, naja, ta, pinheiro, castanha
 É legal, eu gosto de caminhar e conhecer.

6MC8

ANEXO C

Produção do Gênero: INSTRUÇÃO DE CULTIVO

Vou falar sobre Processo do açaí
 O açaí o processo foi que vai o buraco tirou o P. do
 Açaí para P. para colocar açaí de ser Plomado
 A Pessoa alimto o P. do tipo os bolsos para jogar adubo
 Para fazer o que mais rápido e Para de mão Fico muito
 grande.

6M17

ai eu me lembro que o açaí ele é plantado
 primeiro agente planta o coraçao e depois
 a gente tem que molhar e a planta tem
 que regar ~~na~~ e quando agente ver
 que tá tá bem maduro a gente põe o
 adubo para ele crescer e agente tem que
 molhar todos os dias e ela tem que
 regar sob todos os dias e é isso o que
 a pessoa fala tem

6F14

Caprichel

Hidroponia

O sistema hidroponia é um trabalho na água, é uma técnica
 de cultivo de hortaliças, frutas e flores, em que as plantas não entram
 em contato com o solo. A hidroponia é um cultivo limpo onde a
 planta recebe apenas o que necessita e na dose correta: Sol, água
 e nutrientes.

A hidroponia cultiva alface, tomate e chuchu verde são as
 culturas mais difundidas, para fazer o cultivo da hidroponia,
 tem menos mão de obra, mais produtividade, menos espaços,
 é uma técnica, muito boa para o agricultor, traz mais
 renda e os alimentos ficam mais saudáveis.

6F17

ANEXO D

Produção do Gênero: POEMA

Deixemos crescer a nossa natureza.
 Cuidar mais do que é nosso.
 Não precisamos de seus frutos.
 Porque ela nos alimenta e nos sustenta.

Muitos destroem contando os átomos,
 e causando queimada e poluição.
 Cuidem do que Deus lhe deu,
 Nada de lixo e destruição!

Não jogue lixo na rio,
 porque nós nos alimentamos dos peixes.
 Não desperdice a água,
 porque água é vida e sem ela nós não vivemos.

Então, preste atenção!
 porque água é natureza,
 natureza é importante pra vida.

6FP3

Amigo de verdade é a quem
 que continua acreditando em você
 na sua capacidade de vencer.
 Mesmo quando você deixa de acreditar.
 Até quando está muito
 embora mais ele não deixa de acreditar
 ele meda fora para vencer
 cada vez mais ele diz quando é
 não e me ajuda com sua ta a me
 um. o amigo sempre se tapresente
 ele sempre ajuda para fazer o
 melhor para vencer as dificuldades
 e sai vitorioso!

6MP8

ANEXO E

Produção do Gênero: TRELHOS DE TEXTOS

Eu gosto de brincar com meus amigos de jogar futebol de tomar banho no gênero. Eu moro no Cid. i e um lugar tranquilo legal. minha brincadeira preferida e jogar futebol.

Eu gosto de ler histórias mais a parte que gosto de ler mais foi ad capê essa história antiga

onde eu moro não sou acostumado a ler histórias mais o que eu gosto de fazer e jogar futebol mais porque isso que eu gosto mais eu gosto de jogar de dama e brigada de galo

O SÃO ALIMENTOS ORGÂNICOS
 R= São aqueles obtidos de forma direta dos produtores e mermas da agricultura orgânica.
 • de outras características, são produzidos livre de agrotóxicos e de adubos químicos;
 • o agricultor orgânico respeita o meio ambiente.
 Por isso, existe nas áreas de agricultura orgânica, variedades com finalidade de preservar o solo,

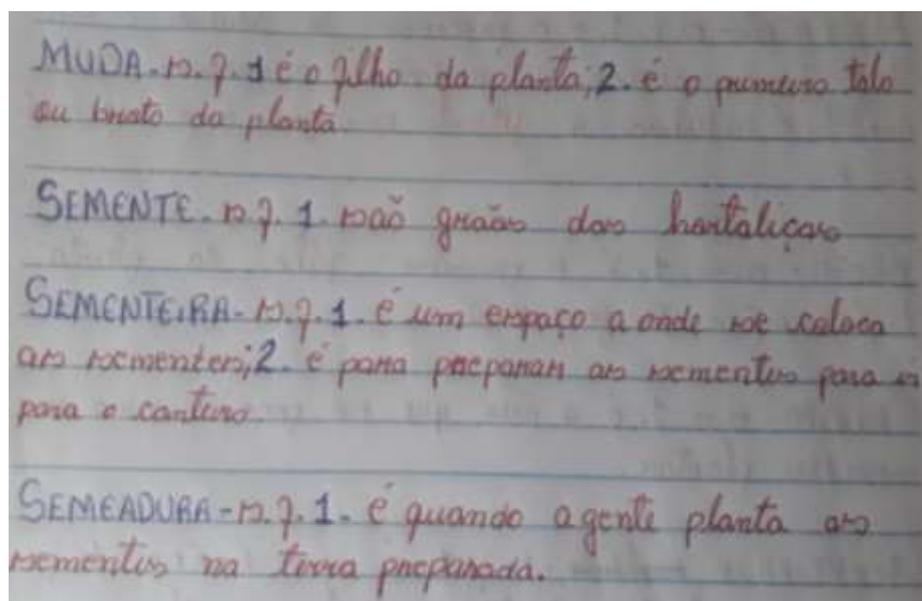
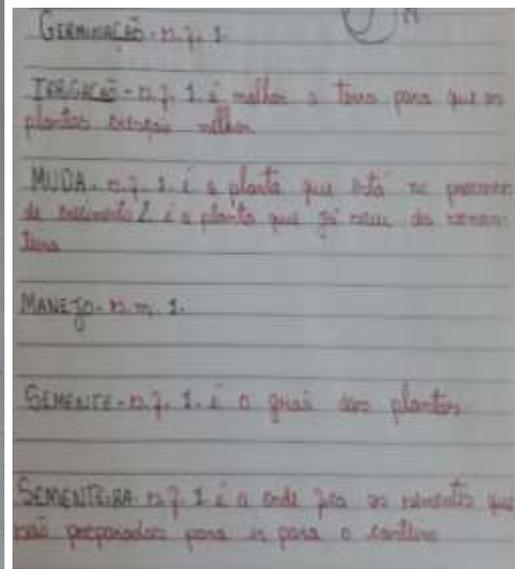
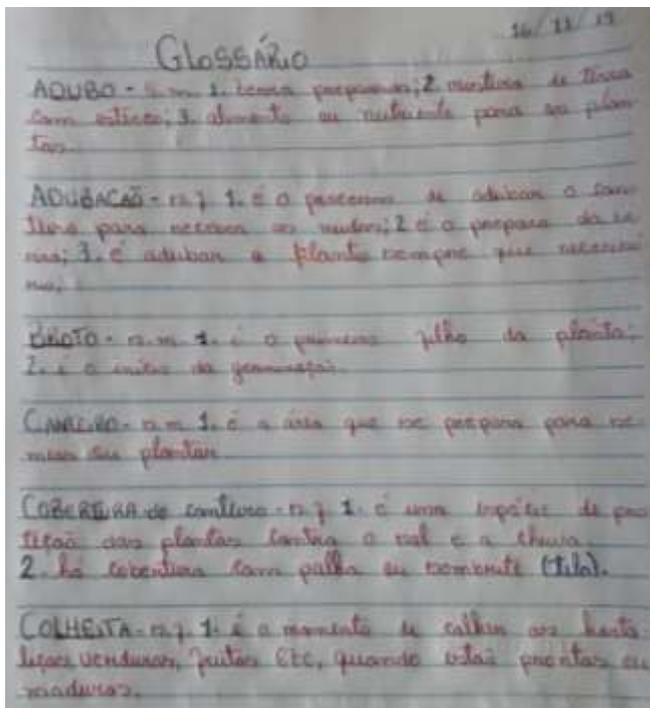
ANEXO F
FICHAS CATALOGRÁFICAS

A	7	V9
<p style="text-align: center;">Aviário (A-vi-á-rio) m.m</p> <p>① local que serve para abrigar as aves como frango, galinha pintos, galo.; ② viveiro de criação de aves.</p> <p>Ex: Quando você precisar criar frangos é necessário ter um lugar bom e adequado como o aviário.</p>		
<p style="text-align: center;">AVIÁRIO s.m (a-vi-ó-rio; aviários)</p> <p>① local que serve para abrigar as aves como frango, galinha pintos, galo.; ② viveiro de criação de aves.</p> <p>Ex: Quando você precisar criar frangos é necessário ter um lugar bom e adequado como o aviário.</p>		

T	7	M
<p style="text-align: center;">Terçado (Ter-ça-do) m.m.</p> <p>① ferramenta de roçagem e capina, utilizado pelos roçadores da agricultura.</p> <p>Ex: O agricultor pegou o terçado para podar as plantas.</p>		
<p style="text-align: center;">TESOURA DE PODA s.m (te-ssu-ora-de-po-da; tesouras de poda)</p> <p>① instrumento que serve para podar as galhos improdutivos das plantas para o seu bom desenvolvimento.</p> <p>Ex. de uso: O agricultor utiliza a tesoura de poda para a retirada de galhos e ramos.</p>		

ANEXO G

PEQUENOS GLOSSÁRIOS



ANEXO H

VERBETES

E

H2

Esterco (es-ter-co) s.m.

① Fez de animais (gado ou ave) ricas em nutrientes que quando misturadas com terra servem como alimento (adubo) para o desenvolvimento das plantas.

Ex. de uso: O adubo foi preparado com esterco de galinha.

Estiagem (es-ti-a-gem) s.f.

① falta prolongada de chuva na plantação.

Ex. de uso: Por causa da estiagem é preciso irrigar mais vezes o plantio.

A

6

L9

H8/14

Antepão (ar-te-pão) s.m. Antepões

1. Criador de objetos a partir de elementos da natureza (bambu, cipó, talas etc), dos recursos do solo bem agredir o meio ambiente e o desenvolvimento do plantio, como: açaizinho, buriti (miriti) e outros.

Ex. de uso: Os antepões da zona rural fazem paneiros e abanicos com talas de guarumã.

Artesanato (ar-te-na-to) s.m. Artesanatos

H8/14

1. Produtores e criadores de materiais da natureza ou reciclados, reaproveitados, cerâmicos, paneiros, peneiras, abanos, brinquedos de miriti, vasilhas de barro, vasos, porta trechos, enfeites, colares etc.

Ex. de uso: Os antepões produzem seus artesanatos com recursos da natureza.

ANEXO I

RECEITA CASEIRA

Receita de Remédio Caseiro
Nome: Chá de Camomila

Ingredientes:
1 litro de água filtrada.
Cerca 5 folhas de camomila.
e ferver em abajante a gosto.

Modo de preparar:
1) Levar bem as folhas.
2) Triturar as folhas a mão.
3) Adicionar as folhas na água fervendo.

Modo de Conservar:
Levar em um copo de 50 ml.
Tomar conforme a sua necessidade.

Indicação:
Tomar o chá de camomila, somente quando sofrer com insônia.

Contra-indicação:
Este chá é um calmante natural desenvolvido pelos indígenas.
Este chá é bom para curar a insônia.

Nome de informante: Laque Rodrigues Mendes (Pai)

Idade: 45 Anos
Naturalidade: Bancanena/Pa.

Língua Portuguesa

Entrevista em Casa

"Chá 1/2 Inflamações nos órgãos íntimos."

1 Punhado de unha de gato. Ninka Tia
1 Punhado de verônica.
1 Punhado da Corça do Zabotimão.
1 Punhado da Corça da Catimba.

Colocar tudo em um recipiente, depois em um outro recipiente colocar 400 ml de água e colocar para ferver. Depois de ferver pega a água quente despeja sobre os ingredientes e deixar o chá descansando por 5 minutos. Depois pode tomar 3 vezes ao dia.

Ninka Vó

Machucado = O sumo dele é muito bom para gastrite e azia
O Uru = O chá dele é muito bom para febre.
Zabaga = Trizem os mais velhos que é bom para ferimento

ANEXO J

RECONTO DE HISTÓRIA

Após ouvir a contação de histórias amazônicas encalha uma delas e rescreve-a escrevendo em seu caderno.

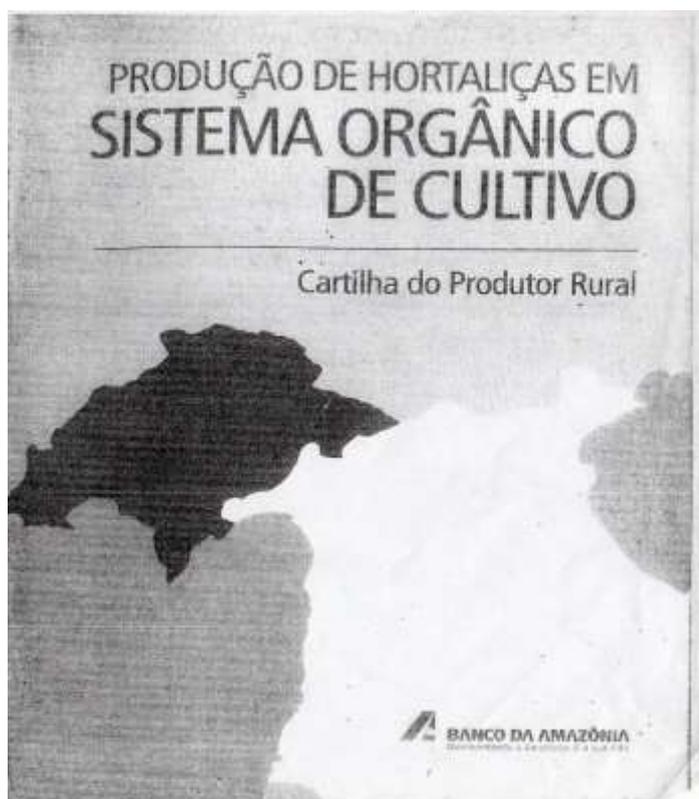
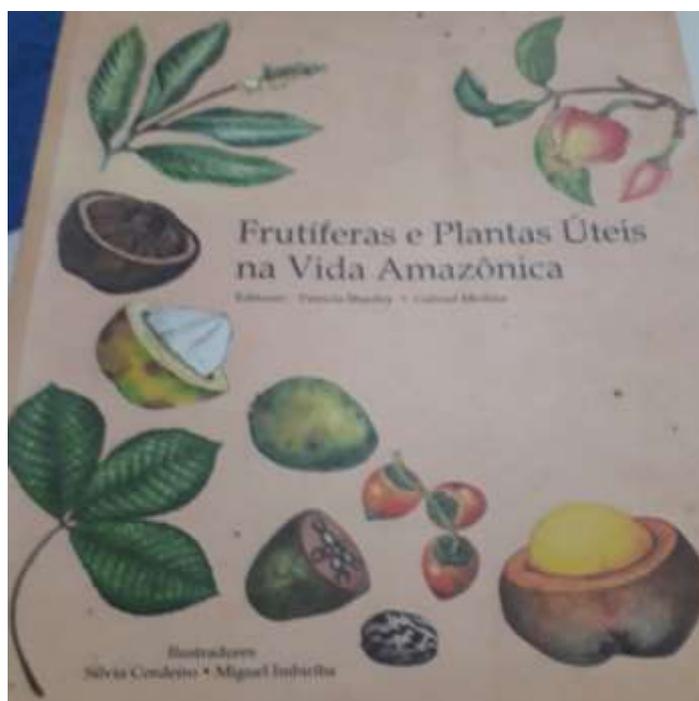
Lenda da mandioca

Era uma vez uma filha de um cacique que tinha engravidado de um desconhecido certo dia seu pai teve um sonho com um homem branco e ele dizia que não era para ele ficar triste pois a sua filha ainda era pura e o cacique ficou muito feliz e começou a tratar bem sua filha passou alguns luas e sua filha deu a luz a uma menina branquinha era muito inteligente, sorridente e divertida todas gostavam dela e seu nome era mani um dia quando ela estava dormindo na casa sua mãe foi acordada mais para sua surpresa mani estava morta sua mãe ficou desesperada e muito triste ela enterrou sua filha na frente da casa e toda dia ia regar a cova com suas lágrimas certo dia cresceu uma planta desconhecida pela tribo mesmo assim a mãe de mani cuidava dela mais um dia começou a rachar a terra sua mãe percebeu que era sua filha iria voltar e começou a cavar mais e que ela encontrou foi uma raiz por fora marrom e por dentro branca como leite

naquele dia eles não imaginavam que aquela planta poderia ser a comida principal para aquela tribo e também para outras como hoje que em todas as tribos tem.

ANEXO K

MANUAL DE CULTIVOS



APÊNDICE 1**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO/CONSENTIMENTO**

Eu, _____,
residente em _____,
_____ - _____, portador do documento Registro de Identidade nº
_____, emitido em _____, declaro que autorizo a
Professora ***Helena do Socorro Damasceno Palheta Borges*** a utilizar o nome e a imagem de
meu(minha) filho(a): _____, em
suporte de vídeo, fotografia, desenhos, para publicação de seu Trabalho de Pesquisa do Curso
de Mestrado Profissional – PROFLETRAS/UFPA, como também em apresentações de
Congressos, Seminários ou Eventos de Formação, com o propósito de expor e divulgar o
percurso e o resultado do trabalho de pesquisa realizado com alunos da Escola Municipal de
Ensino Fundamental Agrícola de Barcarena, cujo objetivo foi a Mediação do Processo de
Escrita dos Alunos da Escola do Campo. Tal pesquisa resultou em um Glossário dos Termos
Agrícolas, que servirá de material didático às escolas.

Declaro ainda que não ficou acordada nenhuma contrapartida monetária em troca.

Data: ____/____/____

Assinatura dos Pais / Responsável

APÊNDICE 2 ALGUMAS FOTOS



